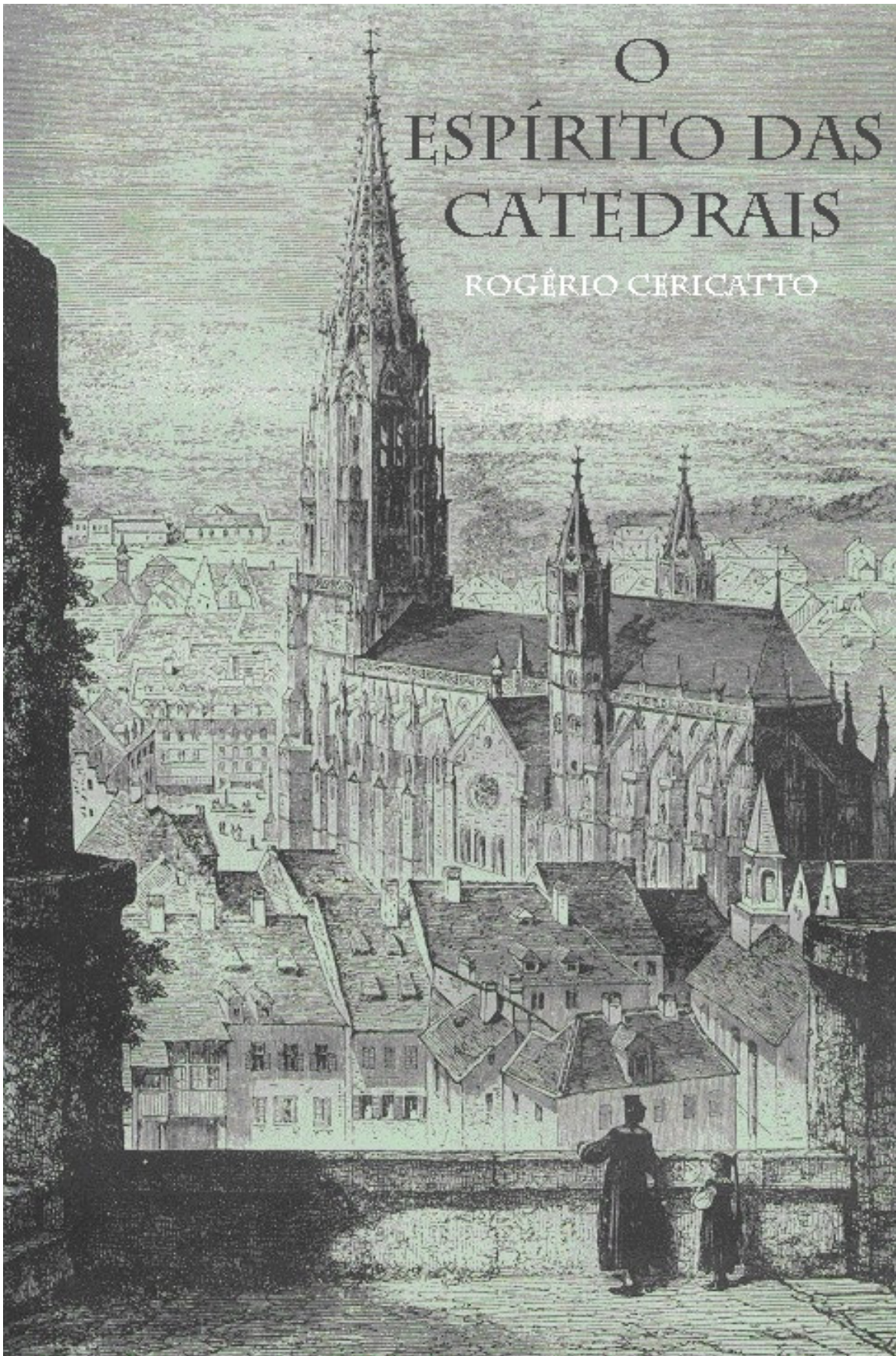


O ESPÍRITO DAS CATEDRAIS

ROGÉRIO CERICATTO





O
Espírito das
Catedrais

Rogério Cericatto

Àqueles que ainda
não conhecem
a Verdade.

“Todas as minhas experiências me provaram que não existe outro deus a não ser a verdade.”

Mahatma Gandhi

“Não se pode ensinar a verdade a ninguém; pode-se apenas auxiliar a descobrir por si mesmo.”

Galileu Galilei

“São filósofos verdadeiros aqueles que gostam de contemplar a verdade.”

Platão

“A verdade é o desconhecido que me habita e a cada amanhecer me dá um soco.”

Carlos Drummond de Andrade.

“Eu vivi minha vida toda procurando a verdade, e ainda não encontrei.”

Buda

“Os que conhecem a verdade não são iguais àqueles que a amam.”

Confúcio

“Perdoe-me Senhor, não sabia que eu estava errado e que eras a verdade.”

Charles Darwin

“Nada enfurece tanto o homem como a verdade.”

Sigmund Freud

“O que é a verdade?”

Sócrates

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.”

Jesus Cristo

(Jo. 14:6)



Paris – França
12 de Agosto de 1163
Margens do Rio Senna

A tarde avançava rapidamente, o Sol já estava procurando seu regaço para findar o dia tão lento. Os poucos barcos que ainda margeavam o grupo de camponeses já estavam em sua rota para casa. Muitos já se encontravam atacadados no pequeno porto e seus donos já no caminho de suas famílias.

Era uma tarde tranqüila e a temperatura estava deliciosa. Uma grande noite estava sendo anunciada na pequena vila Paris.

O grupo de camponeses que se encontrava parado à sombra de um grande carvalho esperava pacientemente o início das solenidades.

Maurice de Sully entregou a pedra fundamental ao Papa Alexandre III, este recebeu-a e lhe esboçou um sorriso acolhedor. Maurice sorriu em resposta e afastou. O sumo Pontífice pôs a pedra no chão declarou em voz alta para o grupo de camponeses e bispos que estavam ali presentes:

— Assim disse Salomão: Durante o tempo de meu Pai, não foi possível edificar uma casa ao Senhor pois as guerras e as aflições eram muitas, mas o povo de Israel necessita de um lugar onde irá Adorar ao Senhor dos Exércitos, sendo assim, eu edificarei uma casa ao Senhor. Tomando estas palavras dita pelo grande Rei Salomão, eu Alexandre III, santifico este lugar e cravo aqui a pedra de esquina, a pedra angular da nave. Pedra que será a primeira, para a construção da casa ao Senhor.

Com estas palavras ele iniciou ali, naquele instante, diante dos camponeses, bispos e pescadores curiosos a construção da mais famosa catedral do mundo. A Catedral de Notre Dame.



Toledo – Paraná – Brasil
4 de Dezembro de 1994
Trevo Rodoviário

Já se passaram mais dezessete anos desde a última vez em que Carlos passou por este Trevo. Olhando pela janela do ônibus era fácil notar que muitas coisas mudaram, mas existiam sempre aquelas que continuavam iguais, como se vivessem para sempre. Como a estátua do Leão. O Símbolo da força e prestígio que um dia o Lions Club exercia na Cidade. Hoje apenas uma estátua velha e cheia de defeitos, mas ainda lá, como se dissesse: “Nem mesmo o tempo foi capaz de me destruir! Nem mesmo o futuro foi capaz de me destruir!”

Futuro. Esta era uma preocupação que insistia em abraçar Carlos. O que será do futuro, agora? O que vai ser? O que me espera o amanhã?

Agora, passando por estes caminhos, a mente exigia todas as lembranças desde o dia em colocou o pé na estrada. Tentou prometer a si mesmo tentar esquecer todos os fatos, mas sabia que era impossível acreditar nisso. Afinal, era o seu passado e por mais que ele não gostasse, teria que levá-lo consigo todos os dias de sua vida.

A medida em que o velho ônibus da Nordeste seguia seu rumo ao destino final, Carlos sentia que seu coração ia ficando cada vez mais apertado. Fechou os olhos, respirou fundo e organizou seus pensamentos. Em poucas horas uma nova página da sua vida iria ser virada. Em poucas horas estaria em casa.

“Nous sommes la Raison!”

A frase ainda parecia um sussurro em sua cabeça.

“Nous sommes la Raison!”

Ainda podia ouvir claramente, como um grito de desespero. Um grito que ecoava através dos séculos e chegava até sua alma.

Não dando importância ao passageiro alto e magro, de olhos claros, barba pôr fazer e silenciosamente acomodado na poltrona 27, o ônibus continuava a seguir seu caminho pela BR369.

Carlos continuou olhando pela janela, tudo parecia um filme, Toledo estava ficando para trás, o filme continuava a rodar. Sim, o filme continuava, mas estava acabando. Respirou fundo novamente. Fechou os olhos tentou pensar em alguma coisa boa, para afugentar estas lembranças amargas, mas sabia que não iria conseguir.

“Nous sommes la Raison!”



Paris – França
12 de Agosto de 1163
Margens do Rio Senna

Muitos dos camponeses que estavam ali, não faziam idéia da proporção do acontecimento que estavam sendo testemunhas. A tarde foi avançando e eles continuavam se deliciando com as palavras e as repreensões do Papa.

Um banquete foi preparado. Assim que terminou as solenidades, sem demora seguiram para a mesa preparada com frutas, carnes, pão e vinho.

Não demorou muito para que a mesa já estivesse vazia. Muitos preferiram pegar a maior quantidade de comida possível e guardar para comer em casa do que ali. Alguns poucos, formando uma roda de amigos, preferiram alimentar-se ali mesmo. Mas a grande maioria preferiu ir embora.

O Papa Alexandre III também. Despediu-se dos camponeses e adentrou à enorme embarcação toda talhada com insígnias cristãs que a tempos estava lhe aguardando. Pensou consigo mesmo, enquanto entrava na embarcação em nunca mais pisar naquele terreno feio e árido, mas sabia que isso era uma mentira. Anos depois teria que voltar para a confraria.

Maurice de Sully observava todos os movimentos do sumo Pontífice. Assim que este entrou na embarcação, tomou outro rumo. Esquivou-se dos poucos camponeses que ainda estavam comendo do banquete e foi ao encontro de um pequeno grupo de jovens rapazes que estavam sob a já negra sombra de uma árvore.

— Nous sommes la Raison! – disse ele.

Os outros rapazes em coro responderam.

— Nous sommes la Raison!

Maurice sorriu e brindou com eles o grande dia. Para alguns, aquele lugar seria um lugar de adoração, para outros um refúgio de fé, mas para ele, e para os outros que ali estavam aquele seria o maior e mais completo local para a reunião da irmandade. O local perfeito para a reunião da confraria, A reunião dos Templários.



upãssi – Paraná – Brasil
3 de Fevereiro de 1984
Rodoviária

— Tome muito cuidado, Carlos. Tenha muito juízo e obedeça o Padre. Sabe que eu e seu pai esperamos que você seja um grande homem. Não nos decepcione e não decepcione Nossa Senhora que te escolheu para ser um grande Padre também. Tá vendo ali a Igreja? Um dia você vai ser o padre dali, Nossa Senhora é quem vai te colocar ali.

— Se Deus quiser, Mãe! – disse Carlos com convicção.

O Velho ônibus Mercedes encostou e abriu a porta. Carlos entregou o Bilhete para o cobrador e entrou. Procurou um lugar para viajar. Colocou as malas no bagageiro e sentou-se. Da janela ele ainda podia ver sua mãe sorrindo e lhe desejando a melhor sorte do mundo.

Os outros poucos passageiros não sabiam quem ele era nem para onde ele iria, mas ele sentia-se como se todos fossem sua família. Bem, ele estava abandonando a sua agora, e, dentro em breve teria uma nova.

Nesta época, tinha 16 anos. Sempre foi magro e alto, cabelos lisos e um desejo incrível de conhecer o mundo.

O Motorista do ônibus acionou os motores ainda quentes da viagem anterior e lentamente começou a mover a sua grande estrutura. Carlos ainda pode ver os olhos lagrimejantes da sua Mãe. Um pedaço do seu coração estava ficando com ela. Não sabia ao certo quando iria vê-la novamente, mas iria rezar muito por ela. O ônibus aos poucos foi pegando mais velocidade até que Carlos não pode vê-la mais, mais um pouco e a rodoviária não passava de uma pequeno quadrado cada vez menor, até sumir definitivamente da sua vista.

O ônibus entrou na rodovia BR369 e seguiu seu rumo até Toledo.

Do seminário Santa Mônica saiu uma velha kombi branca e com os pneus carecas até a rodoviária para pegar os seminaristas que estavam para chegar. Já se passava das duas da tarde e, pelo horário já devia haver bastante seminaristas aguardando. Hoje seria um dia movimentado e animado, afinal era o início de mais um ano letivo e a casa estava preparada para receber mais trinta seminaristas.

Carlos estava maravilhado em estar se mudando para Toledo. Entrar num seminário, estudar para ser um padre. Era tudo o que ele queria. Seus olhos brilhavam, e, seu coração batia forte. Nem mesmo a saudade de casa, que já estava começando a bater a porta do seu coração foi capaz de vencer a expectativa que ele sentia.

A viagem de uma hora durou quase uma eternidade, seus pensamentos voavam. Já se imaginava entregando as hóstias para os fiéis, lendo a santa palavra e ouvindo as confissões. Seria um grande padre, com certeza seria.



Paris – França
9 de Setembro de 1163
Margens do Rio Senna

Acabava de chegar mais uma charrete com pedras para a base da catedral. Maurice de Sully supervisionava de braços cruzados os camponeses descarregando e colocando as pedras no chão. A construção da catedral ficou sobre sua responsabilidade. Profundo conhecedor de engenharia, e já construtor de outras casas, Maurice não questionou nem argumentou quando recebeu esta responsabilidade. Sabia quais eram as intenções do Papa e do Concílio dos bispos quando foi informado desta nova construção.

A planta encontrava-se em suas mãos, ele olhou-a novamente para se certificar de que tudo estava de acordo com o esperado.

As galerias e o subsolo da catedral deveria ser muito bem planejadas, já que haveria também passagens secretas para as reuniões dos templários.

A única pessoa que possuía as plantas era ele. Sendo assim, ninguém sabia ao certo que estava construindo, mas desde que estivesse sob a aprovação de seus olhos, os camponeses e ajudantes julgavam-se contentes.

Assim seguia a construção. Pedra por pedra, centímetro por centímetro.

Maurice supervisionava todo o trabalho com orgulho. Num futuro bem próximo o templo estaria pronto. Os templários finalmente teriam um lugar para se encontrar sem que a perseguição dos bárbaros e curiosos estivessem sempre a espreita. Ninguém poderia imaginar que uma catedral iria servir como um lugar de adoração ao grande arquiteto do mundo.

O tempo foi passando, e Maurice só deu conta quando a fundação já estava pronta. Estavam agora trabalhando na nave principal. Mais camponeses chegaram para trabalhar. A construção ia sendo montada rapidamente.

Sua alegria era imensa. Dentro em breve parte do templo estaria pronto. E na próxima lua já poderiam fazer a primeira reunião.



loledo – Paraná – Brasil
3 de Fevereiro de 1984
Rodoviária

Carlos desceu do ônibus meio zozzo. Estava um pouco desnorreado. A viagem deixou seus músculos um pouco estranhos. Mas rapidamente já se recompôs.

Olhou para todas as direções para ver se, em algum lugar, encontraria o Padre Juarez. Mas não viu nenhum sinal.

Decidiu caminhar até o saguão da rodoviária, mas foi interrompido por uma mão que lhe tocou o ombro.

— Onde pensa que vai, rapaz?

Carlos olhou para o dono daquela voz.

— Padre Juarez! – disse.

Padre Juarez cedeu-lhe um sorriso.

— Olhei para todos os lados, mas não vi nenhum sinal do Senhor.

— Só faltou olhar para um lugar, meu caro Carlos, para cima. – disse Padre num tom sarcástico.

Padre Juarez era um frei franciscano. Da ordem dos Frades Menores. Era baixo e com o peso um pouco fora do padrão. Possuía um rosto redondo e acolhedor, a barba rala mostrava que os anos fizeram dele um homem sério e experiente. Acostumado a questionar tudo o que lhe informavam. Era uma mania. Mas quase ninguém se importava com isso.

Carlos pegou as malas e ficou a fitar o Padre Juarez. Este por sua vez caminhou até o estacionamento da rodoviária e fez sinal para que Carlos o acompanhasse. Quando chegou lá, Carlos deparou com uma Kombi cheia de garotos. O Padre Juarez pegou uma pequena prancheta e riscou outro nome. Por fim contou todos os presentes mais uma vez e concluiu:

— Estávamos apenas aguardando você, Carlos.

Carlos entrou na Kombi e seguiram para o Seminário Santa Mônica, A sua nova casa por um longo tempo.



Paris – França
10 de Abril de 1169
Capela Notre Dame

Já faz seis anos desde que o Papa Alexandre III colocou a pedra fundamental da catedral. Apesar de ser chamada de “capela”, pelo tamanho. Maurice de Sully continuou seu surpreendente trabalho de construção com toda a voracidade e responsabilidade que lhe foi entregue.

Todo subsolo estava pronto. Parecia-se com um labirinto. Galerias e mais galerias se estendiam por baixo da pequena capela, escondendo uma vasta parte territorial não revelada aos olhos curiosos dos camponeses.

No dia do aniversário de Pentecostes, Paris recebeu visitantes do mundo todo. Inclusive o Papa estava presente para a grande festa.

Paris já havia deixado de ser uma pequena vila à muito tempo. Carruagens e cavalos vinham e partiam de lá numa velocidade tal que até mesmo os moradores confundiam as pessoas na rua sem saber distinguir um forasteiro de um residente.

Isso contribuiu para a fama de Paris também. Ouvia-se falar da pequena Paris, desde o Egito até o chamado mundo novo. Conhecida como uma pequena pérola perdida no meio do “disco terrestre”. Muito se fantasiava à seu respeito também, lendas e mitos eram levados pelos mercadores e viajantes pelos campos mais remotos, contribuindo assim para a fama da pequena vila.

Mas principalmente falavam sobre suas festas, como à de Pentecostes e a do aniversário da vila.

O Papa Alexandre III chegou com um comboio de trinta carruagens. Bispos e Cardeais acompanharam sua segunda visita à vila.

Quando ouviu-se na cidade a notícia da sua chegada, muitos camponeses vieram até a pequena capela com esperança de falar com o emissário de Cristo. Mas a decepção foi grande, pois ele não foi até a capela. Deteve-se na casa de Jean Frances Boulever, um rico mercador que possuía um castelo na redondeza da vila.

Maurice também foi chamado à casa de Jean Frances Boulever para apresentar um relatório da construção do templo.

Apressou-se a pegar seu cavalo e dirigir para lá.

Foi recebido pelos Cardeais e após responder um questionário com as curiosidades deles, seguiu para a sala principal do castelo onde o anfitrião e o Papa aguardavam sua presença.

— Eis o homem, que Vossa Santidade aguardava! – anunciou um Cardeal.

Maurice caminhou até onde o Papa Alexandre III encontrava-se sentado, e, ajoelhou. O Papa estendeu-lhe a mão e ele a beijou.

— Nous sommes la Raison! – disse ele assim que voltou a ficar em pé.

— Nous sommes la Raison! – respondeu o Papa.

Alguém trouxe uma cadeira e Maurice sentou-se. Só agora ele pode ver a grandiosidade da sala onde estava. Grandes molduras suspendiam quadros pesados. Toda a parede era revestida de madeira de Cedro. O teto alto permitia a entrada da luz por vários lugares. As grandes vidraças ricas em detalhes e mosaicos contribuíam para o esplendor do lugar. O Papa sentava-se em seu trono que acompanhava-o em todas as suas viagens. Jean Frances Bouliver sentava-se também à sua proporção, numa poltrona muito bem trabalhada e rica em detalhes. Nada comparado ao trono de ouro do Papa, mas também caríssima em detalhes e requinte.

Um longo sofá era distribuído de pelo ambiente de forma a receber muitas pessoas. Tal como estava neste momento, repleto de Cardeais e Bispos que compunham a “Armada do Papa”.

A atenção estava toda em si. Os olhos curiosos dos Bispos e Cardeais estavam percorrendo todo o seu corpo em busca de respostas. Estavam diante do famoso Maurice de Sully. O Papa sempre recebia informações sobre a construção do templo. Junto a elas o nome: “Maurice de Sully” era pronunciado, assim, despertando a curiosidade de todos os Bispos e Cardeais que participavam da confraria. Muitos estavam visitando o templo pela primeira vez, e pela primeira vez estavam diante do homem que tornou tudo isso possível. Diante deles estava em carne e osso o “Arquiteto do templo”.

— Pela misericórdia de Deus, a bênção Papal seja sobre as novidades que você traz. – disse o Papa dissipando todos os seus pensamentos.

— Deus abençoe à vós Sumo Sacerdote. – respondeu ele.

Maurice olhou nos olhos de Jean Frances Bouliver e encontrou como que uma frase: “O Papa quer saber das novidades!”

— Senhor, - começou Maurice — trago notícias do templo que são de sua alegria. Temos trabalhado assiduamente de sol à sol fazendo o melhor possível para a conclusão da obra. Seis anos já se passaram desde que a Vossa Excelência colocou naquele chão abençoado a pedra fundamental. As paredes do primeiro pavimento já foram erguidas e uma pequena parte delas já foi coberta. Isso fez com que os camponeses colocassem o nome do templo de “capela”. O Subsolo, que sei ser de seu maior interesse, está pronto e já a tempos tem servido-nos para reunião.

— De tudo isso tenho conhecimento. – disse Alexandre III — O Senhor Deus tem permitido chegar ao meu ouvido os progressos que vós tem feito para a sua obra. Queria ouvir com meus próprios ouvidos da sua boca as informações que já tenho conhecimento. Assim sendo, autorizo o envio imediato da obras disponíveis para as reuniões.

Maurice de Sully sorriu feliz. O livros que a tanto tempo ele esperava, finalmente estariam sendo enviados. A biblioteca mais rica do mundo estaria em breve, diante dos seus olhos.

— Santo Padre, sei que vosso templo será digno de receber tamanha contribuição. Tomo a liberdade de convidá-lo e ao senhor Jean Frances

Bouliver para visitar a “capela” e verem com os próprios olhos o progresso que temos atingido.

— Estou certo que quando for, me surpreenderei com o que irei ver, muito mais do que os olhos da imaginação puderam me mostrar. – respondeu o sumo pontífice.



oledo – Paraná – Brasil
3 de Fevereiro de 1984
Rodoviária

— Como você chama?

Carlos virou-se para o jovem magro sentado ao seu lado.

— Carlos. – respondeu. — E você?

— Marcelo.

— De onde você é? – começou Carlos.

— De Nova Aurora. E você?

— De Tupãssi.

— Já visitou o seminário? – perguntou Marcelo.

— Já sim, fiquei na dúvida, em vir para cá ou ir para Maringá, mas achei este aqui melhor, na verdade eu sempre quis conhecer a história dos Franciscanos e isso uniu o útil ao agradável.

— Que bom.

— E você? Já conhece lá?

A Kombi estacionou na frente de um colégio antigo. Marcelo achou que estava no Seminário. Houve um silêncio no interior do veículo.

— Ainda não é aqui. – disse Carlos, compreendendo os pensamentos de Marcelo.

O Padre Juarez desceu do carro e seguiu para a escola à dentro. Minutos depois voltou com mais um jovem com olhos inquietos.

Assim que ele se acomodou no carro, o Padre Juarez voltou para o volante e continuaram a viagem.

— Falta muito ainda? – perguntou Marcelo à Carlos.

— Não, já estamos chegando.

— Não, eu ainda não fui lá. Respondendo a sua pergunta anterior. Por isso estou apreensivo. Não sei como é.

— Não se preocupe. É uma igreja. Não muda muito disso não. A única diferença é que possui um alojamento e umas salas para aula de Teologia.

Após Carlos dizer isso, o silêncio se instaurou novamente no interior da Kombi.

Carlos ficou perdido em seus pensamentos, assim como todos os outros jovens. Ainda não se conheciam, e nem sabiam que iriam passar um bom tempo de suas vidas juntos, mas naquele momento ninguém queria conversar. Talvez por vergonha ou timidez, mas de uma forma geral, achavam que o silêncio era uma virtude Franciscana e que deviam desenvolver isso em suas vidas.

Carlos pensou novamente em sua terra natal. A pequena Chácara. A rotina de levantar antes do Sol, descer até o estábulo, tirar o leite da vaca, voltar e jogar milho para as galinhas. Parecia que o tempo não andava. Tudo

era calmo e tranqüilo. Depois, na pequena lavoura, ir carpir as ervas daninhas que atrapalhavam a pequena plantação de soja.

Nos fins de semana, seguia para a igreja. Este era o melhor momento. A vocação sacerdotal estava sempre lhe chamando. Não perdia uma missa. Não podia perder.

Depois veio as aulas na Escola do Sítio. E até que em fim segundo grau. A escola era muito boa. As amizades também.

Sempre é bom ter vários amigos. Em casa, volta e meia, algum vinha lhe convidar para pescar, ou para jogar bola. E o tempo, como sempre, parado como uma estátua.

Certa vez, sentado à beira de um lago pescando, sob o sol quente e o calor típico do interior, Carlos tentava ficar o máximo possível em silêncio apenas para ouvir o som da água e dos pássaros que cantavam ao redor. Foi uma sensação maravilhosa. Nunca havia reparado como os canto dos pássaros era tão lindo. Será que eles cantam por algum motivo? Se sim, deve ser para Deus. E a água? Será que o som que ela produz é para dizer o quanto majestoso Deus é em lhe permitir correr livre pela terra à caminho do mar?

Carlos queria poder sentir a natureza desta forma que sentia naquele instante, por toda a sua vida. Tudo era perfeito. Tudo se encaixava perfeitamente. Sob uma árvore que crescia frondosa, vivia várias plantas. A sombra produzida por ela era mais que suficiente para as pequenas plantas viverem. E isso atraía insetos que polinizadores, contribuía para a formação de frutos, por sua vez novas sementes e novas árvores. Desta forma perfeita a floresta se renovava e a vida também.

Deus tinha resposta para tudo. Carlos sabia que se quisesse alcançar a resposta para todas as dúvida, todos os desejos da sua alma ele teria que encontrar em Deus. Daí estar mais perto possível. Ser um homem verdadeiro de Deus. Ser um Padre! Um emissário de Deus para levar a luz aos homens que se encontram nas trevas.

Isso brotava em seu coração de uma forma tão poderosa que foi capaz de suprir os outros sonhos. Principalmente à Raquel.

Não havia espaço para ela nestes sonhos. Raquel, que todos dizem ser sua namoradinha desde à infância. Ela não tinha espaço na sua futura vida sacerdotal, e ele deixou isso claro quando foi matriculado no Seminário Santa Mônica. Por mais que seu coração, volta e meia dizia que ele seria feliz com ela, a razão não permitia ele mudar a convicção. E deu voz à razão.

A Kombi finalmente parou. Carlos e os outros garotos viraram suas cabeças para a pequena igreja Nossa Senhora de Santa Mônica.

O Padre Juarez pediu para que todos descessem com suas malas. Assim fizeram.

No portão de entrada do Seminário, três outros frades estavam aguardando os novos alunos do ano letivo.

Um a um, foram cumprimentando os jovens e indicando que caminhassem para uma pequena sala de recepção onde iriam receber os primeiros avisos, e onde outros jovens também já estavam aguardando.

Carlos estava feliz. Um objetivo havia sido alcançado em sua vida. Agora que ele passou pela entrada do seminário. Faltava apenas um passo para chegar bem perto de Deus. Estava apenas à um passo da verdade, à um passo de todas as respostas. Assim ele pensava.



Paris – França
8 de Junho de 1169
Capela Notre Dame

Maurice de Sully supervisionava a entrega da última remessa de livros. O sumo pontífice realmente não havia poupado custos. Caixas e mais caixas repletas de obras cujo valor, aos olhos de Maurice eram incalculáveis. Livros de todos os lugares do mundo, desde a Entióquia antiga até o vale do Nilo.

Tudo diante de seus olhos. O conhecimento e a resposta para todas as perguntas do mundo estavam diante dos seus olhos. Pergaminhos, rolos, tábuas, vasos e muitos volumes de livros que ele sozinho jamais poderia conseguir. Anos de guerra e de lutas desferida pelos Templários conseguiram reunir a mais completa biblioteca do mundo. Livros que falavam desde as plantas que nasciam nas encostas das paredes, até livros que transcendiam o conhecimento humano sobre Deus e sobre o céu.

Assim que a carroça partiu levando os sacerdotes que trouxeram pessoalmente os últimos livros, ele organizou um pequeno grupo para retirar as obras das caixas e colocar em rigorosa ordem nas prateleiras espalhadas pela galeria subterrânea.

A maior biblioteca do mundo estava sendo montada. Maurice sorria em pensar que ele estava sendo testemunha disso.

Caminhou até uma pequena viela e desceu alguns degraus até as galerias subterrâneas. Os grupo de rapazes organizados com suas tarefas começaram a catalogar os livros e distribuírem de foram ordenada e correta. Maurice deteve-se diante de uma das caixas abertas. Olhou para seu interior e pegou um livro diferente dos demais que ali estavam.

Era um pequeno livro gasto pelo tempo. Devido ao seu uso contínuo ou ao manuseio contínuo, estava deteriorado.

Ele abriu o pequeno objeto diante dos seus olhos. Figuras estranhas e letras confusas apareceram como que rabiscos numa folha de papel qualquer.

Procurou o título do livro, mas só encontrou mais figuras e emblemas estranhos. Julgou ser de alguma língua que ele não conhecia, mas que iria aprender. A biblioteca subterrânea de Notre Dame seria sua nova casa agora, ele iria aprender as línguas dos povos desconhecidos e iria ler todas as obras que pudesse. Ele realmente seria um profundo conhecedor das letras e iria beber desta fonte inesgotável de conhecimento.

Colocou o livro de volta à caixa e subiu à superfície da pequena capela.

Cuidou para que a passagem secreta no centro da capela fosse bem escondida. De forma que após a arrumação dos livros, a atual passagem para o subsolo fosse fechada. Só a quem ele daria a chave da passagem seria permitida a entrada. A primeira função para qual o sumo pontífice lhe havia designado, estava cumprida. Ele havia construído todas as galerias subterrâneas da futura catedral. O lugar estava muito bem guardado e os

poucos que sabiam como entrar lá, dentro em breve não saberiam mais, pois a porta seria lacrada e só existiria um único caminho. Um caminho que só ele sabia.

Dentro em breve poucos entrariam pelo caminho da galeria subterrânea, só a confraria. Só os Templários.



loledo – Paraná – Brasil
3 de Fevereiro de 1984
Seminário Santa Mônica

Carlos finalmente deitou-se na cama. O primeiro dia no Seminário havia terminado em fim. Então era isso. Tudo o que ele mais queria na vida havia acontecido. Tudo.

Em silêncio ele podia ouvir o ronco de Marcelo que dormia na cama ao lado. Era um pouco alto, mas ele estava tão concentrado nos pensamentos pelo que havia visto e ouvido durante o dia, que nem importava.

Recebeu sua Bíblia, e o “Divina Providência” um pequeno livro contendo todas as normas e regras para a sua conduta no Seminário e na vida Franciscana.

Recebeu as instruções para de como ler o Divina Providência, e todas as outras informações sobre o primeiro ano no seminário.

Já passava das dez da noite, mas ele não estava com sono. Sabia que devia levantar às cinco para a vigília da manhã, mas mesmo assim, estava tão feliz que não se importava em passar a noite em claro.

Ficou olhando o teto do quarto e pensando que Deus iria aparecer à qualquer momento e falar com ele. Não era assim que devia acontecer?

Tudo bem, se não fosse hoje, talvez amanhã Deus aparecia. Ele iria aguardar pacientemente.

Pensou na sua casa. Sentiu novamente uma pontada de saudade.

Não queria, mas lembrou-se de Raquel também. Dentro em breve ele deveria esquecer ela definitivamente. Achou melhor não ficar pensando tanto assim nela.

Lembrou-se de tudo o que havia conhecido durante o dia. O bosque de São Natanael, a biblioteca, o campo de futebol, a praça de alimentação, o alojamento dos padres, o alojamento dos estudantes, conheceu outros jovens de várias localidades.

Para ele tudo estava maravilhoso. Mais maravilhoso do que tudo o que ele havia visto, com certeza era a Capela de Santa Mônica. O motivo principal do Seminário. O lugar mais encantador que ele havia visto. A santa estava lá. Estendendo-lhe os seus braços para lhe receber.

Seu coração estava jubilando quando ele entrou lá. Rezou para ela e assim que saiu sentiu o laço que ligava sua vida à vida sacerdotal mais forte.

Aos poucos o sono veio chegando e ele acabou adormecendo entre pensamentos doces e cheios de vitórias.

No meio da noite acordou. Sentiu sede e foi até o corredor. Encontrou o bebedouro e tomou alguns goles de água.

Ouviu uma conversa que vinha de um dos quarto que deixava transparecer por baixo da porta a luz, que estava acesa. Ficou intrigado.

Caminhou lentamente em direção ao quarto, ainda sonolento. Tentou ouvir a melhor a conversa.

— Está perdido?

A pergunta surgiu como um punhal no seu coração.

Ele voltou-se e viu o Padre Juarez de braços cruzados e um olhar inquisidor.

— Padre Juarez?

— Carlos.

Os olhos dele pareciam duas faíscas brilhando no corredor escuro.

— Eu levantei para tomar água, aí eu vi a luz acesa...

Apontou para a porta do quarto, mas a luz acesa não existia mais.

— Ué? A luz estava acesa...

— Não vejo nenhuma luz acesa, Carlos. — O Padre Juarez virou-se e foi seguindo o corredor em outra direção. — Volte para cama, temos um longo dia amanhã.

Carlos olhou novamente para a porta e depois para o Padre Juarez que ia sumindo na escuridão do corredor. Ele realmente havia visto a luz acesa.

Tomou mais um gole de água e voltou para a cama. Seja o que for, não era importante.



oledo – Paraná – Brasil
4 de Fevereiro de 1984
Seminário Santa Mônica

Como estava previsto no Divina Providência, o dia iniciou às cinco horas. Carlos, Marcelo e os outros calouros foram até a capela de Santa Mônica e iniciaram o terço.

Todos ajoelharam no chão e agüentaram firmemente as duas horas de reza. Carlos já estava acostumado a rezar o terço todas as manhãs, sendo assim, foi uma sensação normal para ele.

Marcelo não era muito assíduo não. Carlos notou que ele estava com os joelhos incomodados, pois ficava tentando de todas as formas parar de forçar os joelho no chão frio da capela.

Quando as duas dolorosas horas acabaram, todos seguiram para o café.

— Carlos, eu estava quase morrendo! – resmungou Marcelo.

— Ah, que isso, Marcelo, você se acostuma. – amenizou Carlos.

— Eu espero! – concluiu.

Após o café, todos receberam seu primeiro hábito. Carlos achou-o um pouco pequeno, mas era o seu hábito. Se São Francisco usou um, ele também seria capaz de usá-lo.

Após o pequeno tempo de descanso, Carlos e os outros seguiram à sala para a primeira aula no seminário.

Nada mais justo do que a primeira aula ser sobre o motivo principal da existência do movimento Franciscano. A história de São Francisco.

Carlos ficou maravilhado ao saber que São Francisco era jovem como ele quando sentiu a vocação para ser um sacerdote. Filho de um rico mercador, São Francisco sentiu um grande desejo em seu coração de reformar duas igrejas onde ele morava. Após o cumprimento deste objetivo sentiu uma imensa vontade de pregar para todas as pessoas uma vida de caridade e de temor à Deus.

Renunciou ao dinheiro e aos bens que seu pai possuía e vestiu o hábito. Descalço e desprovido de qualquer bem, construiu uma pequena cabana onde chamou de lar.

Saiu pelos vales e campos pregando a caridade e a observância às escrituras. Foi chamado pelo Papa Inocêncio III para explicar o motivo de seus ensinamentos. O Papa ficou tão encantado pelo jovem Francisco que concedeu-lhe a benção Papal.

Em pouco tempo a fama de São Francisco se estendeu tanto, que muitos outros homens vendo seu exemplo, renunciaram às suas vidas pecaminosas e voltaram seu olhos novamente para Deus. muitos até vestiram o hábito e junto com São Francisco seguiram pelo mundo levando palavras de compaixão e consolo.

São Francisco foi como um boi mudo que com seu mugido contagiou o mundo todo.

Carlos estava fascinado por este exemplo de vida. Segurou seu hábito entre os dedos e agradeceu à Deus por lhe dar esta oportunidade de ser alguém também. Assim como São Francisco que viveu e morreu velho vendo os frutos do seu trabalho, ele também iria viver e ver os frutos da sua vida sacerdotal.

A primeira aula terminou deixando uma platéia apaixonada por um exemplo de vida tão grandioso quanto o de São Francisco.

Carlos voltou para o quarto. Trocou de roupa e foi jogar bola. Agora era hora de fazer educação física.

Jogou bola até já escurecer. Voltou para o quarto, tomou banho e foi jantar. Dentro de uma hora haveria a missa e após, novamente a reza do terço até tarde da noite. A vida no Seminário era maravilhosa!



Paris – França
21 de Dezembro de 1173
Capela Notre Dame

Maurice de Sully caminhou sozinho pelas galerias subterrâneas da capela. Já era tarde da noite. Em uma das mãos ele trazia uma lanterna abastecida com banha de porco.

Conhecia os corredores como ninguém, mesmo mal iluminados como estavam. Dobrou à esquerda, novamente à esquerda e depois a direita. Trazia em outra mão dois livros que acabara de ler. Nestes cinco meses em que a biblioteca estava organizada, já havia lido várias obras literárias.

Estava cumprindo sua promessa. Iria beber da fonte do conhecimento tanto quanto pudesse.

Colocou os livros de volta à prateleira e voltou-se para sair da galeria, quando algo lhe chamou a atenção.

Uma pequena caixa estava jogada em baixo da prateleira. Abaixou e a pegou.

Era uma caixa preta, lacrada com cera. Maurice lembrou-se que leu em um livro que os antigos egípcios utilizavam-se de cera para lacrar os ataúdes faraônicos.

Isso lhe deixou intrigado. Com a lanterna tentou procurar algum objeto pontudo para poder abrir a caixa.

Em cima havia inscrições em Hebraico. Agora ele já reconhecia os caracteres que antes eram apenas figuras. Com a lanterna ele iluminou a caixa e leu o que estava escrito, sabia que o Hebraico era escrito de trás para frente, mas apenas conseguiu decifrar duas das três palavras: “Eterno” e “Aqui”.

Achou melhor levar esta caixa para casa. Lá ele poderia abri-la e ver seu conteúdo. Por um instante ele lembrou-se das maldições que leu nos livros egípcios. Será que não existia alguma maldição naquela caixa também? Por que aquela caixa estava lacrada? Qual seria a intenção que quem lacrou?

Ele iria descobrir agora. Fechou a porta da galeria atrás de si e seguiu para a passagem secreta levando consigo uma interrogação e aquela caixa.



loledo – Paraná – Brasil
17 de Agosto de 1984
Seminário Santa Mônica

Carlos já estava acostumado à rotina do seminário. Afinal já se passava seis meses desde iniciou as aulas.

Já havia estudado sobre a vida dos grandes Franciscanos muito bem, conhecia de cor todas as idéias e os fundamentos. Nas provas, ele e Marcelo eram os que melhores notas conseguiam.

Carlos se empolgava quanto falava de São Francisco, já Marcelo, adorava a obra e a vida de Santo Agostinho.

Para Marcelo, o fato de Agostinho ter escrito a primeira bibliografia do mundo foi a idéia mais valiosa que havia conhecido. Achou que cada santo tinha o seu valor e sua vida valia horas e horas de discussão, mas nenhum deles foi mais longe que Santo Agostinho. Através de seu livro de “Confissões”, onde narrou todos os dias de sua vida e todos os seus pensamentos, deixando-nos um legado de valor incalculável!

Já Carlos defendia a simplicidade de São Francisco muito mais do que de Agostinho. Para ele alcançar o mundo com tal proporção que São Francisco havia conseguido não podia nem ser calculado com o livro de Agostinho.

Cada um, a seu modo, defendia suas idéias e seus pensamentos sobre os dois grande pilares da Igreja Católica.

Carlos passava horas conversando com os padres e com os outros jovens seminaristas sobre suas idéias e sobre as idéias de São Francisco. Sempre sobravam debates e discussões sobre todos os pontos de vista.

Para ele, aquilo era incrível. Poder conversar abertamente sobre suas opiniões quanto a religião e aos domínios do catolicismo valia a sua vida.

Certa noite, após uma longa discussão com Marcelo sobre seu ponto de vista quanto ao voto de pobreza de Santo Agostinho e de São Francisco, Carlos decidiu tomar água. Levantou-se e apagou a luz, Marcelo já havia se virado para dormir, e, ele não queria mais incomodar.

Caminhou até o corredor escuro e bebeu alguns goles. Já era costume seu beber um pouco de água antes de dormir. Com as regras rígidas do seminário, depois da última vigília que se encerrava às onze horas, ninguém mais poderia ficar perambulando pelo corredor. Mas ele em silêncio, sempre acabava indo beber um pouco de água.

Lembrou-se por acaso, daquele dia em que havia ouvido vozes e a luz de um dos quartos acesa. De certo eram dois jovens seminaristas que ficaram até tarde conversando e apagaram a luz quando ouviu sua conversa com o Padre Juarez.

Isso nunca mais voltou a acontecer, mas Carlos, pensava que era algo muito além disso. Mas tudo bem, ele não era detetive e por mais que isso lhe deixava intrigado, ele não iria ficar bisbilhotando.

Voltou para o quarto e deitou-se. Pensou em que faltavam apenas quatro meses para ele entrar de férias e voltar para Tupãssi.

No escuro mesmo que estava, ainda de olhos abertos, ele pode ver as cartas que havia recebido durante o ano. Foi acumulando várias. Sua mãe sempre lhe escrevia. Contava todos fatos da pequena Tupãssi. Carlos mantinha-se sempre ao par de tudo o que acontecia lá.

Respondia as cartas com frequência também. Sempre dando palavras de força e ânimo para a família que esperava dele estas palavras.

Assim, cumpria seu papel como futuro sacerdote.

Ainda no escuro, pode visualizar o vulto de Marcelo que dormia profundamente. Marcelo não era como ele. Neste tempo em que viveram juntos pode notar que Marcelo preferia outro tipo de vida. Ele sempre era o centro das atenções. Marcelo gostava de ser aquele em que todos olhavam. Contava sempre uma piada, dava uma risada alta, falava alto, tudo para se aparecer. Carlos até ria das piadas, mas ficava pensando em quando Marcelo definitivamente ser um padre, será que ele seria capaz de ficar vivendo numa cidadezinha do interior? Não. Marcelo seria um padre de uma grande capital. Sua alma era grande demais para ficar num lugar só.

Os olhos de Carlos começaram a ficar pesados, deitou-se na cama, respirou fundo e adormeceu.

Ele não sabia, mas iria ouvir falar muito de Marcelo no futuro.



oledo – Paraná – Brasil
3 de Setembro de 1984
Seminário Santa Mônica

Carlos caminhou até a recepção do Seminário a fim de atender o rapaz do Correio que com um sorriso lhe entregava a correspondência.

Um caixa com várias cartas. Carlos assinou o recebimento da caixa e seguiu para os quartos para fazer a entrega das mesmas.

As cartas de pais e amigos sempre enchiam o Seminário de alegria. Lá não havia televisão e os poucos jornais que circulavam era da diocese. Quando surgia um jornal fora dos padrões da “Divina Providência” o tal era tratado como se fosse droga.

Neste ano de Seminário, Carlos conheceu todos os jovens. Alguns até mais do que outros, mas no convívio diário com todos, a amizade é uma forma de fugir deste regime de isolamento que eram submetidos.

Ao passar por sua porta, notou que haviam duas cartas. Semanalmente sua mãe lhe escrevia, e, sempre vinha-lhe apenas uma carta. Agora duas? O que será que era.

Virou-a para ver quem era o remetente, e ficou gelado. Raquel.

Uma multidão de jovens vieram ao seu encontro esticando-lhe as mãos para pegar suas respectivas correspondência, mas ele não conseguiu entregar nenhuma. Deixou a caixa nas mãos de outro seminarista e continuou a fitar aquela carta de Raquel.

Por que ela lhe escreveria agora? Já se passaram mais de seis meses que não se viam, e desde que ele entrou para o seminário, ela sabia qual seria sua opção de vida. Mas por que agora ela lhe escreve? Talvez seja só para lhe parabenizar ou para saber notícias.

Carlos tentou acreditar nisso, mas no fundo sentiu um desejo enorme de estar perto dela. Queria poder abraçá-la novamente. Todo este tempo no seminário sem falar com nenhuma moça e só infurnado nos corredores e nas capelas, Raquel seria um oásis para seus olhos neste momento.

E o celibato? Carlos respirou fundo, não podia deixar-se entregar a estes pensamentos pecaminosos, afinal ele era um seminarista e não havia espaço para Raquel.

O Sino indicando que café estava na mesa, soou. Mas Carlos entrou no seu quarto e fechou a porta atrás de si. Queria ler a carta de Raquel antes do café. A curiosidade não iria deixar ele em paz enquanto não a lesse.

Sentou-se na cama e leu vagarosamente saboreando cada palavra:

Querido Carlos, Tudo bem?

Sei que já faz mais de seis meses que não nos falamos. E eu lhe peço desculpas por não lhe escrever antes. Acontece que somente hoje tive tempo para parar o corre-corre diário de dizer: Hoje vou escrever uma carta para o Carlos.

Então, como é a vida no seminário? Tem rezado muito? Tem rezado por mim?

Espero que você esteja realmente se encontrando e que Deus possa lhe fazer um grande homem. Estamos todos aqui em Tupãssi torcendo para que você seja o nosso Padre. Padre Carlos. Torcemos muito por você. Estou lhe escrevendo também para lhe dizer que o Leonardo e o Francisco lhe mandam um grande abraço. Eles também sentem sua falta, mas torcem para que você seja um grande homem para Deus.

Aqui em Tupãssi as coisas continuam do mesmo jeito. Paradas. Sei que sua mãe lhe escreve semanalmente, então eu não vou ficar escrevendo muito pois vou acabar lhe contando algo de que já sabe.

Sendo assim, querido amigo, esta carta é apenas para lhe lembrar que sentimos saudades suas e aguardamos ansiosamente o fim do ano para que você venha passar as férias conosco. Você vem, não é?

*Aguardamos sua resposta,
Sinceramente, Seus amigos,
Raquel, Francisco e Leonardo.*

Carlos ficou fitando por uns segundos a parede branca do quarto. Lembrou-se novamente a antiga vida em Tupãssi, sentiu uma pitada de saudades.

Mas agora ele já não podia voltar atrás, e, nem se pudesse voltaria. Deus estava lhe abençoando muito ali no Seminário. Tudo bem, dentro em breve ele estava voltando para férias em Tupãssi e será bom rever os amigos.

Levantou-se e caminhou até a pequena mesa. Pegou um papel e uma caneta e já escreveu uma carta em resposta:

Caros Amigos, Espero que esta carta lhes encontrem como bastante saúde e fé.

Deus tem me capacitado diariamente, a rotina no Seminário é um pouco puxada, mas temos vencido graças a mão poderosa de Nossa Senhora. Ela tem me cobrido com seu manto e tem me protegido.

Sinto saudades de vocês também, mas tento entender que dentro em breve estarei coordenando os trabalhos da igreja de Tupãssi e poderemos nos ver sempre. Sei que isso é um pouco complicado de dizer, pois ainda estou no primeiro ano do seminário, mas se olharmos por uma ótica mais ampla, veremos que o tempo tem andado como um raio.

Sem delongas, quero lhes dizer que sim, todas as noites tenho rezado por vocês e por todos os outros amigos de Tupãssi. Que o Nosso Senhor esteja sempre lhes dando força e fé na Santa Igreja Católica.

Continuem fortes e rezem bastante, pois nosso país precisa da sua oração, e eu também.

Fiquem na santa paz de Jesus e nos braços acolhedores de nossa mãe.

*Seu amigo,
Carlos Vieira Santiago*

Após escrever estas palavras, Carlos dobrou a folha e colocou num envelope que estava sobre a mesa. Amanhã mesmo o rapaz do Correio iria trazer novas cartas e ele iria aproveitar para despachar mais esta.

Após deixar a carta sobre a mesa, caminhou até o refeitório. Estava com muita fome.



Paris – França
21 de Dezembro de 1173
Casa de Maurice de Sully

Finalmente Maurice terminou o jantar. Solicitou para que um dos seus criados limpasse a mesa e caminhou para o seu quarto.

Acendeu uma pequena vela sobre uma mesa, sentou-se.

Diante dos seus olhos ainda estava a caixa que tanta curiosidade lhe havia despertado. Não pode lê-la antes devido a outros assuntos que teve que resolver.

Ainda pode escutar os ferrolhos sendo fechados e o seu criado indo embora. Finalmente estava sozinho no quarto.

Pegou uma pequena adaga que estava perto da vela e começou a tirar a cera que lacrava a caixa.

Tirou cuidadosamente cada centímetro de cera com uma perícia e mãos treinadas de um grande mestre.

Finalmente abriu a caixa.

Achou que estava diante de um grande descobrimento, mas se surpreendeu a encontrar apenas uma pequeno papiro enrolado com uma fita marrom.

Desatou o nó da fita e desenrolou o pergaminho.

O Silêncio na casa era apenas quebrado pelo som dos grilos e de um cachorro que ao longe latia.

Desenrolou o papiro e encontrou um pequeno texto em Hebraico.

Tentou ler, mas não conseguiu. Era um Hebraico diferente daquele que ele conhecia. Sabia que era Hebraico por causa dos caracteres típicos, mas haviam outros caracteres que ele ainda não conhecia.

Levantou-se e caminhou até uma pequena prateleira que jazia no outro lado do quarto. Procurou velozmente algo que pudesse lhe ajudar.

Enfim encontrou um livro. Um dicionário.

Lá estava ele novamente com o dicionário Hebraico e diante do pergaminho.

Pegou uma folha de papel que ele utilizava para fazer desenho e plantas de construção e começou o trabalho de decifrar o pergaminho.



oledo – Paraná – Brasil
4 de Setembro de 1984
Seminário Santa Mônica

Carlos apagou a luz e caminhou na escuridão até sua cama. Agora, mais do que antes ele ansiava pelo fim do ano. Queria voltar para casa, após ler também a carta de sua Mãe, sentia-se como uma pessoa perdida no mundo. Queria voltar para casa e voltar para os amigos. Sentiu falta dos passeios pelo bosque, das tarde em que pescava e até quando subia numa árvore para comer frutas.

Raquel. Não queria admitir, mas pensou nela o dia todo. Sentiu sua falta. Sentiu saudades da época em que ela lhe repreendia quando ele falava algo errado. Dos piquetes, das aulas.

Padre Carlos. Padre Carlos. Ele tinha que esquecer isso tudo afinal. Agora ele estava rumo ao seu destino: Padre Carlos.

Deitou-se e cobriu-se com um fino lençol.

O silêncio logo veio. E com ele o sono.

— Ela é bonita? – uma voz na escuridão falou.

Carlos achou que estava ouvindo vozes.

— Vamos Carlos, diga, ela é bonita? - Carlos reconheceu a voz de Marcelo.

— O que?

— Ora Carlos, você pode enganar todo mundo, mas a mim você não engana.

— Do que você está falando?

— Da garota da carta.

— Eu não acredito! – Carlos sentou-se na cama.

Marcelo deu uma pequena risada.

— Você leu minha carta?

Marcelo continuou rindo.

— Como você pôde?

— Me diga, vai Carlos, não enrole, Ela é bonita?

Carlos estava furioso.

— Como é que você teve a coragem de ler as minhas cartas?

— Não me culpe, Carlos. Não foi por querer.

— Como assim? Você lê a minha carta e ainda por cima diz que não foi por querer?

— Quem mandou você deixá-la em cima da mesa?

— Isso não justifica! Você não devia ter feito isso.

Marcelo sentou-se também.

— Qualé Carlos, eu convivo com você todos os dias, sei que você recebe carta semanalmente de sua Mãe, sei muita coisa. Você sempre me conta um pouco sobre a sua idolatrada e amada terrinha. Sempre que você

pode fala sobre Tupãssi e sempre seus olhos brilham. Ninguém é bobo para saber que você deixou algo de muito valor lá. Eu ficava imaginando o que seria. A princípio não dei muita bola não, mas aos poucos eu pude notar que você realmente se tornava diferente quando se referia a Tupãssi, então pensei comigo: por que será? Fiquei especulando por um bom tempo até que ontem eu vim aqui no quarto para pegar um livro que havia esquecido e me dei de cara com a carta dela. Não pude resistir a esta tentação. Não me censure. Se você tivesse visto o tempo que eu gastei para descobrir isso. Mas não se preocupe, não contei isso para ninguém não. Não pretendo contar também.

— Mas... Marcelo? Por que você fez isso?

— Ah Carlos, é até divertido.

— Não vejo divertimento nenhum nisso.

— Bem, tudo bem, mas agora que eu já sei de tudo, me conte.

— Contar o que? Não tenho nada que lhe contar.

— Ah, vai ficar fazendo segredo agora? Qualé Carlos, eu sou seu companheiro de quarto e conseqüentemente seu melhor amigo...

— Isso é você quem pensa!

— Não me considera seu amigo?

— Depois do que fez? Acho que não.

— Ah, Não vai me dizer que você ficou ofendido?

— Claro que fiquei! Alguma vez eu li alguma de suas cartas?

— Não leu por que não quis...

— Não! Eu não li, porque seria uma falta de respeito com você.

— Ah, tudo bem, então me desculpa, já chega vai. Aconteceu, aconteceu.

— Mas não devia ter acontecido.

— Tudo bem, desculpa vai. Olha, estou pedindo desculpa.

— ...

— Não vai me desculpar?

— Vou pensar.

— Tá bom, eu não vou mais lhe perguntar nada. E também não vou mais ler nenhuma carta sua. Desculpa.

— Tudo bem.

Carlos se deitou novamente.

O silêncio voltou a reinar por uns segundos.

— Carlos?

— Hum?

— Ela é bonita?

— Vai dormir Marcelo!

Marcelo sorriu e deitou-se também.

Novamente o silêncio.

— Eu tinha razão. Ela é bonita! – disse Marcelo sorrindo enquanto se cobria com o lençol.



Paris – França
21 de Dezembro de 1173
Casa de Maurice de Sully

A vela já quase se extinguiu. Maurice havia perdido a noção das horas. Gastou um bom tempo, mas por fim ele havia conseguido transferir com sua pena, a tradução do papiro que jazia dentro da caixa lacrada:

Por três longas horas ele ficou na cruz. E eu, ali, debaixo assistindo a toda a agonia. Tive vontade de chorar, de gritar, de subir naquele madeiro e tirá-lo de lá. Mas quem sou eu? Armado de pedra e pau nada posso diante daqueles soldados e suas lanças.

Senhor, por que fazem isso contigo? Por que fazem isso? Pensei.

As horas foram passando, a respiração dele estava mais ofegante. Via-se nitidamente que ele fazia um esforço terrível para respirar. Já não agüentava mais o peso do corpo. Meus olhos se enchem de água ao ver que ele se apoiava no cravo que estava nos seus pés para suspender o corpo buscando desesperadamente ar.

Eu gritei: Tirem ele daí! Tirem ele daí!

A multidão fazia escárnio dele. Senti um soco no meu ombro e em seguida alguém falar: Quer estar com ele ali? Cale-se ou irá estar com ele ali! Suma daqui! Vá embora!

Mas eu não fui. Me calei mas permaneci ali, observando aquela cena que jamais poderei esquecer enquanto viver.

Notei que ele já não fazia mais força para respirar. Ele já não iria mais agüentar tanto sofrimento. O Soldado espetou sua lança e lhe feriu. Mas já não saía mais sangue, só apenas água. Todo o sangue já havia sido vertido por suas chagas.

Então ele ainda disse: Está consumado.

Suas palavras foram como trovões, pois assim se sucedeu. A terra começou a tremer e todo o povo que outrora escarneciam, caíram por terra e desesperados clamaram por suas vidas. Eu também temi e o pó da terra joguei sobre minha cabeça temendo o meu fim. O soldado que espetara a lança no Senhor, agora e joelhos gritava: Verdadeiramente este é o filho de Deus!

Então, após o terremoto que acredito tenha abalado as estruturas do templo, um silêncio tomou forma e silenciou todo o monte.

Olhei para o Senhor e apenas vi sua cabeça pendida. Ele havia entregue seu espírito.

Todas estas palavras, óh Senhor Iluminado Decalo, Rei da Mesopotânia, seu servo lhe escreve para que tenha conhecimento dos fatos acontecidos na cidade de Jerusalém da Judéia neste dia.

Maurice de Sully ficou um pouco confuso. Sabia que ele falava sobre o Senhor Jesus, mas nunca havia lido algo com uma linguagem tão direta. Se o autor realmente estava presente no dia da crucificação, e se ele escreveu isso...

Quer dizer que esta carta nunca chegou à Mesopotânia, isso se realmente este é o endereço ao qual ela foi enviada, mas acabou se perdendo

em algum lugar na nossa era, e agora 1173 anos depois, ela chegou em suas mãos.

Ele havia encontrado um fragmento da história, muito importante. Sim era apenas um papiro, mas nem mesmo na Torah ele havia encontrado algo tão vivo como aquilo.

Ficou pensando um pouco e lembrou-se que havia um livro na biblioteca que reunia a história de Jesus.

Pensou em aguardar até clarear o dia para ir procurar.

Apagou a luz e deitou-se na cama.

Fechou os olhos, mas o sono não veio. Vestiu novamente suas chinelas e seguiu para a Capela. Trazendo em suas mãos seu lampião.

Entrou na Capela, olhou para fora para se certificar de que não havia ninguém lhe seguindo ou nenhum curioso. Entrou. Fechou a porta atrás de si.

Caminhou até o centro da capela e empurrou a imagem da Madona. Em baixo havia um trinco. Ele girou o mecanismo e ouviu um som como de uma corrente. Colocou novamente a Madona no lugar. Caminhou até o púlpito. Arrastou a imagem de São Paulo e embaixo também girou outro mecanismo.

Novamente o som de corrente foi ouvido.

Caminhou para o centro da capela e apalpou o fundo falso que agora estava aberto. Pegou o lampião e desceu as escadas escuras que dava acesso ao pavimento inferior.

La estava ele novamente a andar pelos corredores e labirintos da biblioteca. Caminhou como uma cobra, se esgueirando pelos guetos e galerias.

Subiu uma escada procurando um livro na prateleira de cima. Desceu. Arrastou a escada para outro lugar, subiu novamente, desceu.

Não encontrava o tal livro em lugar algum.

Continuou a procurar sem se cansar.



oledo – Paraná – Brasil
20 de Setembro de 1984
Seminário Santa Mônica

Querido Carlos,

Não sabe o quando me deixou feliz ler a sua carta. Sentia muitas saudades de você e lê-la matou um pouco esta distância.

Inclusive neste momento estou com ela entre meus dedos enquanto rapidamente lhe escrevo mais esta. Vou mostrá-la para o Leonardo e para o Francisco assim que puder.

Ah, hoje pela manhã fui a feira e encontrei sua mãe. Conversamos sobre você e mandei-lhe lembranças, provavelmente ela lhe escreverá isso na próxima carta. Se a minha chegar antes. Não se preocupe, as lembranças virão.

Arrumei um emprego com Aux. de Escritório. Não é o máximo? Um tio meu me convidou para ser a nova secretária e eu claro que aceitei, né.

Bem, vou terminando minha carta por aqui. Novamente lhe agradeço a carta e faço votos de que você seja muito feliz.

Abraços,

Raquel.

Carlos ficou observando a carta.

Algo lhe dizia que isso não estava certo. Por que Raquel inventou esta agora de ficar mandando cartas? Será que ela não sabe que isso é prejudicial para a vida cristã de um Padre? Será que ela não sabe que o celibato não permite mais esta amizade tão íntima. E se Marcelo encontrar esta carta? O que vai ser?

Carlos procurou uma caixa de fósforos para queimar a carta. Vasculhou umas gavetas, outras até que encontrou uma caixa silenciosamente repousada sobre seu criado-mudo.

Acendeu uma vela e queimou a carta.

Logo após, ajoelhou e rezou para que o pecado da fornicção não se apoderasse dele. Rezou um terço inteiro.

Marcelo entrou no quarto e sentiu o cheiro de queimado.

— Nossa, quem sapecou o pé da galinha?

Carlos fingiu que ainda estava rezando.

— Foi você, Carlos?

Carlos não se moveu.

— Oi? Estou falando com você!

Carlos se virou.

— Não está vendo que eu estou rezando?

— Estou. Mas estou perguntando quem foi que ateou fogo aqui no quarto.

— Quem mais poderia ser?

— O que você estava queimando?

— Acho que não é da sua conta.

— Só espero que não seja dinheiro.

— Posso voltar para a minha reza? – Perguntou Carlos.

Marcelo trocou a camisa que estava lhe incomodando e saiu. Assim que bateu a porta voltou novamente para o quarto.

— Não vai me dizer que você recebeu outra carta?

Carlos apenas olhou para o amigo com um olhar de reprovação.

— Você queimou ela?

— O que você acha?

Marcelo entrou e fechou a porta atrás de si.

— Você está ficando louco? Por que você fez isso?

Carlos respirou fundo.

— Acho que você não está com os pés no chão, né Marcelo. Por que você acha que eu fiz isso?

— Amigo, sinceramente, eu não sei.

— Porque eu tenho que por um ponto final nesta história! Só por isso! Não vou mais responder nenhuma carta dela, e também não vou mais pensar nela. Assim a tentação vai embora e eu não vou cometer o pecado da fornicação.

— Ú.

— O que?

Marcelo erguei as mãos para o céu.

— Não se fala mais nisso.

— Acho bom mesmo!

Marcelo saiu.

Carlos continuou a rezar por mais um tempo e por fim saiu também.

Quando o sino tocou, ele seguiu para a sala de aula. Mais uma aula sobre o Papa Pio IX. Sua vida, sua história e sua morte...

Tudo como uma rotina imposta. Carlos ficou olhando para o teto, enquanto o frei Noberto ia contando a trajetória do Papa Pio IX.

Ele não queria pensar em nada. Na verdade ele não sabia por que tinha que estudar a história dos Papas, isso nunca iria ser útil em sua vida.

Bem, a não ser que ele queira ser um Papa, mas isso estava fora de cogitação. Olhou para Marcelo, ele parecia hipnotizado. Nem sequer piscava o olho. Estas aulas eram para ele como uma banquete. Ia absorvendo tudo o que podia. Marcelo, este sim até poderia ser um Papa algum dia. Se não fosse, talvez santo ele seria.

Nunca havia conhecido pessoa tão fascinada pelo catolicismo. O fascínio de Marcelo era até maior do que o de Carlos. E olha que Carlos já se achava um tanto “carola”.



Paris – França
25 de Dezembro de 1174
Capela Notre Dame

Na Noite de Natal a pequena Paris parecia um deserto. Eram poucos os vândalos e os bêbados que ainda perambulavam pelas ruas. A grande maioria da população da vila estava em casa fazendo sua ceia.

No interior da Capela o silêncio também era grande. Era necessário apurar bem os ouvidos para ouvir as vozes que surgiam do chão.

Várias velas iluminavam os labirintos subterrâneos. Maurice subiu no púlpito e olhou nos olhos dos outros que com ele estavam reunidos para mais uma reunião do Templários.

Maurice ergueu o martelo e a lamparina, símbolos da ordem. Houve um minuto de silêncio.

Todos estavam com suas vestimentas especiais para a reunião. Todos encapuzados e com uma imensa cruz no peito.

— Caros Cavaleiros. — começou Maurice — Novamente estamos reunidos para mais uma confraternização. Temos hoje aqui Cavaleiros de várias partes da amada França e temos muito prazer em recebê-los. Conheçam hoje a maior biblioteca de que se tem conhecimento, proibida aos olhos comuns, mas revelada para vós que sois acima dos outros homens. Bebam da fonte do saber e tenham vida longânime.

Em coro os outros responderam:

— Nous sommes la Raison!

Maurice de Sully respondeu:

— Nous sommes la Raison!

A reunião transcorreu normalmente. Conversaram sobre vários assuntos da ordem, sobre a fundação de uma nova célula na desconhecida Alemanha, sobre os recursos que deveriam enviar para lá.

Os assuntos variavam muito, Maurice explicou que seria interessante um grupo de rapazes comesçassem a fazer as cópias dos livros para enviar na outra extremidade da França. Conversaram sobre a riqueza e sobre o dinheiro da ordem, sobre a supervisão do Papa nos trabalhos e sobre o envolvimento do Rei nos trabalhos.

A noite transcorreu normalmente. Maurice achou que já era dia, pois as horas foram correndo sem parar.

— Como vai este grande homem, cuja as mãos construíram esta maravilha?

Maurice se voltou para ver que falava.

— Não tão bem como o primeiro ministro do Rei, Pierre de Hausenberg?

— Maurice de Sully, você sempre é modesto.

— Caro amigo, tenho uma coisa para lhe mostrar e sei que você gostaria de ver.

— Pois então me mostre. Aproveite que a noite do nosso Senhor já se findou.

Pierre era baixo e gordo. Sua calvície lhe dava um aspecto de idade, mas era mais novo que Maurice. Os anos foram mais justos com Maurice do que com ele.

Maurice levou-o até uma pequena sala. Acendeu as lamparinas na parede e lhe mostrou uma caixa. Pierre ficou intrigado.

Seu Hebraico era muito bom, e ele leu em voz alta rótulo que estava na caixa:

— “Eterna Vida Aqui”? O que quer dizer isso? – Perguntou ele.

— Abra e confira.

Pierre abriu a caixa e pegou o papiro.

Leu por alguns instantes e depois exclamou:

— Bem, parece que esta caixa nunca chegou ao rei da Macedônia. Onde encontrou isso?

— Você não vai acreditar, esta caixa veio junto com os livros mas por algum motivo acabou caindo e foi parar em baixo de uma prateleira. Então eu peguei e abri.

— Não ficou com medo de nenhuma maldição, não? Pelo visto esta caixa estava selada.

— Ora essa, como eu iria ficar com medo de bobagens?

— Não são bobagens, mas tudo bem. Você já mostrou isso a mais alguém?

— Não. Só à você.

— E o que pretende fazer com isso?

— Bem, não sei, primeiro gostaria de confirmar a veracidade deste papiro. Estive procurando um livro narrado pelo Apóstolo Mateus, mas não consegui encontrá-lo. Acho que lá eu poderei confirmar este papiro e ver se realmente ele é verdadeiro.

— É uma boa idéia. Eu tenho uma cópia deste livro em minha casa.

— Você poderia me emprestar ele?

— Claro. Mas terá que aguardar eu chegar em casa e mandar um dos meus servos lhe trazer.

— Não tem problema, eu sei aguardar.

Pierre caminhou até a porta e parou.

— Ficou sabendo do Alquimista Lustumbey? – disse ele mudando de assunto.

— Não. O que ele fez?

— Ouvi comentários de que ele conseguiu uma fórmula para transformar ferro em ouro.

— Verdade?

— Não sei, acho que são só boatos, mas estou de partida amanhã para a região de Vistoyne para averiguar isso.

— Foi o Papa que lhe enviou?

— Foi.

— Está trabalhando para ele agora?

— Sempre tive. Ele me ajudou quando eu precisei e foi através dele que eu entrei na ordem. Tenho uma dívida.

— Entendo... Mande me uma carta quando chegar lá. Gostaria de saber se esta história é verdadeira mesmo ou não.

— Por que não vem comigo?

Maurice abriu os braços mostrando toda sala.

— Não vê isso? Tenho que terminar o que comecei.

— E até aonde você vai?

— Tenho que terminar este projeto e ainda construir uma catedral sobre isso.

— E você acha que ainda vai precisar de quantos anos?

Maurice sorriu.

— Eu precisaria viver cinco vezes para que concluísse isso tudo.

— Então é isso. Você está preso aqui para o resto da vida, somente para construir este lugar?

— Não, não é simplesmente um lugar. É o único lugar do mundo que atravessará os séculos e ainda existirá.

— Mas você não teme que o Senna possa inundar tudo?

— As paredes são reforçadas e nem mesmo o Senna pode nos destruir.

Pierre apalpou o pó da roupa.

— Bem, amigo, desejo-lhe sucesso nesta empreita. E Que Deus lhe abençoe.

— Que Deus lhe ilumine nos conhecimentos ocultos e que te abençoe também.



oledo – Paraná – Brasil
11 de Outubro de 1984
Seminário Santa Mônica

Querido Carlos,

Como está? Espero que esteja bem. Estou lhe escrevendo novamente porque acho que você não recebeu minha outra carta. Você recebeu?

Não obtive respostas suas então eu acho que postei ela erroneamente.

Mas tudo bem, novamente estou lhe escrevendo para lhe mandar os abraços do Francisco e do Leonardo e lhe dizer que estamos com saudades suas.

Esta semana eu fui na reunião de quadra, e o padre lembrou muito você. A cidade toda torce por você, inclusive eu.

Continue sendo esta pessoa maravilhosa que você é eu nós seremos sempre com você.

Então eu fico aqui, não tenho nenhuma novidade de Tupãssi para lhe contar.

Beijos,

Raquel

Carlos ficou olhando Marcelo enquanto ele lia a carta.

— Então? – por fim perguntou.

— Quer saber o que eu acho?

Carlos olhou nos olhos de Marcelo.

— Eu acho... eu acho que ela ainda gosta de você...

— Ah qualé! – Exclamou Carlos.

— Escute! Escute! Olha... ela já lhe escreveu... quanta vezes? Duas?

Três?

— Três.

— Três! Três vezes, meu amigo. Sei que você fez voto de celibato, mas ela ainda não esqueceu você. E isso é um problema.

— Por que fala isso?

— Porque ela sempre será uma tentação na sua vida.

— Quer saber, eu acho que não. Eu posso muito bem ser forte.

— Carlos! Carlos! Não me engane. Eu sou homem também.

— Acha que eu não sou capaz de vencer esta tentação? Eu sou mais eu!

— Carlos, sei que você vai vencer esta tentação. Você é forte e com jejum e oração vai ficar mais forte ainda, mas acontece que o tempo vai passar e a tentação é esperta o suficiente para aguardar todo o tempo do mundo. E um dia, ela vai confessar, outro dia ela vai lhe levar uns bolinhos, outro dia vai ficar para conversar e quando menos você notar já é tarde.

— Mas...

— E tem mais, eu, no seu lugar, escreveria uma carta para ela colocando um ponto final em tudo de uma vez por todas. Eu sei que você já colocou um ponto final, mas talvez ela ainda não tenha notado isso. Nada melhor do que você deixar claro novamente.

— Acha mesmo que eu devo fazer isso?
— É agora ou nunca, meu amigo. É melhor você fazê-la sofrer um pouco agora do que você sofrer no futuro.
Carlos ficou pensando por um segundo.
— É, acho que você tem razão.
— Eu sempre tenho.
Ambos sorriram. Marcelo terminou de vestir o tênis e saiu.
Carlos caminhou até a escrivaninha, pegou um pedaço de papel e começou a escrever:

*Raquel,
Estou bem, Graças à Deus. E espero que você esteja também.
Recebi suas duas cartas sim. Não escrevi antes porque precisava colocar uns pensamentos em dia.*

Estou cada dia mais em contato com Deus e muitas vezes alguns pensamentos tem me colocado em xeque-mate. Sabe um deles é você. Gostaria de ser o mais objetivo possível, mas não sei se me tornarei insensível assim.

Querida lbe dizer que se por alguma razão você ainda ostenta algum sonho comigo, que você desistisse dele agora antes que sofra.

Tenho feito o voto de celibato e sou agora um homem diferente dos demais, sou um homem que não permite o pecado e a entrega para os prazeres da carne. Sou agora um homem de Deus e tenho que viver para o motivo principal da minha vida. Cuidar das ovelhas perdidas. Sendo assim, novamente peço desculpas por esta carta, mas gostaria que você entendesse que não posso corresponder com as expectativas que você alimenta sobre mim.

Fica com Deus e eu estarei rezando para que ele ilumine você e você encontre seu caminho.

*Abraços,
Carlos.*

Após escrever, Carlos ficou olhando a folha de papel. Será que ele não estava sendo um pouco prematuro? E, se Raquel não estivesse com nenhum pensamento pecaminoso a seu respeito? E se ele havia compreendido mal?

Tudo bem, mesmo assim ele iria despachar a carta. Melhor errar pelo excesso do que pela falta, não é?

Colocou o papel no envelope e endereçou à Raquel. Dentro de quatro ou cinco dias ela estaria com a carta nas mãos e este assunto estaria resolvido de uma vez por todas.



Paris – França
11 de Abril de 1175
Capela Notre Dame

A construção continuava a todo vapor, Maurice como sempre, supervisionando todos os trabalhos e buscando o máximo possível dos camponeses que de bom grado ajudavam na obra.

Da janela da Capela ele observava a colocação de duas rochas pesadas quando algo no horizonte lhe chamou a atenção.

Um cavaleiro em galope seguia apressadamente para a Capela. Maurice surgiu para fora e lentamente foi ao encontro do cavaleiro.

— Trago uma encomenda para Maurice de Sully, margens do rio Senna.

— Eu sou Maurice de Sully. De quem vem esta encomenda?

— Trago esta encomenda dos Balcans, Pierre de Hausenberg, meu Senhor me enviou para entregar ao senhor pessoalmente.

Maurice pegou a encomenda e desatou o nó que selado mostrava a símbolo da ordem. Dentro encontrou um livro em Hebraico.

Olhou melhor o livro e se lembrou que aguardava o livro do evangelho do nosso Senhor escrito pelo apóstolo Mateus.

— A tempos eu aguardava este livro. – exclamou — Entre mensageiro, tenho alimento e água para seu cavalo, aguarde enquanto escrevo uma carta ao seu Senhor agradecendo a encomenda. Você tem notícias dele?

O cavaleiro desceu do cavalo e passou as rédeas para um camponês que tratou de dar água e feno ao animal.

Enquanto isso ele adentrou a capela com Maurice contando as novas notícias que tinha do seu Senhor.



loedo – Paraná – Brasil
6 de Dezembro de 1984
Seminário Santa Mônica

A última semana do primeiro ano de Seminário, finalmente chegou. Já se ouvia e via nos corredores todo o alvoroço e a alegria que rondava os seminaristas. Breve estavam voltando para casa e iriam aproveitar muito os vinte dias de férias. Muitos combinaram de se encontrar durante este tempo e para juntos fazerem boas ações ou jogar bola.

Até Carlos estava mais contente com o fim do ano letivo. As cartas de Raquel haviam cessado, ele pensava que ela havia compreendido o recado. Marcelo estava mais feliz do que todos no seminário. Ele não parava um segundo. Estava sempre correndo para lá e para cá procurando uma forma de passar o tempo da última semana.

Até os rituais e as obrigações da Divina Providência eram agora levados mais relaxadamente. Quase ninguém se importava mais em levantar as cinco. Alguns freis já haviam saído para as férias e o seminário estava um pouco desfalcado de observância às regras.

Carlos estava deitado na cama lendo um livro direcionado aos sacerdotes. Parou por um segundo e deixou-o de lado.

Fez um pequeno balanço em tudo o que havia aprendido neste primeiro ano. Lembrou-se do primeiro dia em que entrou no seminário. Das aulas, dos jogos de futebol, masoras intermináveis de oração e jejum, tudo passou como um relâmpago. E agora ele estava à uma semana de ver o mundo lá fora novamente. Voltaria a ver as ruas, os carros, os prédios, as pessoas comuns, ver até mulheres. Mulheres, isso ele já não via a meses. Todo o contato com o mundo havia sido cortado quando ele entrou no seminário, e agora, estava denovo voltando para o mundo. Iria voltar para Tupãssi e com certeza ele iria ver Raquel novamente. Raquel, por que ele não conseguia esquecer ela? Por que ela sempre voltava em seus pensamentos como uma assombração?

Será que ele veria ela? Bem, são só vinte dias, talvez ele não encontre-a. Mas acho que será um pouco difícil.

Voltou para o livro. Continuou mais um capítulo onde falava da aparição de Nossa Senhora de Fátima.

Não reparou, mas acabou adormecendo com o livro no peito. Marcelo entrou no quarto fazendo o maior barulho e o acordou.

— Boa noite dorminhoco! – disse ele.

— Que horas são?

— Deixe me ver... Sete horas.

— Nossa eu estou dormindo desde das quatro.

— Então se levanta que está na hora do jantar.

— Ué o jantar não é as oito?

— Não, hoje vai ser mais cedo porque temos uma palestra com o Padre Timóteo.

— Aê?

— É, ele vai falar sobre “O primeiro ano de Seminário e a Volta para Casa” Sabe como é, aqueles chavões sobre comportamento e disciplina.

— Que bom.

Marcelo riu.

— Vamos, levanta dorminhoco!

Carlos resmungou alguma coisa e rolou para o canto. Ficou parado por um segundo e por fim levantou-se.

— Temos que ir de hábito? – perguntou.

— Não, não precisa.

Carlos ficou observando Marcelo enquanto ele se vestia.

Olhou para a cabeceira da cama e encontrou a camisa que estava procurando. Levantou-se e começou a se vestir.



aris – França
11 de Abril de 1175
Capela Notre Dame

Já era tarde da noite quando o cavaleiro de Pierre de Hausenberg saiu da capela. Maurice havia se atualizado sobre um monte de assuntos. Recebeu todas as notícias sobre as empreitadas de Peirre.

Ficou sabendo que o Alquimista que transformava ferro em ouro não passava de uma farsa, e que Pierre após se decepcionar com tal fato, seguiu para o País de Gustenvolth a procura do Elmo de Nabucodonosor. De acordo com os relatos do mensageiro, dizia-se que no Elmo de Nabucodonosor se encontrava a fórmula para transformar terra em alimento. Maurice achava que tudo não se passava de lendas para que mais aventureiros buscassem o que fazer. Era isso que Pierre era, um aventureiro e Maurice não duvidaria que se ele ouvisse falar de sereias no mar, compraria uma embarcação e iria sem rumo atrás delas. Pierre era um aventureiro que não se importava com as lendas, mas se dedicava a desvendar todas.

Talvez Pierre tivesse uma vida extraordinária, mas este tipo de vida não se encaixava com a de Maurice, este por sua vez preferia ficar horas com a cara num livro e lendo tudo o que pudesse. Viajar com o pensamento era melhor do que fisicamente. Pois nesta segunda opção ele poderia se frustrar em encontrar algo diferente do que havia imaginado. Mas com o pensamento ele nunca se desapontava.

E agora estava ali diante dele o livro que havia procurado na biblioteca sem sucesso: o caminho do nosso Senhor Jesus contado pelo apóstolo Mateus.

Caminhou para sua sala e em silêncio, sob a luz de velas, ele abriu a primeira página.

Já estava um pouco mais treinado no Hebraico, e assim foi fácil ele ler os primeiros capítulos. Uma ou outra palavra ainda era difícil de compreender, mas ele buscou ajuda no dicionário.

Foi absorvendo o quanto pode. A noite mal havia começado e ele iria ficar ali por um longo tempo.



oledo – Paraná – Brasil
11 de Dezembro de 1984
Seminário Santa Mônica

Marcelo notou que Carlos estava um pouco estranho. Não riu das suas piadas, nem se importou quanto lhe deu o livro de Santo Agostinho de presente.

A princípio ele achou que Carlos tinha esta mania, e talvez ele estivesse triste por estar indo embora. Marcelo não conseguia entender como alguém poderia estar triste em deixar o Seminário. Um vida de prisão como esta devia ser comemorado e não lembrado. Marcelo estava se sentindo como um pássaro que ao ver a gaiola aberta, voou livremente pelo ar. Estava a caminho de casa e nos próximos vinte dias iria aproveitar tudo o que não pode durante este ano todo.

Mas ver Carlos assim estava lhe deixando inquieto. Achou melhor falar com ele.

— Carlos, tudo bem?

— Hã? Ah, sim tudo.

— Carlos, ei, eu te conheço cara, aconteceu alguma coisa?

— Não nada.

— Ei cara, qualé? Sabe que eu sou seu amigo. Pode falar comigo. Seu segredo é meu segredo. O que está pegando. Está preocupado com a Borboleta?

Borboleta era o nome que eles havia dado à Raquel. Isso era para que os outros seminaristas não ficassem indagando ao ouvir um nome de mulher.

— Não, não é nada disso.

— Então o que é?

— Bem... Foi um negócio que eu vi ontem.

— E o que foi?

— Vou te contar, mas não quero que conte para ninguém. Você promete?

— Vou ouvir sua confissão meu podre pecador. – disse Marcelo num tom de deboche.

Ambos riram.

— Cara, - começou Carlos — O que eu vou lhe contar agora vai deixar você de cabelos em pé.

— Sou todo ouvidos.

— Bem, tudo começou na primeira noite em que eu estive aqui neste seminário. Eu tinha o costume de levantar durante a noite e tomar água.

— Ei, isso é proibido!

— Eu sei, deixa eu continuar. Então, eu levantei para tomar água e andando pelo corredor eu vi uma luz de um quarto acesa. Caminhei na direção do quarto para ouvir o que os seminaristas estavam falando e o Padre

Juarez apareceu. Ele perguntou para mim: O que você está fazendo andando neste corredor a esta hora? Eu lhe disse que havia visto uma luz e um som de um quarto e quando eu apontei a porta do quarto a luz havia sumido. Ele me mandou voltar para o quarto. Depois disso, passou-se mais de dois meses que eu não tomava mais água de madrugada com medo de encontrar o Padre Juarez nos corredores. Mas a vontade foi maior e eu voltei a fazer isso.

— Eu nunca notaria isso se você não me falasse. Acho que tenho um sono pesado.

— E tem mesmo! – respondeu Carlos — Mas isso não vem ao caso agora. Bem, acontece que eu voltei a beber água de madrugada e nunca mais eu ouvi barulhos nem nenhuma luz acesa, mas nesta última semana eu ouvi novamente. Enquanto tomava água eu ouvi vozes vindo do quarto do Kleiton e do José. Caminhei até lá pois a luz ainda estava acesa. Tentei olhar pela fechadura, mas acho que havia uma camisa ou algo pendurado que obstruía a visão. Então deixei para lá. Mas nesta noite de ontem eu olhei novamente pela fechadura e não havia nada obstruindo a visão.

— E o que foi que você viu?

— Você não vai acreditar!

— O que foi?

— O Kleiton e o José estavam fazendo sexo!

— O que?

— Isso mesmo que você ouviu.

— Tá brincando?

— Eu vi pelo buraco da fechadura.

— E por que você não me acordou?

— Não pude.

— Por que não.

— Fiquei olhando para aquilo.

— Eu não acredito, você vê um negócio desses e não me chama para ver também!

— Ei, Marcelo, isso não é brincadeira. O que você acha que eu devo fazer, contar isso para o Padre Juarez?

— Tá louco?

— Por que? Tenho que contar isso para alguma autoridade.

— Não senhor.

— O que você acha que eu devo fazer então?

— Vamos esperar até o próximo ano letivo.

— Para que?

— Eu vou querer ver isso também.

— Por que?

— Para irmos juntos falar com o Padre Juarez.

Carlos ficou perdido, mas como sempre. Achou que Marcelo estava certo. Afinal hoje eles estariam indo embora e não adiantava nada ficar fazendo tempestade mais.

Marcelo estava certo, era melhor deixar para o ano que vem.

— Tudo bem, vamos fazer isso então.

Marcelo sorriu ao imaginar a cena. Ficou olhando a parede, por fim voltou junto com Carlos para o quarto e começaram a arrumar suas respectivas malas para irem embora.



aris – França
28 de Agosto de 1175
Capela Notre Dame

Maurice passou aquela e todas as noites seguintes durante estes quatro meses apenas lendo e relendo o livro fragmentado do apóstolo de Cristo.

Ele nunca havia lido um livro como este. Ficou fascinado pelas coisas que Jesus fez pelo povo e por tudo o que ele pregou. Verdadeiramente Jesus era o filho de Deus. Aquele fragmento de papiro relatava a exatidão daquilo que aquele homem tinha visto, mas este livro relatava aquilo que aquele apóstolo havia vivido. Aquele primeiro homem do papiro, estava relatando algo ao Rei da Macedônia, mas este livro era o verdadeiro relato de um homem que esteve com Jesus todos os momentos de sua vida.

Maurice continuava lendo. Anotou um monte de questões que ele não estava encontrando resposta. A principal delas era: Onde Nossa Senhora entra nesta história? Madona, onde está seu papel na história. Claro, Ela havia gerado o Salvador, e havia amamentado e cuidado dele quando ele era uma criança, mas e depois? Este livro fala pouco dela, quase nada, o artista principal era Jesus.

Indagando-se a si mesmo Maurice tirou algumas conclusões. Uma delas era de que Jesus era realmente o filho de Deus e ele havia vindo aqui para nos salvar. E foi ele quem morreu na cruz e não Madona. Ela não morreu na cruz, mas sim Jesus. Ele é quem havia pago os nossos pecados. Ele mesmo foi quem disse que não habitava em templos feitos por mãos humanas mas habitava dentro de cada um.

Quanto mais indagava sobre aquele livro, mais Maurice ficava confuso. Será que temos seguido diligentemente o que Jesus pregou e ensinou. Não temos feito erroneamente com nossas regras e com nossa fé. Temos acreditado cegamente naquilo que o Papa tem nos falado e por que não temos questionado a exatidão das suas palavras? Sim, são palavras verdadeiras e de repreensão, mas será que não estamos fazendo algo errado?

Maurice caminhou até a escrivaninha e pegou um pedaço de papel. Com sua pena ele começou a redigir uma carta para Pierre.

Caro Amigo Pierre de Hausenberg,

Que a Gloriosa Graça de Nosso Senhor e a Benção Papal esteja sobre seus caminhos e sobre os ventos que te levam aos horizontes.

Agradeço sua prontidão no envio do livro escrito pelo apóstolo Mateus no 35º ano após o nascimento do nosso Senhor. Apreciei muito esta leitura que muito me foi edificante.

Gostaria de saber de vós, destemido aventureiro, se possuiis algum outro livro escrito por algum outro apóstolo do nosso Senhor. Sabe-se que são doze os apóstolos e sabe-se que nem todos eram doutos letrados, mas que eles de alguma forma deixaram seu legado, seja pela palavra escrita ou até falada. Sendo assim, diante desta carta que escrevo de próprio

punbo, peço que, caso possuas, envie-me outros livros para que enriqueçamos ainda mais a nossa biblioteca e que também sacie a sede deste seu amigo com tamanha vontade de saber.

Sinceramente, Maurice.

Ano do Senhor, 1175 – 28 mês do Imperador Augusto.

Ao raiar da aurora, Maurice solicitou que um dos servos camponeses enviasse esta carta para seu amigo. Ele receava temeroso que talvez Pierre estivesse em alguma aventura e não fosse possível encontrá-lo em casa. Mas ainda tinha um pouco de esperança também de o encontrasse lá.



Paris – França
13 de Fevereiro de 1176
Capela Notre Dame

Maurice estava retirando a sujeira por baixo de uma unha do pé quando avistou de longe um barco com a bandeira de Buscherster.

Não deu muita importância por achar ser mais um visitante que veio ver a capela e deixar seus donativos.

Continuou com sua higiene até que uma carroça parou diante da capela. Um senhor de idade avançada desceu com a ajuda de uma rapariga.

— Procuo um homem chamado Maurice de Sully. – falou o velho.

Maurice ficou em pé.

— É este que vos fala.

— Nous sommes la Raison! – disse o velho.

— Nous sommes la Raison! – respondeu Maurice.

— Meu nome é Puelest, sou servo de Pierre de Hausenberg.

— Pierre de Hausenberg?

— Sim, vós deveis conhecer Pierre de Hausenberg.

— Sim, o conheço.

— Trago-lhe notícias de Pierre bem como uma carta escrita de próprio punho.

— Diga-me então por onde tem se aventurado meu amigo Pierre.

— Lamento dizer-lhe que Pierre já não pode se aventurar mais. Foi picado por um inseto conhecido das plantas de algodão e veio desfalecer em seu leito à um mês.

Maurice ficou atônito.

— Sabemos de sua estima pelo saudoso senhor Pierre. – continuou o velho — Antes de que o véu da morte lhe chegasse ele pediu para que uma folha de papiro fosse lhe posto sob o punho e uma pena fosse lhe dado. Assim ele lhe escreveu esta carta.

Maurice pegou o papiro e desenrolou:

Querido amigo Maurice,

Que a benção Papal esteja sobre seu caminho e que o nosso Senhor possa lhe iluminar os passos rumo a sua jornada.

Lhe escrevo do meu leito onde de longe ouço o som das águas e os pássaros cantando. Tantas vezes desejei atravessar este oceano e conhecer os mistérios que no fim do disco terrestre pudessem existir. Bem sabes que nada detém este coração aventureiro e mesmo que eu encontrasse o abismo, não hesitaria em pular lá para ver como é. Mas estou impossibilitado. Fui vergonhosamente ferido por um inseto comum em plantas de algodão e agora aos poucos sinto meus membros desfalecerem. Já não sinto meus pés e também perdi a crença de que vou voltar a andar como antes.

Contudo, a ti deixo o que tenho. Minha embarcação que sempre foi meu orgulho, meu livros, que poucas horas gastei-me sobre eles, e meus servos que agora são seus para uso e para desfrute da construção.

Antes do findar da aurora acho que já estarei na Barca de Caronte rumo ao desconhecido e de onde não poderei mais voltar, portanto por minha estima à ordem e à você peço que aceite meus objetos como uma prova viva que eu existi e irei existir em sua memória para sempre.

Fiç questão de separar os dois outros livros que possuo dos apóstolos. Sendo um do apóstolo João que acredito não irá incluir muito no que já sabe e um do apóstolo Pedro. Livros estes que serão seus até que não os queira mais.

Confiç a entrega de todos estes objetos ao meu fiel servo Puelest, a fidelidade que ele me prestava será para ti agora.

Termino este papiro aqui, grande amigo, forças já não tenho para continuar.

Mas você irá continuar, busque sempre o conhecimento e o saber que você tanto ama. E verás que a resposta para todas perguntas estará nele.

Que Deus possa lhe abençoar muito e que a luz e a mão do Papa seja sua flecha para a vitória.

Sinceramente, Pierre de Hausenberg,

Ano do Senhor, 1176 – 02 do mês Janeiro.

Maurice terminou a leitura com os olhos cheios de água. Olhou novamente para o velho e seus olhos também vertiam água.

Olhou para a rapariga que com ele veio na carruagem e seus olhos brilharam. Nunca havia visto tão bela criatura.

Um vento forte soprou e Maurice olhou para a embarcação.

— O que traz no barco?

— Todos os pertences de nosso senhor Pierre.

— Onde está o corpo de Pierre?

— Ele pediu para que fosse jogado ao mar. Ele disse-nos que um desbravador jamais morreria em terra firme.

Maurice respirou fundo. Desejo estranho este de Pierre.

— Que Deus o tenha. – disse por fim. — Quantos mais servos há?

— Senhor, somos em oitenta.

— Pois bem, comecem a descarregar a embarcação, os livros vão para o centro da capela, os outros utensílios irão para minha casa.

— Sim, Senhor. – respondeu o velho.



upãssi – Paraná – Brasil
11 de Dezembro de 1984
Rodoviária

Carlos não esperava um cortejo tão grande lhe aguardando. Lá estava os seus pais, primos, amigos e até o padre Jorge.

Carlos desceu do ônibus, como sempre, um pouco zozzo. Acabou cochilando na poltrona e nem reparou que já estava em casa.

Despediu-se de Marcelo ainda no Seminário, depois foi com a Kombi até a rodoviária, pegou sua passagem, entrou no ônibus e seguiu viagem.

Agora estava em casa.

Começou a cumprimentar todos os que estavam lhe recepcionando na rodoviária. Aos poucos os cumprimentos foram acabando e Carlos entrou na Toyota Bandeirantes do pai.

Seguiram até a Chácara.

Carlos entrou em casa e colocou a mala no seu quarto. Ah, aquele cheiro da casa era inconfundível. Carlos pulou na cama. Sentiu o cheiro da cocha, dos lençóis, da mobília, tudo era como antes. Como se ele nunca estivesse saído de lá.

Seu pai veio até o quarto.

— Como está padre Carlos?

— Estou muito bem, Pai! E o Sr?

— Ah, estou um pouco preocupado com umas dores nas costas, mas nada de anormal.

— Como está a vida no Seminário?

— Bem, tenho tantas coisas para lhe contar que acho bom tomar um banho antes, no jantar eu conto tudo.

A mãe de Carlos chegou e lhe abraçou novamente.

— Estava morrendo de saudades deste meu menininho!

— Ai, mãe! – disse Carlos tentando sair dos braços da mãe.

Ela ignorou os protestos e as tentativas de desabraço de Carlos, queria mesmo era tê-lo em seus braços. Com muito custo Carlos conseguiu sair e seguiu para o banheiro. Tudo era igual à um ano. Parecia que ele nunca havia saído de casa.



Paris – França
14 de Dezembro de 1176
Casa de Maurice de Sully

Maurice observava enquanto a rapariga colocava mais chá na sua caneca. Ela era mesmo linda. Seu longo cabelo caracolado e seu rosto pareciam uma seda. Seus olhos amêndoas eram como duas pérolas raras.

— Como chamas?

Ela ignorou, pois achava que ele não estava falando consigo.

— Como chamas, rapariga?

— Eu senhor?

— Sim, como chamas?

— Helene. Helene de Hausenberg.

Maurice sorriu.

— Quem é o seu senhor, Helene?

— És tu Senhor.

— Então por que chamas ainda Helene de Hausenberg? Agora deves chamar Helene de Sully.

Ela ficou um pouco confusa. Estava perdida.

— Quantos anos tem Helene? – Maurice quebrou o silêncio.

— 16, meu Senhor.

— És mulher casada Helene?

— Não, meu Senhor.

Ela o fitou nos olhos. Maurice sentiu seu corpo se estremecer. Helene era a mais linda flor que ele já havia visto em sua vida, Ela era linda!

Maurice sentiu seu coração bater apressadamente, olhou para as mãos de Helene e viu o quanto eram delicadas, manejava o bule com o chá de uma forma que parecia música.

— Amas alguém, Helene?

— Não, meu Senhor.

— Não me chames de Senhor, não sabes que só existe um Senhor?

— Sim, meu senhor, mas meus pais me ensinaram a chamar nossos senhores de Senhores também.

Maurice ficou olhando-a enquanto terminava seu serviço. Por fim ela terminou de servi-lo e foi-se indo embora.

— Eu te quero Helene. – disse Maurice olhando-a nos olhos. Seu coração batia em alta velocidade.

— Como, senhor? – respondeu ela parando seu caminhar.

— Eu te quero como minha esposa. – disse ele por fim.

Helene deixou cair o bule com chá. Ficou fitando Maurice com os olhos arregalados, como se tivesse visto um fantasma.

Maurice sorriu. Realmente ela era a mais linda flor que ele já vira em toda a vida.

— Queres ser minha esposa? – perguntou Maurice.
Helene ainda parecia uma estátua. Colocou a mão no coração e ainda fitando Maurice nos olhos, sorriu.



Tupãssi – Paraná – Brasil
11 de Dezembro de 1984
Casa de Carlos

Carlos sentia a garganta seca, por mais que bebesse água, ainda insistia em ficar seca. Já havia contado todos os episódios do Seminário para seus pais. Além das coisas engraçadas e fora do normal que aconteciam, o resto era uma rotina diária de oração e de estudos.

Estava feliz em fazer este pequeno relatório para eles. Sabia que eles queriam um filho sacerdote e Carlos sempre foi a resposta para tudo que queriam.

Após contar o dia-a-dia do seminário, foi a vez do Pai contar todos os acontecimentos da pequena Tupãssi. Contou sobre as plantações, sobre as eleições, sobre as pessoas que morreram, as que casaram, as que mudaram, as que voltaram e etc...

— E a Raquel? – Carlos perguntou sem querer.

Seus pais fitaram-no com estranheza pela pergunta.

— Bem, ela ainda continua por ai. – sua mãe acabou respondendo — Está trabalhando numa sapataria. Coitada dela. O pai voltou a beber e ela e a mãe tem passado apurado nos braços dele.

— É mesmo, é?

— É, mas se Deus quiser, tudo vai ficar bem. Você já viu as mudanças na igreja? Amanhã eu vou te levar lá.

A Mãe de Carlos mudou a conversa, mas Carlos não conseguiu mudar os pensamentos. Raquel novamente. Raquel, por que ela ainda exercia este fascínio sobre ele?

Quando é que ele iria vencer isso de uma vez por todas? Se talvez, ele encontrasse ela? Será que ele conseguiria resolver este assunto de uma vez por todas? Mas já não estava resolvido? Ele já não tinha posto um ponto final?

Sim, mas talvez, não. Carlos tentava, mas não conseguia por um fim. Ele poderia dizer para tudo mundo que havia posto um fim, mas no fundo, lá dentro ele ainda sabia que esta história não havia acabado.

Sua mãe ainda continuava a falar sobre as reformas na igreja. Carlos tentava acompanhar a conversa mais estava voando longe. Lembrando-se da última vez que viu Raquel.



Paris – França
3 de Maio de 1177
Casa de Maurice de Sully

Na verdade foi um acontecimento inesperado pela pequena Paris. Uma grande parcela da Ordem veio assistir o casamento de Maurice e Helene. Foi o quarto casamento celebrado na pequena Capela de Notre Dame. Não houve espaço para tanta gente. A grande maioria assistiu às solenidades do lado de fora.

Maurice esta muito feliz. Helene estava linda. Branca como a mais pura lã e linda com um vestido feito para a ocasião. Ele se sentia um pouco incomodado com sua roupa. Sapatos apertados condicionavam seu grande pé. E ele não era muito adepto de chapéis com penas.

Mas fora isso, o Sacerdote de Justenville celebrou a solenidade com um destreza que só um sacerdote possui.

Após a cerimônia, os camponeses puderam festejar com bastante vinho e carne do lado de fora de Capela. Maurice utilizou-se um pouco do dinheiro que seu amigo Pierre lhe havia enviado.

Quando já raiva a aurora de um novo dia, finalmente Maurice e Helene foram se recolher em sua Casa.

— Helene, sei que Deus me enviou você. – disse Maurice à Helene que estava deitada à seu lado na cama.

— Meu senhor, quando desci da carruagem com o Puelest e vi o senhor, meus olhos se encheram de brilho e intimamente lhe desejei meu marido.

— Eu o mesmo senti ao ver seus olhos brilhantes.

— Sou sua para sempre, meu senhor.

Maurice sorriu e beijou a testa de Helene.

Helene apagou a última vela que ainda insistia em manter-se viva.

Foi a melhor noite de vida de Maurice e de Helene.



aris – França
18 de Fevereiro de 1183
Casa de Maurice de Sully

— O que fazes meu senhor? – perguntou Helene docemente.

— Estou lendo o livro escrito pelo apóstolo João. Quero descobrir mais sobre a vida do nosso Salvador.

— Descobrir mais? O Papa sempre nos envia um texto com as palavras de Cristo...

— Eu sei disso, mas estudando aqui, diretamente da fonte, eu tenho descoberto mais coisas.

— Que tipo de coisas?

Helene sentou-se ao lado de Maurice.

— Veja, aqui o livro fala muito pouco de Nossa Senhora. O papel dela não foi tão primordial quanto o Papa diz ser.

— Não foi?

— Não. Vamos pensar juntos. Quem morreu na cruz?

— O nosso Senhor.

— Então, quem pregava aos discípulos e ao povo?

— O nosso Senhor.

— E quem fazia as curas?

— O nosso Senhor.

— Então?

— Então o que?

— Não chegou a nenhuma conclusão?

— Não.

— Minha querida Helene, é muito claro, se foi o nosso Senhor Jesus que fez tantas coisas assim, por que nós nos dirigimos a Nossa Senhora e aos Santos quando precisamos de algo?

— Por que ela é a mãe de Deus!

— Sim, mas olhe aqui uma coisa.

Maurice mostrou o primeiro capítulo do livro do Apóstolo Mateus.

— Meu senhor, eu não sei ler.

Maurice sorriu docemente para sua maravilhosa esposa.

— Eu leio para você. Aqui diz assim: *Abraão gerou a Isaque, Isaque gerou a Jacó, Jacó gerou a Judá e seus irmãos. Judá gerou de Tamar a Perez e a Zerá, Perez gerou a Esrom, Esrom gerou a Arão. Arão gerou a Aminadabe, Aminadabe gerou a Naassom, Naassom gerou a Salmom, Salmom gerou de Raabe Boaz, Boaz gerou de Rute a Obede, Obede gerou a Jessé, Jessé gerou ao rei Davi, o rei Davi gerou a Salomão da que foi mulher de Urias, Salomão gerou a Roboão, Roboão gerou a Abias, Abias gerou a Asa, Asa gerou a Josafá, Josafá gerou a Jorão, Jorão gerou a Uzias, Uzias gerou a Jotão, Jotão gerou a Acaz, Acaz gerou a Manassés, Manassés gerou a Amom, Amom gerou a Josias, Josias gerou a Jeconias e seus irmãos no tempo do exílio na Babilônia. Depois do exílio na*

Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel, Salatiel gerou a Zorobabel, Zorobabel gerou a Abiúde, Abiúde gerou a Eliaquim, Eliaquim gerou a Azor, Azor gerou a Sadoque, Sadoque gerou a Aquim, Aquim gerou a Eliúde, Eliúde gerou a Eleazar, Eleazar gerou a Matã, Matã gerou a Jacó, Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo.

— Meu senhor, não entendo. Onde você quer chegar com tudo isso?

— Veja minha querida, Deus escolheu primeiro José e depois Maria.

— Como assim?

— Ora, é muito simples, Veja, de acordo com a Torah, que é o livro oficial dos Israelitas, o salvador devia vir da descendência de Abraão. E se você observar mais de perto você irá notar que José, pai de Jesus veio da raiz de Abraão. Mas Maria não veio de nenhuma raiz. Então Deus olhou primeiro na descendência de Abraão. Primeiro Deus escolheu o pai.

— Mas e nossa Madona?

— Maria foi escolhida, pois Deus achou ela digna de ser mãe do nosso Senhor, ela estava casada com José, por isso Deus escolheu ela.

— Tá, mas que raciocínio nós formamos então.

— Que Maria foi escolhida para ser a mãe do nosso Salvador porque estava casada com José. Pois Deus olhou para a descendência de Abraão primeiro.

— Mas e o anjo que apareceu para ela? Apareceu um anjo não apareceu? Nós sempre vemos um anjo com ela quando vemos uma pintura.

— Sim, o anjo apareceu para ela. Mas veio apenas para lhe confirmar o que Deus já havia escolhido.

— Bem, isso deixa-me com muitas dúvidas. Ela não está no céu?

— Sim, eu acho que sim.

— E ela não está vendo nós aqui em baixo?

— Isso não.

— Como? Ela não intercede por nós com seu santo nome?

— Não. Ela não pode interceder por nós, assim como nenhum santo pode.

— Mas estamos perdidos então?

— Não, pois Jesus que ressuscitou dos mortos, ele que está assentado a direita de Deus pai, ele sim pode interceder por nós.

Helene ficou olhando os olhos de Maurice. Ela estava fascinada com o que acabara de aprender. Ela lhe abraçou.

— Você é tão inteligente, meu senhor. Sou sua com todo o orgulho.

Maurice sorriu.

— Me conte mais sobre Jesus.

Maurice pegou a Torah e começou a explicar para Helene tudo o que havia descoberto sobre Jesus, e mostrou-lhe todas as ligações que havia descoberto existirem entre o antigo livro dos Israelitas e os evangelhos escritos pelos apóstolos.

Passaram a noite falando sobre este assunto. Nem um nem o outros se cansou de conversar sobre os mistérios de Deus.



upãssi – Paraná – Brasil
15 de Dezembro de 1984
Centro da Cidade

Depois de quatro dias em casa colocando as notícias em dia e ajudando alguns afazeres, finalmente Carlos pode dar uma volta pelo centro de Tupãssi.

Constatou com um pouco de tristeza que apesar de estar um ano fora, muitas coisas continuavam como eram. Como o imenso chafariz no centro da praça e o pequeno calçadão.

Parou numa lanchonete e pediu um refrigerante. Estava um sol de rachar e ele estava morrendo de sede.

Olhou à sua volta o movimento de pessoas e de carros que passavam e lembrou-se com saudades da vida tranqüila do Seminário. Longe de toda esta barulheira e de todo este tráfego.

Pagou o refrigerante e seguiu o seu rumo.

Encontrava um e outro conhecido, e isso lhe tomava tempo. Tinha que dar um breve relato sobre tudo o que estava aprendendo no seminário e contar como estava sua vida. Isso começava a ficar cansativo e chato.

Por fim chegou ao seu destino.

Raquel ficou olhando por uns segundos aquele jovem que estava parado em frente a sapataria. Por fim sorriu.

— Eu não acredito, Carlos!

Ela caminhou apressadamente na direção dele e lhe abraçou.

Carlos sentiu todo o corpo dela em contato com o seu. Sentiu mais que isso, sentiu o perfume de Raquel e foi bom.

Por fim olhou nos olhos dela. Aqueles olhos verdes que outrora ele tanto amou, estavam do mesmo jeito. Continuavam lindo e suplicantes.

— Oi Raquel. Quanto tempo hem?

— Pois é!

— Podemos conversar um pouquinho?

— Claro, sem problemas, deixa eu falar com a minha patroa.

Raquel adentrou à sapataria e foi falar com uma mulher alta e magra.

Carlos esperou por uns segundos e por fim Raquel voltou. Estava e cabelos soltos agora e havia tirado a blusa com a propaganda da sapataria.

— Quando chegou? – perguntou ela assim que começaram a andar de volta para a praça.

— À quatro dias.

— E por que demorou tanto para me procurar?

— Ah, tive que resolver um monte de coisas.

— Me conte tudo, não me esconda nada. Como é a vida lá no seminário?

Carlos fez um breve relato de tudo o que havia visto e ouvido durante este primeiro ano no seminário.

— Você vai se ordenar padre? – quis saber Raquel
— Acho que vou, por que?
— Tenho um tio que estudou no seminário, mas não tornou-se padre, ele até casou já.
— Raquel, eu queria conversar uma coisa com você.
— Claro, pode dizer.
— Você recebeu minha carta.
Raquel olhou para baixo um pouco com desdém.
— Recebi. – respondeu.
— Você me entendeu?
— Claro. Eu sou um pouquinho lenta, mas pego fácil as coisas.
— Raquel, não fique triste comigo, não foi eu quem quis assim. Eu sou um seminarista agora. Estou estudando para ser um Padre, não há espaço para mais nada.
— Eu entendo.
— Sabe, sei que você gosta de mim, eu também gosto de você, mas tenho uma outra vida agora. Sou um homem que tem voto de celibato, não posso abandonar mais minha vida. Eu não sou mais aquele garoto de antigamente. Não espere que eu lhe corresponda por algo que eu não posso corresponder.
Carlos olhou nos olhos de Raquel, aqueles olhos verdes realmente exerciam um fascínio sobre ele.
— Não quero ser mal. – continuou — Só quero que você me entenda e entenda que eu preciso seguir outro rumo. Tenho minha vida sacerdotal a seguir agora.
— Eu sei. – Raquel estava quase chorando.
— Não fique triste, será melhor para nós. Veja, você é uma garota linda, tenho certeza que um milhão de jovens gostariam de estar no meu lugar agora. E você irá encontrar um homem que irá lhe fazer a mulher mais feliz do mundo.
— E, se eu lhe disser que já encontrei este homem...
— Eu irei lhe dizer que este homem nunca irá lhe fazer feliz.
Ela olhou novamente nos olhos dele. Seus olhos estavam cheios d'água. Carlos respirou fundo.
— Tenho que ir agora. – falou. — Vou estar rezando por você.
Levantou-se e seguiu seu caminho. Não se atreveu a olhar para trás. Sabia que Raquel estava chorando. Mas ele também estava. Não queria que ela lhe visse chorar.



upãssi – Paraná – Brasil
2 de Janeiro de 1985
Rodoviária

Carlos subiu a pequena escada que dava acesso ao corredor do ônibus e procurou uma poltrona para sentar.

Olhou pela janela e lá estava sua Mãe e seu Pai, sempre fiéis às despedidas. Ao longe Carlos pode ver Raquel a observá-lo com lágrimas nos olhos.

Depois da conversa que teve com ela não à viu mais, agora, estava voltando para o seminário e finalmente ela era uma página virada em sua memória. Mas será que ele era uma página virada na vida dela?

Só o tempo poderia dizer. Estava agora no segundo ano do Seminário. Estava voltando a rotina de vida enclausurado no interior do Seminário e lá ele iria continuar seu caminho até os braços de Deus. Olhou por cima das árvores e pode ver a cruz da matriz. Um dia ele seria o padre Carlos e um dia ele iria ser o padre daquela igreja.

Acomodou-se melhor na poltrona. O ônibus começou a se movimentar lentamente. Carlos deu tchau para sua mãe e ao longe ele fez um sinal para Raquel. Ela sorriu entre lágrimas.

O ônibus começou a se movimentar lentamente e por fim começou a ganhar velocidade. Toledo estava à caminho e ele estava voltando para sua nova casa novamente.

Não demorou muito para começar a cochilar, estas viagens de ônibus sempre lhe davam sono.

Lembrou-se dos dias de férias em que descansou bastante e assistiu bastante televisão. Não fez quase nada. Só de vez em quando o padre ia em sua casa para conversar com ele. É um dos poucos momentos em que ele gostava. Falavam sobre a vida no seminário e sobre a futura vida sacerdotal de Carlos.

Os amigos apareceram também nas férias, aqueles que não foram viajar. Saíram para pescar e para jogar bola. Carlos passeou pelos lugares preferidos e sentiu uma pitada de saudade dos tempos em que não haviam preocupações e nem obrigações. Tempos bons que não voltam jamais.

O ônibus continuou sua viagem. Carlos adormeceu e só acordou quando chegou na rodoviária de Toledo.

Desceu do ônibus e já avistou outros seminaristas. Cumprimentou-os e começou a conversar sobre às férias. Aos poucos mais seminaristas chegaram e por fim Padre Juarez com sua velha Kombi também chegou para levar todos ao seminário.

Marcelo estava estonteante. Estava bronzeado e falando mais do que matraca. Contando sua viagem ao litoral, mar, areia e muito sol. Os outros

seminaristas ouviram-no com ouvidos atentos para as loucuras que Marcelo falava.

Por fim a Kombi chegou ao seminário e eles voltaram para os quartos. Carlos sentiu um leve cheiro de mofo quando entrou no seu.

— Puxa vida, não custava nada eles terem abertos as janelas para arejar um pouco este cheiro de mofo, não é?

Marcelo concordou.

Carlos sentou-se na cama e contou para Marcelo o episódio de Raquel e tudo mais que fez nas férias, Marcelo ouviu tudo atentamente. Por fim contou-lhe as travessuras que fez nas suas férias.

— Pena que acabou, né Carlos? Eu bem que podia ficar mais tempo naquela praia maravilhosa.

— Ah, qualé Marcelo, esqueceu que você será um padre? Esqueceu Padre Marcelo?

— Não, não esqueci não. – respondeu Marcelo respirando fundo. — Enfim, vamos voltar a nossa rotina de Divina Providência.

Assim que se encontraram novamente bens instalados, foram até a sala de refeições e jantaram. Após a janta, foram para a sala de aula para terem a primeira aula de 1985.

Carlos sorriu, finalmente Raquel era uma página virada. Agora ele só iria se preocupar em descobrir um novo caso. O caso dos jovens homossexuais.

Ele lembrou Marcelo.

— Acha que eu esqueci? Não via a hora de voltar para ver com os meus próprios olhos.

— Acha que eles vão fazer aquilo hoje?

— Com certeza, já faz mais de vinte dias que não se vêem.

Ambos riram.

— Então vamos fazer assim, quando todo mundo estiver dormindo vamos lá ver isso.

— Sem falta.

Assim fizeram. Após a maçante aula sobre o novo ano letivo, os seminaristas foram para os seus quartos. Como era a primeira noite, muita conversa ainda rolou até que todas as luzes fossem apagadas. Por fim, as duas da madrugada Carlos cutucou Marcelo.

— Marcelo? Marcelo?

— Hum?

— Acorda, meu, está na hora.

— Hum? É mesmo!

Carlos fez um gesto para que ele fizesse silêncio.

Ambos saíram do quarto apenas calçados de meias para que não fizessem nenhum barulho.

Viraram o corredor. Carlos aproveitou para beber água. Lá estava o quarto. A luz estava acesa. Marcelo não conteve a curiosidade e foi rapidamente espiar pela fechadura.

Carlos o seguiu.

Marcelo olhou. Realmente viu aquilo que ele nem em sonho imaginaria acontecer.

Carlos também olhou.

Ficaram olhando por um bom tempo. Por fim voltaram para o quarto.

Marcelo não conseguiu conter a risada.

— Carlos, o que era aquilo?

— Não te falei?

— Como pode isso? Aqui no Seminário?

— Sabe, eu estive pensando. Ficamos o ano todo infurnados nestes corredores, acho até aceitável isso.

— Que horror! Como podem fazer uma coisa dessas?

— O que você acha?

— Não tenho palavras.

— O que vamos fazer, Marcelo?

— Contar para o padre Juarez.

— O que?

— Claro, eles precisam saber que existem homossexuais aqui.

— Mas aí vamos acabar com eles. Imagina o que a família irá dizer?

— Não estou nem aí. Quem mandou serem Viados?

— Acha mesmo certo isso?

— Claro que acho.

— Vamos ser dedos-duros? Como Judas?

— Claro que não.

— Então como vamos contar para o Padre Juarez?

— Ora é bem simples, vamos escrever uma pequena cartinha e colocar por baixo da porta do quarto dele. Quanto ele ver, vai averiguar.

— Mas se ele conhecer a caligrafia?

— Vamos escrever com a mão esquerda.

— Boa idéia.

Carlos pegou um pedaço de papel, e em meio a garranchos e letras tortas escreveram o seguinte bilhete:

Padre Juarez,

Não devemos dar voz à Satanás, mas nesta noite vimos que ele se encontra aqui no Seminário e em um dos quartos dos Seminaristas.

Peço que o senhor levante-se hoje às 2:00h da madrugada e veja com seus próprios olhos o que ele tem feito na vida de jovens. Vá até o quarto do Kleyton e do José e verá.

— E se eles não repetirem a dose hoje à noite?

— Eles vão.

— Como pode ter tanta certeza.

— Algo me diz que eles vão.

Marcelo abriu um sorriso.

Ambos se deitaram e não demorou muito para que Marcelo dormisse.
Carlos ficou ainda fitando o teto do quarto por um bom tempo.



aris – França
15 de Junho de 1198
Igreja de Notre Dame

Maurice de Sully era arrastado pela multidão enquanto ouvia o som do escárnio e das blasfêmias contra sua casa e sobre si.

A corrente que prendia seu pescoço era puxada por dois homens fortes e isso lhe machucava muito. Ele queria poder olhar as pessoas que lhe dirigiam injúrias e palavrões, mas ele já não podia ver. A última coisa que pode ver foi a lança ardendo em brasa vazando-lhe os olhos, estava cego diante daquela multidão que lhe amaldiçoava.

As correntes que prendiam seus pulsos estavam apertadas e apalpando o chão tentava descobrir em que lugar da pequena Paris ele estava. Sentiu o pedregulho que era o caminho da agora Igreja de Notre Dame. Estava sendo arrastado para lá.

Não conseguia ouvir a voz de Helene e nem dos seus filhos Joseph e Maurice II. Socos e pontapés vinham-lhe quando ele menos imaginava, de todos os lados seus cabelos eram puxados e ele era furado por algo pontiagudo.

Passou a mão no rosto e sentiu algo quente descendo-lhe pela barba. Era sangue. Ele ainda tinha sangue para verter. Isso significava que ele ainda tinha algum tempo de vida. Sabia que daquele dia ele não passava, assim como Jesus que estava na cruz. Finalmente havia chego o dia em que ele teria por fim.

Pensou em Helene. Helene a mais linda flor que Deus já lhe mostrou. Pensou em Joseph, sempre tão carinhoso e em Maurice II, habilidoso e companheiro.

— Helene? – gritou.

Mais socos e pontapés.

— Helene? – gritou mais alto.

A multidão estava fora de controle e ele não ouvia nada além da turva.

Finalmente ele foi erguido por braços fortes.

— Helene? – novamente gritou.

Sentiu uma chicotada verter em seu rosto.

Encostaram-no em um toco. Amarraram seus braços para trás. Um cheiro forte de óleo pôde ser sentido. A turva ainda gritava blasfêmias e atiravam-lhe pedras e paus.

Subitamente um silêncio se instaurou.

Maurice pode discernir a voz do Cardeal Hugo de Visingod.

— Maurice, Deus ainda lhe dará uma chance. Deus em sua infinita misericórdia lhe poupará a vida se você desmentir o que dizes a respeito da Igreja Apostólica. Se você pedir perdão a Deus em público e a Nossa Senhora, seremos misericordiosos com sua casa.

A Cabeça de Maurice pendia cansada.

— O que tem a dizer Maurice? Diga ao povo e seu sofrimento irá terminar.

Maurice ergueu a cabeça e mostrou ao povo seu rosto cheio de sangue e seus olhos vazados.

O silêncio se instaurou diante da Igreja de Notre Dame. Maurice diante dos seus algozes, sorriu e gritou:

— Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra! Não te encurvarás a elas nem as adorarás!

O Cardeal fez um sinal com a cabeça e alguém ateou fogo na palha e no óleo que estava sob Maurice.

A multidão gritou vivas e brandos de alegria.

O fogo subiu rapidamente e como línguas venenosas de serpentes consumiram sua pele.

— Senhor, óh meu Senhor, - disse Maurice exausto — Aceita o meu espírito! – ainda sussurrou enquanto o fogo consumia dolorosamente seu corpo.



oledo – Paraná – Brasil
21 de Novembro de 1987
Seminário Santa Mônica

Carlos estava muito feliz. Os últimos três anos de seminário correram como relâmpagos. Continuou estudando muito. Marcelo tornou-se seu melhor amigo. Juntos apreenderam muito sobre toda a doutrina Católica. Já se consideravam Padres.

As cartas de Raquel realmente cessaram. Carlos nem se quer lembrava-se mais dela. Ele esperava que ela tivesse finalmente encontrado o seu amor e que tivesse casado. Seria até bom que Raquel tivesse encontrado seu par.

Carlos agora estava com 21 anos. Era um dos mais novos da turma. Mas os outros não iam muito longe disso não. Marcelo tinha 23 e a grande maioria tinha isso também. A ordenação de Carlos estava marcada para o dia 12 de Janeiro. Todos os quarenta seminaristas iriam ser ordenados no mesmo dia e no mesmo local. Na Igreja de Toledo.

Carlos agora ostentava novos planos. Como dois anos antes Tupãssi havia perdido o padre titular, um novo jovem padre do Rio de Janeiro veio para lhe substituir. Não havia mais campo para Carlos em Tupãssi, sendo assim ele foi designado, junto com mais três seminaristas para a Basílica de Nossa Senhora de Aparecida.

Carlos ficou muito feliz, e apesar de ser longe de casa, estava confiante que seria um ótimo padre em Aparecida.

Marcelo iria para São Paulo, sua cidade também estava saturada de padres. Ele quis ir para a Basílica de Aparecida também, mas não foi possível.

Carlos sentiu muito. Estimava Marcelo como um irmão e este a ele também.

Aproveitando estes pequenos dias de férias, Carlos esteve em Tupãssi onde conheceu Welinton o novo padre. Ajudou-o neste período pois Welinton estava necessitando de toda a ajuda possível.

No dia da ordenação. A cidade estava cheia de visitantes de parentes dos seminaristas.

A igreja estava cheia e enfeitada para a ocasião. Carlos foi o Terceiro seminarista ordenado.

— É Marcelo, - disse ele — Entramos aqui hoje como seminaristas e estamos saindo como Padres.

— Esperamos muito por isso né, Padre Carlos.

— Com certeza, caro Padre Marcelo.

Os dias que sucederam a ordenação foram de festa e de alegria para os familiares e amigos.

Carlos certa vez, foi convidado à um churrasco de um amigo fazendeiro. Este lhe pediu para abençoar os alimentos, o que Carlos fez com todo orgulho.

Por fim algumas pessoas vieram até Carlos falar com ele. Entre elas veio uma que Carlos estremeceu ao ver.

— Padre Carlos.

— Raquel.

— Parabéns.

— Eu que lhe dou os parabéns. Como você está bela!

— Olha, padre!

Carlos riu.

— Estou apenas brincando minha cara fiel.

— Querido padre.

Ambos se abraçaram.

— Como vai ser agora, padre Carlos?

— Bem, vou ainda passar este mês aqui em Tupãssi, mas devo seguir no início de Fevereiro para Aparecida.

— Quer dizer que vai mesmo para a igreja de Nossa Senhora de Aparecida.

— Pretendo.

— Pensei que iria ficar aqui em Tupãssi.

— Também pensei, mas foi mais um sonho do que a realidade.

— É uma pena.

— Talvez seja, mas sei que tenho que ir onde Deus quer que eu vá.

— Isso é verdade.

— E você, moça, já se casou, vai se casar? Nunca mais tive notícias suas.

Raquel sorriu.

— Não, ainda não casei. Depois que meu pai morreu, tive que ajudar assiduamente em casa e então não tive mais tempo.

— Seu pai morreu?

— À dois anos.

— Me desculpe, eu não sabia...

— Tudo bem, ele bebia muito, e acho até que foi melhor assim. Eu e minha mãe sofriamos muito.

— ...

— Bem, tenho que ir, vim aqui apenas para cumprimentá-lo.

—

— Então até. Padre Carlos.

Carlos se levantou.

— Até, Raquel.

Ambos se abraçaram. Carlos sentiu novamente aquele cheiro que lhe deixava tonto.

— Terei notícias de você? – perguntou ele.

— Se me escrever terá. Ainda moro no mesmo lugar, e na mesma cidade. — sorriu Raquel.

— Tudo bem, assim que chegar em Aparecida eu lhe escrevo.

Carlos ficou olhando enquanto Raquel partia. Pensou que seria a última vez em que veria ela. Talvez melhor fosse.



Paris – França
14 de Junho de 1198
Casa de Maurice de Sully

- Eles estão atrás de mim, Helene.
- E o que iremos fazer?
- Não temos muito a fazer. A Ordem que mandou eles.
Helene estava aflita.
- Por que você simplesmente não sai da Ordem?
- Não posso. Eu tentei, mandei-lhes uma carta, mas acho que não irão se contentar apenas com isso.
- Por que?
- Eu sei muito. Terão que me matar para que sintam-se felizes.
- Mas se fugirmos. Podemos levar as crianças para o outro lado da França e...
- Não irá adiantar. Eles não se cansarão até que me achem. E além do mais, meu rosto é conhecido. Para onde quer que eu vá eles me reconhecerão.
- O que faremos então?
- Não sei, mas se este for o meu fim. Sei que fiz a minha parte. Você lacrou o diário?
- Sim.
- Helene, Helene?
Helene estava chorando.
- Olhe nos meus olhos!
Maurice esperou ela se recompor.
- Eu te amo. Mesmo na morte eu irei te amar. É possível que me prendam, que me torturem, mas nunca, mesmo que façam isso, nunca permita que eles encontrem este diário. Eles sabem sobre a biblioteca subterrânea, mas não sabem sobre o diário. Ouça Helene, ninguém poderá saber sobre o diário. Nem mesmo nossos filhos! Não agora.
- Quem irá se importar com o diário?
- Alguém. Não sei quem, mas algum dia alguém irá encontrar as pistas e irá encontrar o diário. Ele saberá de toda a verdade e ele irá fazer algo. Espero que seja um dos nossos filhos...
- E se eles te pegarem?
- Helene, você foi a melhor flor que Deus me mostrou. Se eles me pegarem, lembre-se que você estará sempre no meu coração e nem mesmo na morte eu não irei me esquecer de ti.
- Maurice beijou Helene.
- Agora durma Helene. Eu irei velar a noite toda caso eles apareçam.



parecida – São Paulo – Brasil
10 de Fevereiro de 1988
Rodoviária

Padre Carlos desceu à rodoviária com outros dois Padres. Ele olhou para o movimento de pessoas que viam e iam.

Não esperava encontrar tanta gente. Mas por fim até se conformou. Afinal estava em Aparecida. Romeiros dos Brasil todo iam até lá para ver Nossa Senhora Aparecida.

Carlos pegou a mala e os outros dois padres o seguiram. Chamou um taxi.

— Vamos para a basílica. – disse ao motorista.

Assim que os três padres se acomodaram no interior do veículo Carlos perguntou:

— Esperava por isso, Padre Bruno?

— Não. Sinceramente, não.

— E você Padre José?

— Eu já vim aqui uma vez, não é muito diferente da ultima vez.

— Querem saber, estou atônito. – confidenciou Carlos.

Atravessaram as ruas estreitas de Aparecida, havia gente para todos os lados, jovens, velhos, ricos, pobres, todos os tipos de pessoas e etnias se encontravam ali. O Carro se esgueirava como uma serpente entre os outros carros e pessoas que trafegavam pelas ruas.

Enfim chegaram à Basílica.

Um arcebispo veio lhes receber:

— Você são do Seminário Santa Monicâ?

— Mônica. – corrigiu Padre Bruno.

— Isso! Monicâ!

— Sim, somos os três padres que irão residir aqui na Basílica. – disse Carlos

— Isso! O Bispo Damaceno está aguardando os Srs.

Os três desceram do taxi e entraram nas entranhas da Basílica.

Carlos estava realmente atônito ao tamanho da construção, seus olhos jamais tinham visto coisa tão maravilhosa.



aris – França
14 de Junho de 1198
Casa de Maurice de Sully

Já se passava das onze da noite quando Maurice despertou do leve sono com o som de cascos de cavalos.

Abriu os olhos e viu três cavaleiros diante de sua casa.

— Maurice!

— Nous sommes la Raison! – disse Maurice.

Não houve resposta. Maurice entendeu que sua carta de exclusão da Ordem havia sido aceita.

— Viemos te buscar.

— Aonde vou com os Srs?

— O Cardeal Hugo de Visingod que ver-te.

— Diga-lhe que no raiar da aurora eu estarei na sua presença.

Os três cavaleiros se entreolharam.

— Ele quer ver-te agora! – disse um deles por fim.

— O Cardeal não pode esperar até amanhã? – Maurice fitou os olhos faiscantes dos cavaleiros — Tudo bem então, aguardem-me Srs enquanto eu selo meu cavalo.

Maurice saiu da presença dos cavaleiros e entrou no interior da casa.

Ao chegar no estábulo encontrou Helene.

— Você não vai, não é? – perguntou ela aflita.

— Helene...

— Não! Eles vão te matar! É uma cilada! Você não está vendo?

— Helene...

— Maurice, você não vê que eles vão te matar?

Maurice esperou Helene se controlar.

— Helene, tudo o que eu disse à você era verdade. Você estará sempre no meu coração, por mais que eu não volte, você estará aqui.- Maurice pegou a mão de Helene e colocou no seu coração.— Já fiz a minha parte, lutei um bom combate. Nada agora pode me separar do amor de Cristo. Mesmo que eles me destruam, eu ainda serei fiel ao meu Senhor. Se eu fugir agora, não serei digno nem de mim mesmo, mas se eu for lá e olhar nos olhos do Cardeal, terei feito a minha parte.

Maurice beijou Helene.

Subiu no cavalo e olhou nos olhos de Helene. Eles estavam em lágrimas, Maurice acariciou o rosto de Helene. Acariciou a sua mais bela flor.

Respirou fundo e seguiu no galope para junto dos três cavaleiros.

O Caminho todo foi em silêncio. Maurice arriscava uma ou outra pergunta, mas não existia resposta. Os três cavaleiros eram como estátuas. Apenas seguindo às ordens do Cardeal.

Cavalgaram por longas três horas. Enfim Maurice chegou na Igreja de São Lourenço.

Desceu e amarrou seu cavalo em uma árvore. Ainda estava escuro. O céu estrelado foi observado por Maurice por uns instantes.

— Breve, nos veremos de perto... – disse baixinho.

Entrou na igreja junto com os cavaleiros.

Assim que chegou na nave principal, Cardeal Hugo de Visingod e mais dois Cardeais estavam lhe aguardando. Maurice sentou-se em uma cadeira no centro da nave que já havia sido colocada estrategicamente para ele.

Assim que ele acomodou-se, ouviu o som de muitos cavalos.

Não demorou muito para que duas dúzias de soldados e homens da Ordem entrassem pelas portas.

O Cardeal Hugo de Visingod aguardou o silêncio e começou a falar:

— Maurice de Sully – disse ele — Você não imagina a tristeza que me dá estar aqui neste momento.

— Imagino. – respondeu Maurice.

O Cardeal retirou o falso sorriso do rosto.

— Não sabe o quanto nós depositamos em você. Nós confiamos em você mais do que qualquer um. Até mesmo o sumo pontífice, mesmo no atual estado em que se encontra, deitado em seu leito apenas aguardando a morte, não parava de pronunciar seu nome. Nós não acreditamos que você fosse capaz de tamanha desonra.

— Eu? Desonra?

— Maurice, você pode acreditar nas suas mentiras o quanto quiser, mas nós não iremos mais nenhuma légua com isso.

— Caro Cardeal Hugo de Visingod, eu não fiz nada, não acrescentei nada do que estava escrito. Tudo o que preguei ao povo e tudo o que defendi, não passava de algo que estava escrito. Não inventei nada, não tenho conhecimento suficiente para isso. Tudo o que eu disse, disse porque estava escrito.

— Já chega! – o Cardeal Hugo de Visingod levantou-se. — Não compreende a disseminação e as dúvidas que você está colocando no meio do povo? Não se sente culpado por estar tirando almas do céu para vendê-las ao diabo?

— O que estás dizendo? Estou apenas pregando o que Cristo pregou.

— Mentira! Mentira! Você chama os Santos de “indignos”! Quem é você para chamar os Santos de “indignos”?

— Eles são! – Maurice também se levantou. — Eles não são dignos de receber oração! Não foram eles que morreram na cruz do calvário! Não foram eles que estavam com Deus na criação do mundo!

— Já chega! Este homem que diz tamanha blasfêmia é digno de Morte!

Maurice ficou olhando nos olhos do Cardeal Hugo de Visingod.

— Não haverá perdão para aquele que desonrou a Ordem e que blasfema do nome dos Santos e da Mãe de Deus. Não há perdão! Não há perdão!

Subitamente os homens e os soldados caminharam até Maurice e o prenderam.

— O Senhor Deus será testemunha de que não há blasfêmia em minhas palavras! – Maurice gritou para Cardeal Hugo de Visingod. — Não sou como vocês! Vocês são guias cegos! Não entram no céu e não deixam aqueles que querem entrar! O Senhor Jesus será o juiz entre eu e você Cardeal Hugo de Visingod. O Senhor será o Juiz.

Maurice recebeu uma chuva de socos e pontapés.

Quando ele estava desacordado. Os soldados o levaram para o estábulo.

— O que faremos agora Cardeal? – perguntou o outro Cardeal à Hugo de Visingod

— Este homem é o próprio diabo! – respondeu ele ainda com olhos faiscantes. — Não podemos ser complacentes com o diabo! Torturem-no até que ele negue o que pregou. Se ele não negar. Ceguem-no! Ele é quem será o guia cego!

— Mas meu senhor, Pelo que tenho ouvido do povo, várias vezes ele disse ser capaz de morrer por esta causa.

— Então amanhã ele será levado diante do povo e o povo irá ver o fogo do inferno consumir este demônio.

O Cardeal Hugo de Visingod sorriu e se retirou.

Maurice de Sully acordou horas depois. Os soldados e os homens que ali estavam jogaram água em sua cabeça diversas vezes até que ele começou a recobrar a consciência.

Maurice pode reconhecer alguns daqueles homens. Eram os seus homens. Homens que outrora lhe ajudaram na organização da biblioteca. Homens da Ordem dos Templários que junto com ele comeram e beberam. Agora eles eram seus algozes.

Maurice estava amarrado pelas mãos. A corda começou a esticar até que suspendeu seu corpo. A dor era atroz.

Os soldados começaram a lhe bater com paus e com ferros. Maurice gritava de dor.

Quando eles se cansavam, deixavam Maurice novamente caído no chão. Maurice pensou em Helene. Viu uma luz sendo acesa. Pensou que suas dores iriam cessar, mas não foi assim.

Logo discerniu que a luz era uma fogueira. Algo pontiagudo foi colocado no fogo. Parecia uma lança.

Um novo puxão foi dado na corda e o corpo de Maurice foi suspenso novamente.

Uma nova chuva de paus e ferros lhe feriram o corpo.

Durante um bom tempo ele era suspenso, apanhava e a corda afrouxava, de modo que seu corpo caia no chão, e a cada vez as dores eram maiores.

Por fim Maurice viu a lança que foi colocada no fogo, ardendo em brasa. Alguém chegou até ele e lhe perguntou:

— Você admite que tudo o que ensinou era uma mentira?

Maurice não respondeu.

Alguém puxou-lhe os cabelos de modo que ele pode ver quem falava. O Cardeal Hugo de Visingod.

— Você admite, Maurice?

— Como posso admitir algo que é a minha vida? Se eu admitir isso, não sou digno de clamar o nome do meu Senhor.

— Então ainda insiste?

— Só adorarei o meu Senhor e Salvador!

Maurice foi suspenso novamente. Alguém segurou sua cabeça e ele viu a lança ardendo em brasa vir de encontro ao seu olho.

A dor foi terrível. Maurice gritou.



parecida – São Paulo – Brasil
14 de Março de 1988
Basílica de Nossa Senhora de Aparecida

Carlos já havia se acostumado com a nova rotina. Havia conhecido toda a cidade de Aparecida. Seus museus, suas histórias e até suas lendas.

Até já havia começado a por em prática sua vida sacerdotal. Eram ainda poucas as missas que ele dirigia. Mas, era tudo o que ele queria na vida.

Após o café da manhã. Ele e o Arcebispo conversavam sobre as modificações e sobre as reformas que estavam em andamento na igreja. Carlos abraçou com bom grado o acompanhamento de todas os projetos em andamento.

Cuidou para que a colocação de algumas portas ocorresse dentro do prazo. Negociou a compra de alguns terrenos para que fossem feitos orfanatos e escolas.

Carlos realmente era a pessoa certa no lugar certo.

As cartas que vinham de Tupãssi, aos poucos foram ficando escassas. Na primeira semana recebeu várias delas, só que agora recebia pouca correspondência. Recebeu várias cartas de Marcelo. Ele estava se dando muito bem também. Estava gostando muito de São Paulo. Em uma de suas cartas ele disse que não trocava a igreja onde estava, por nada.

Carlos achou que havia errado em sua previsão. Talvez Marcelo não fosse assim tão cheio de vida como ele pensava. Talvez Marcelo até ficasse por lá, para sempre.

Nas terças e quintas, Carlos possuía o horário livre. Nas primeiras semanas ele ia nos asilos e nos orfanatos, mas estes estavam sendo muito bem cuidados pelos outros padres da basílica. Então decidiu dedicar o seu tempo para continuar seus estudos. Passava o dia todo na biblioteca do Arcebispo e estudava muito.

Sentiu uma imensa vontade de aprender outra língua. O próprio Arcebispo lhe incentivou. Carlos então começou a tomar aulas de Italiano e de Francês.

Não demorou muito para que ele se identificasse bastante com estas línguas. Os outros padres pediam para que ele redigisse as cartas que mandavam para o Vaticano.

Carlos estava feliz. Ele estava onde sempre quis estar.

O tempo foi passando e quando o Arcebispo Italiano Stefano Gobbi, um dos precursores do movimento Mariano, esteve na Basílica, Carlos lhe serviu de intérprete.

Sua amizade com o Stefano foi tão grande que este lhe convidou para conhecer seus trabalhos na Itália. Carlos nunca tinha pensado em ir para a

Itália. Na verdade ele nunca pensou em sair do país. Mas como Stefano lhe falou tão bem do movimento, Carlos sentiu-se como que vendo seus horizontes se expandirem.

Prometeu a si mesmo, que assim que ele encontrasse uma oportunidade ele iria para a Itália conhecer o Vaticano e também ver o movimento Mariano encabeçado por Stefano.

Carlos estava mais familiarizado com as Missas, todo o medo e a inquietação que sentia nas primeiras missas, já haviam ido embora. Ele agora podia rezar a missa toda de olhos fechados se fosse possível. Aos poucos ele foi pegando o jeito. Estudou melhor os rituais e os dogmas, que em pouco tempo ele ajudava até os mais novos seminaristas.

Certa vez, Carlos rezou uma missa em homenagem aos pobres. Aconteceu que neste dia muitas pessoas pobres e desempregadas vieram até a basílica para pedir um auxílio e até uma benção de Deus.

Carlos rezou a missa com todo amor que sentia pelo sacerdócio.

Quando esta missa terminou, Carlos seguiu até seu gabinete e ficou pensando naquilo que uma jovem havia lhe falado. Pegou uma folha de papel, e, escreveu uma carta para Marcelo, contando tudo:

Querido Padre Marcelo,

Que a Mão de Deus e a Benção do Papa João Paulo II esteja sobre sua vida e seu ministério.

Desculpe a minha demora em lhe escrever. Mas tenho me envolvido muito com as obras na basílica que quase me esqueço de dormir.

Estou lhe escrevendo esta carta para, como nos tempos do seminário, lhe compartilhar algumas coisas que Deus tem colocado no meu coração.

Aconteceu algo esta semana que me deixou um pouco intrigado. Aconteceu mais ou menos na maneira que segue:

Eu havia feito uma missa para os pobres e os desempregados, e terminado a missa. Como de costume, caminhei até a porta para cumprimentar os fiéis. Lembro-me que vi uma pequena jovem sentada perto de uma coluna. Eu caminhei até ela. Ela contemplava, fascinada a grande obra que é a basílica.

Eu cheguei-me mais perto dela e perguntei-lhe:

— Você compreendeu minha pregação?

Ela me olhou de cima à baixo e, amargamente respondeu:

— O que você é, fala tão alto, que eu não consigo ouvir o que você diz.

Estas palavras entraram no meu coração de uma forma tão poderosa que eu parei para refletir. O que eu tenho feito pelos pobres e pelos desafortunados? Esta pequena jovem disse-me algo que eu não sabia como responder. Sabe, talvez eu tenha me transformado nisso, será que nós padres estamos nos transformando nisso?

Ela falou uma verdade, eu fico muito tempo me preocupando comigo mesmo e em deixar a casa de Deus bonita e esqueço que as pessoas passam fome. O que esta jovem me disse foi algo muito profundo. Ela disse que a minha pregação era muito bonita e havia sido muito bem pregada, mas que ela nada podia aplicar em sua vida, pois ela não possuía nada.

*Desculpe eu ficar lbe incomodando com estas coisas, mas o que você acha disso tudo?
Me escreva assim que puder,
Seu amigo.*

Pe.Carlos



parecida – São Paulo – Brasil
28 de Março de 1988
Basílica de Nossa Senhora de Aparecida

Querido Padre Carlos,

Sua carta me chegou em boa hora. Estava precisando escrever um pouco também. Tenho enfrentado muitas lutas. Obrigado pelo livro “Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora”, me foi de muita utilidade.

Você realmente conheceu o autor do livro o Pe. Stefano Gobbi? Que bom, pude notar pelo livro que ele é uma pessoa muito boa. Que Deus abençoe o movimento Mariano em Todo o Brasil.

Quanto a suas indagações, como sempre nosso Pe. Carlos sonhador!

Tenho que admitir que as vezes eu penso como você, mas lembre-se do que aprendemos no seminário: Somos escolhidos por Deus!

Não temos culpa de termos o que temos. Somos filhos de Deus também, e se de alguma forma podemos deitar em uma cama macia e confortável, Deus quis que fosse assim.

Sendo assim caro amigo, não se preocupe. Você é alguém especial e é uma benção nas nossas vidas. O que você é, e tenha orgulho disso, um homem de Deus!

Bem, gostaria de lhe contar algumas vitórias, mas não tenho nenhuma. Mas sim lutas, acredita que descobrimos que um irmão aqui da igreja andava fazendo um Caixa2 com as ofertas? Isso me deixou muito triste. Era um bom dinheiro e havíamos separado ele para a reforma. Agora estamos com um caso na justiça e não sabemos nem quando iremos receber o dinheiro de volta.

Mas tentando deixar isso de lado, eu estou bem, tenho um pouco de saudades suas e dos outros. Como eles estão? Por que não me escrevem? Esqueceram-se de mim?

Bem, se ver alguém do seminário, mande-lhes minhas lembranças e dê-lhes meu endereço.

Vou te confessar que estou tentando colocar em prática os passos do seu livro. Vamos esperar em Deus e ver o que ele fará por nós. Assim que tiver novidades eu lhe conto, mas não esqueça de me escrever também.

Fica com Deus e me escreva sempre que puder.

Seu amigo e irmão.

Pe. Marcelo R.



São Paulo – São Paulo – Brasil
5 de Março de 1993
Casa de Marcelo

Caro Padre Marcelo,

Que Deus esteja nos seus caminhos. Sei que devia lhe ter escrito à mais tempo, mas não foi possível. Estou tão envolvido nos trabalhos da diocese que quase não encontro tempo nem para mim mesmo.

Novamente eu quero lhe parabenizar pelo trabalho que você tem feito em São Paulo. Em todos os lugares que vou, sempre escuto falar do Padre Marcelo. Vejo que o movimento Mariano e a Renovação da Igreja Católica está à todo o vapor! Deus lhe abençoe muito!

Continue a orar por mim e pelo Papa, tivemos notícia que sua saúde não está muito boa. Na verdade, desde que ele sofreu aquele atentado ele nunca mais foi o mesmo. Mas nosso papel é rezar por ele, não é?

Bem, realmente estou indo viajar para Roma no dia 29. O Padre Stefano e o Padre Giovane me convidaram. Estou com um leve pressentimento de que vou acabar ficando por lá de uma vez. Conversei com o Arcebispo Manoel e ele me deu todo o apoio. Bem, estudei bastante o Italiano e o Francês. Acho que ficar um ou dois anos fora seria muito bom.

Estou terminado de escrever meu primeiro livro. Vai se chamar: "Jovens Cristãos" está direcionado às catequese. É para o público jovem.

Semana passada recebi o convite do Padre Josimar para que nos encontremos no Seminário Santa Mônica para comemorarmos o 5º aniversário da nossa formatura. Você também recebeu? Você vai? Eu não poderei ir, e se você for, mande lembranças minhas à todos.

Por falar em lembranças, quando é que você virá me visitar novamente? Aquela semana em que estive aqui foi muito corrida e não pude lhe dar atenção devida. Sabe como é, padres do Brasil todo, não foi fácil para mim que estava organizando tudo.

Bem, se vier me visitar, por favor faça logo, não esqueça que estou indo para Roma no dia 29.

Vou ficando por aqui. Me escreve, se não puder vir.

Abraços,

Pe. Carlos.



parecida – São Paulo – Brasil
20 de Março de 1993
Basílica de Nossa Senhora de Aparecida

Carlos havia acabado de ler a carta de Marcelo em resposta à sua quando um seminarista lhe entregou a correspondência do dia. Entre elas, Carlos encontrou uma carta que fez seu coração bater apressadamente. Ele abriu-a o mais rápido que pode.

Viu os olhos curiosos do seminarista.

— Emerson, você já pode ir. — disse.

— Ah, sim... desculpe... até mais Padre Carlos.

Carlos ficou olhando o seminarista fechar à porta do seu gabinete, e, se concentrou na carta:

Querido Padre Carlos,

Espero que esta carta lhe encontre com muita saúde e nos braços de Jesus.

Sei que fui negligente e sei que não existem palavras para lhe pedir desculpas diante desta minha falta de responsabilidade.

Faz cinco anos! Cinco anos que não nos conversamos mais!

Como você está? Me conte, como tem passado todos estes dias?

Eu fiz uma faculdade e por isso, fiquei longe de Tupãssi durante este tempo. Agora eu sou uma Jornalista! O que acha disso?

Eu estou bem, tenho trabalhado bastante aqui no jornal local. Não é lá grande coisa, mas tem consumido todo o meu tempo.

Estou morrendo de saudades! Quando é que você vem aqui em Tupãssi? Quando podemos nos ver outra vez?

Tenho tantas novidades para lhe contar que nem sei por onde começar. Bem, vamos do início. Eu agora sou crente! Agora eu sou evangélica. Sabe, quando fazia a faculdade eu conheci um grupo de garotas, que eram diferentes das demais. Eu acabei fazendo amizade com uma delas e perguntei-lhe por que elas eram tão diferentes. Elas me disseram que Jesus havia feito uma transformação muito grande na vida delas. Então eu fui à uma igreja. Não temos muitas coisas para fazer aqui em Umuarama.

Lá eu ouvi do evangelho de uma forma que eu nunca havia ouvido. Sabe as palavras do pastor entraram no meu coração de uma forma tão poderosa, que dobrei meus joelhos e chorei diante da presença de nosso Deus!

Foi maravilhoso! Jesus fez uma transformação tremenda em minha vida!

Mas mudando de assunto, agora que acabou a faculdade posso lhe escrever com todo o tempo do mundo. Espero que não esteja ocupando muito o seu tempo, estou?

Como estão os trabalhos na igreja?

Me escreva contando o que tem feito nestes cinco anos, pois eu vou ficando por aqui.

Deus te abençoe Padre Carlos e que Jesus possa lhe iluminar para que você conheça a verdade.

*Abraços,
Raquel.*

Carlos não acreditava no que estava lendo. Ele leu novamente a carta, e depois, outra vez. Lembrou-se do rosto de Raquel, daqueles olhos verdes. Da última vez que à viu. Raquel.

Por que ela demorou tanto tempo para lhe escrever? Mas por outro lado, por que ele também nunca escreveu? Será que ela já havia casado? Mas ela não mencionou isso na carta, o que será então?

Carlos sentiu como que um leve fogo em seu coração. Raquel. Que saudades dela!

Subitamente lembrou que dentro de nove dias estava indo para Roma. Raquel? Bem, ele não poderia vê-la tão cedo.

Achou melhor pegar um papel e lhe escrever:

Querida Raquel,

Que Deus esteja lhe abençoando neste seu novo emprego e nesta carreira maravilhosa que abraçou. Quanto tempo, bem? Por que não me escreveu antes? Também estou morrendo de saudades!

Não sei quando poderei ir para Tupãssi, estou de malas prontas para ir passar uma temporada em Roma. Tenho um trabalho em vista por lá. Acho que devo retornar em quatro ou cinco meses. Quanto estiver lendo esta carta, eu provavelmente já esteja em um avião para lá. Vamos ter que adiar nosso encontro por alguns meses, tudo bem?

Quando eu voltar de Roma, vou visitar meus pais, e poderemos nos ver.

Aqui na Basílica as coisas estão bem, graças à Deus, temos muito trabalho, mas Deus tem nos capacitado. Maria com seu manto tem nos cobrido e nos guardado.

Fiquei pensando no que me disse sobre ter se tornado crente. Eu sei que é uma decisão sua e é pessoal, mas no meu ponto de vista é um pouco prematura e errada. Mas tudo bem, cada um é cada um.

Estou lhe mandando anexo a esta carta, um livro que irá fazer você refletir, chama-se: “Vinde, óh filhos de Maria” um livro que fala sobre o imaculado coração de Nossa Senhora. Talvez Deus abra seus olhos e você verá a verdade Dele.

Bem, quero poder conversar contigo para poder colocar todos assuntos destes cinco anos pendentes, pois por hora não tenho muita novidade.

Assim que chegar em Roma, agora que eu tenho seu endereço, eu lhe escreverei, e poderemos manter contato assim.

Gostaria de te agradecer por ter se lembrado de mim, e que possamos em breve falarmos rosto à rosto.

Fica com Deus, e que o imaculado coração de Maria possa estar lhe direcionando para o caminho correto que é debaixo de seu manto.

*Abraços,
Pe. Carlos.*



ão Paulo – São Paulo – Brasil
28 de Março de 1994
Casa de Marcelo

Caro Padre Marcelo,

Não sabe como eu fiquei feliz em saber que você está fazendo este maravilhoso trabalho aí no Brasil. Todos os padres e arcebispos que recebemos aqui em Roma, somente elogiam este trabalho.

Fico feliz e orgulhoso em dizer que o Padre Marcelo foi meu colega de quarto no seminário.

O movimento Mariano e a Renovação Carismática realmente foi a solução para os problemas. Recebo muitas cartas com muitos testemunhos. Que Deus esteja lhe abençoando muito!

Aqui em Roma já não há tanto trabalho para ser feito. A realidade é um pouco diferente do Brasil. O povo possui uma cultura diferente e até os problemas são outros. Eu tenho me dedicado mais ao estudo da doutrina. Tenho também estado mais em contato com o Papa João Paulo II.

Gostaria que você conhecesse ele. Você veria que ele é uma pessoa maravilhosa. Realmente uma pessoa iluminada por Deus para nos guiar ao caminho da salvação.

Estou na catedral de Turin. A cidade da FLAT, e por falar nisso só vemos este carro nas ruas.

Sinto saudades do Brasil, vou te confessar que ficar apenas estudando e me preocupando com os problemas da igreja não tem sido suficiente para encher minha alma. Sinto falta do contato com o povo. No Brasil eu sempre estava em contato com o povo, aqui pelo contrário. Quase não vejo ninguém. Fico mais em reuniões com arcebispos e com bispos do que com o povo.

Mas fora isso, tenho também aprendido muito. Estou esperando ansiosamente uma convocação do Vaticano. Estou concorrendo a um cargo de bispo. A princípio eu não queria, mas recebo tantas indicações que acho que se não aceitar acabarei me tornando uma pessoa infeliz.

Sendo assim logo estarei sabendo para onde eu irei. Não vou ficar mais aqui em Turin pois já temos um bispo. Vamos ver como isso vai ficar.

Assim, fico ansioso e aguardo confiante que Deus irá fazer a coisa certa.

Mas, mudando um pouco de assunto, me conte novidades do Brasil sinto saudades de você e das suas piadas. Mande-me uma carta.

Vou ficar aguardando. Tudo bem?

Fica com Deus. E que Maria possa lhe indicar os caminhos para a exaltação do seu nome e do seu imaculado coração não só pelo Brasil, mas pelo mundo todo.

Seu irmão,

Pe. Carlos



Paris – França
15 de Junho de 1198
Prisão de Lostensen

Maurice sentiu o calor do sol bater em seu rosto. Procurou pela luz. Sentiu dores em todo o seu corpo. Encostou sua mão ferida no rosto. A luz não apareceu. A luz nunca mais iria aparecer para ele. Agora ele era um homem cego.

Rastejou pelo chão procurando algo em que ele pudesse se encostar. Suas mãos apenas encontravam palha. Até que ele encontrou uma parede. Encostou-se.

— Deus... – sussurrou.

Maurice ouviu os ferrolhos da sua cela sendo abertos. O som era tão alto que parecia que era dentro de sua cabeça.

Depois do som houve um silêncio.

Maurice procurou novamente pela luz, mas não encontrou.

— Quem está aí? – perguntou.

Não houve resposta.

— Quem está aí? – perguntou ele novamente.

Não houve resposta novamente. O Cardeal Hugo de Visingod apenas olhava para aquilo que Maurice havia se transformado. Um homem sem dignidade. Todo machucado e ainda por cima cego. Sentiu nojo de Maurice. Virou-lhe as costas e foi embora.

Maurice ouviu o som dos ferrolhos novamente. Abaixou a cabeça. Não lhe restava muito mais tempo de vida. Em breve ele iria morrer. Ele podia sentir isso.

Dolorosamente ele dobrou os joelhos e orou à Deus.

Maurice ainda continuava a orar quando ouviu um choro de mulher e os som dos ferrolhos novamente.

— Maurice!

Ele pode discernir a voz de Helene.

— Helene? Helene!

Helene caminhou até ele e lhe abraçou.

— Meu Deus! O que fizeram com você! Por que fizeram isso com você meu amor?

— Helene... dói muito...

Ficaram um bom tempo sem falar mais nada. Apenas choraram e sentiram o abraço um do outro. Maurice sentia-se o pior homem do mundo.

Não demorou muito para que um soldado viesse tirar Helene da cela.

Ela ficou olhando Maurice enquanto saía.

— Helene? – disse ele.

— Estou ouvindo, meu senhor! – respondeu ela.

— Nunca esqueça que só Jesus é a verdade. - disse Maurice sorrindo em meio as dores — Ainda que me roubem a vida, não poderão segurar minha alma, ainda que eles quebrem meus ossos e ceguem meus olhos, não poderão me tirar dos braços de meu Jesus, ainda que me exilem para sempre nesta cela, eles não poderão me separar do Amor de Deus, nem tão pouco calar minha voz!

Helene não lhe respondeu. Apenas sorriu entre lágrimas. Era a última vez que ela falava com Maurice.



urin – Itália
20 de Junho de 1994
Catedral São Marcos

Querido “Bispo” Carlos,

Não sabes quantas alegrias sua carta me trouxe. Espero que Deus todo poderoso e nossa Mãe maravilhosa esteja lhe abençoando com palavras e com atos de amor e carinho.

Quer dizer que teremos um novo Bispo na Itália? Bispo Carlos. Quem diria hem? Quem diria que aquele garoto que acordava no meu da madrugada para tomar água e que sempre foi preocupado com São Francisco, hoje seria um Bispo?

A notícia do seu bispado chegou até aqui em São Paulo. Ficamos sabendo antes mesmo que você mandasse uma carta. Estamos sendo rápidos também.

Parabéns, eu realmente fico muito feliz em saber que tudo deu certo para você. Qual será o seu próximo passo agora? Arcebispo e depois Papa? Quem sabe em Papa Carlos?

Aqui no Brasil estamos indo. Com a mudança do novo presidente esperamos que consigamos mais espaço na mídia. O Movimento Mariano está alcançando proporções que nós nem mesmo imaginávamos. Tenho acompanhado todo a evolução aqui em São Paulo e vemos cada vez mais ovelhas voltando seus rostos para Maria. Ela tem nos sustentado com seu braço forte e tem nos feito maravilhas. Fiquei sabendo que a sua ex-catedral (Nossa Senhora Aparecida) está recebendo muito mais romeiros do que antigamente. Isso é um ótimo termômetro para vermos como estamos indo. Estou agora participando de um programa de rádio que vai ao ar às 7:30h em rede nacional e desta forma também estamos propagando o evangelho de salvação.

Recebi recentemente um documento do Governador incentivando nosso trabalho. Isso tem sido muito bom e nos dá sempre ânimo.

Tenho uma notícia um pouco triste para te dar, lembra-se do Pe. Nilson? Aquele garoto que usava um óculos “fundo de garrafa” lá no nosso seminário? Pois é ele faleceu na semana passada. Estava viajando para Arapongas e o carro capotou.

É uma pena perdermos um amigo assim, não acha? Mas o que podemos fazer?

Que Deus esteja lhe recebendo no céu de braços abertos. Eu rezei duas missas para ele. Queria que você rezasse uma aí em Turin para ele também.

O Arcebispo de Roraima está aqui hoje. Ele veio ver de perto a RCC para que pudesse inserir ela lá também. Espero que mais uma célula da Renovação esteja sendo iniciada e que tenha muita força naquela região.

Estou viajando pelo país todo. Tenho tentado acompanhar de perto o progresso da Renovação Carismática Católica (RCC). E, vou te confessar que tenho me surpreendido.

Mas mudando de assunto, quando é que você virá novamente ao Brasil? Quero conversar com você cara a cara e não por cartas. Me diga quando vem para que eu consiga reunir todos os padres do seminário. Vamos fazer uma festa maravilhosa. Só precisa me dizer quando.

Tem notícias dos seus pais? Sempre recebo cartas dos outros padres que estudaram conosco. Com estas aparições que eu ando fazendo pelo país, meu nome está começando a ficar famoso e então todos me escrevem. Tem sido bom falar com eles, tenho lhes dado muitos

conselhos. Tenho recebido muitos também, e desta forma além de mantermos contato, estamos nos edificando mutuamente.

Amanhã iniciamos mais um retiro. Nos retiros que temos feito, temos visto o poder de Deus de uma forma maravilhosa. Pessoas estão sendo restituídas, pecados tem sido perdoados e muitas curas estão acontecendo.

Deus tem nos mostrado o seu poder e temos ficado maravilhados.

Mas tudo isso eu quero que você veja com os seus próprios olhos. Então trate de arrumar uma visita para cá no Brasil para que possamos ver tudo isso juntos.

Me escreva assim que puder, e venha assim que der.

Deus te abençoe, meu grande irmão.

Pe. Marcelo R.



urin – Itália
21 de Junho de 1994
Catedral de São Marcos

Querido Bispo Carlos,

Que Deus esteja sempre lhe abençoando e que Jesus seja sua luz em direção a verdade.

Fiquei sabendo hoje, através da sua mãe que você foi ordenado Bispo. Que Deus lhe abençoe e esteja lhe mostrando o caminho verdadeiro que só ele possui.

Aqui em Cascavel estamos todos bem. Desde que nos mudamos de Tupãssi, sempre estou indo para lá nos fim de semana. Minha mãe ainda mora lá e quando eu estava no mercado com ela, vimos sua mãe. Fui conversar com ela e ela me deu as novas notícias.

Estou trabalhando em Cascavel agora. Sou jornalista de um jornal local e tem sido muito bom trabalhar aqui. Sempre estou viajando pelo Estado para buscar notícias e aprender mais. Tenho aprendido muito com estas viagens. Deus tem me deixado saber sobre muitas coisas.

Eu estou bem, recebi sua carta, mas só pude responder agora, não é por mal é que estou super atarefada aqui.

Lembra daquele livro que você me mandou quando saiu aqui do Brasil? Vou te confessar que só li ele na semana passada. Fiquei enrolando para ler, até que finalmente na semana passada eu acabei lendo.

Vou ser franca com você, Carlos, aquilo que está escrito naquele livro vai um pouco em desacordo com aquilo que eu acredito.

Sabe, vou tentar colocar nesta carta aquilo que acredito e aquilo que Deus tem me falado e você verá com seus próprios olhos que é um pouco diferente daquilo que você prega.

Veja, no livro o autor exalta muito a figura de Maria, mãe de Deus. Olha eu não tenho nada contra ela, e nunca terei, não pense ao contrário. Mas veja bem, se você pegar sua Bíblia e abrir no capítulo 2 do livro de 1º Timóteo e ler o versículo 5, você irá encontrar escrito: “Porque só há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual deu a si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo.”

Como pode ser explicado então nós, estarmos (de acordo com o seu livro) buscando ajuda através de outra pessoa, por exemplo: Maria ou outros Santos?

Não é só por esta evidência, a bíblia é cheia delas.

Não tenho nada contra Maria, ela foi uma mulher muito digna. Tanto é que Deus a escolheu para ser a Mãe de nosso Senhor, mas não foi ela que morreu na cruz. Então eu sou contra o que o autor do livro disse.

Mas deixando de lado este assunto, como estão as coisas aí em Turin? Sinto saudades suas, quando é que poderemos nos ver? Já faz mais de seis anos. Quero te ver novamente.

Mande-me notícias, estou curiosa para saber novidades suas. Ah, para que você visse como eu estou hoje, anexo eu estou lhe mandando uma foto. Espero que não se assuste com ela.

*Bem, vou ficando por aqui. Me escreva logo.
Abraços,
Raquel.*

Ps.: Sua mãe disse que você engordou, é verdade?

Assim que Carlos acabou de ler a carta de Raquel, procurou rapidamente dentro do envelope, sua foto.

Já era tarde da noite. Ele estava sozinho na Catedral. Estava em seu gabinete que era iluminado apenas pela luz da escrivaninha. Carlos olhou a foto.

Raquel estava linda!

É verdade que havia envelhecido um pouco, também depois de seis anos, mas ainda mantinha aquele rostinho e aqueles olhos verdes penetrantes.

Como ela está linda!

Carlos pensou que se não tivesse seguido sua vida sacerdotal, ele com certeza teria se casado com ela.

Ele pensava pouco nela, estava tão acostumado em trabalhar, trabalhar e trabalhar que quase não tinha mais tempo para pensar no seu passado. E ele sorria, por mais que ele tentasse evitar o passado, este sempre vinha e lhe batia à porta. E com ele todos os fantasmas.

E Raquel era um fantasma que ele achava, iria lhe atormentar pelo resto da vida.

Colocou a foto de Raquel ao lado da carta do Papa lhe informando da mudança.

Carlos respirou fundo. Dentro de quinze dias estava se mudando novamente de lugar. O Papa lhe enviou para França. Iria cuidar da famosa Catedral de Notre Dame.

Carlos pensava sozinho. Não queria deixar a Itália. Se um dia fizesse isso, ele iria voltar para o Brasil, mas agora ter que ir para França. Estava totalmente fora dos planos. Sua submissão ao Papa fazia ele entrar em conflito com seus próprios pensamentos.

Por que esta agora? Por que ir justo para França? Sempre que falava com o Papa comentava sobre o Brasil, estava claro que queria voltar para lá, mas por que o Papa, mesmo sabendo disso lhe diz para ir à França?

Olhou novamente a foto de Raquel. Como ela estava linda!

Ele sentiu um forte desejo de tocar naquele rosto. Pegar em suas mãos. Lhe abraçar. Raquel.

Por que os sacerdotes não podem casar?

Vida sacerdotal! Vida sacerdotal! Carlos respirou fundo. Estava dando voz ao Diabo. Por que estava pensando assim de Raquel? Havia esquecido que ele agora era um Bispo?

Mas também, já à dez anos desde que ele colocou o pé no Seminário Santa Mônica, o que ele havia aprendido? Muito, com certeza muito, mas

onde está o contato íntimo com Deus que ele almejava tanto? A vida continuava igual. Tudo era igual. Ele acordava às cinco horas, rezava o terço, fazia seus ritos e suas obrigações durante o dia e por fim rezava outro terço antes de dormir. Isso é que é estar com Deus? Se fosse, Carlos estava fraco. O desejo de ver Deus face a face não havia ido embora, mas ele já havia tentado encontrá-lo de todas as formas e sem nenhum sucesso. Ele iria viver o resto da vida assim? De um lado o bispado e do outro pensamentos infames com Raquel?

Carlos olhou novamente a carta do Papa.

— França. — disse — Se eu não encontrar a resposta lá, não vou achar em lugar algum deste mundo!

Colocou a foto de Raquel em sua bíblia, apagou a luz do gabinete e seguiu para seu quarto aos fundos da Catedral.

Passou pelo altar para deixar a bíblia ali, olhou na penumbra que dominava a igreja, para os Santos e todos os anjos pendurados no teto.

Imagens que não falavam nem se mexiam. Eram como homens brincando de estátuas. Havia várias imagens, grandes e pequenas, distribuídas pela igreja. Carlos olhou para todas. Pensou que num futuro próximo ele não mais estaria ali, mas aquelas imagens iriam ficar para sempre, com as mesmas expressões e na mesma posição.

Deus era aquilo?

Olhou para a grande cruz pendida sobre o altar. Lá estava Jesus pregado. Suas chagas e os cravos que nos seus pés e em suas mãos estavam, nunca iriam deixar ele descer de lá? Esse era o seu Deus?

Uma imagem de dor e que ficaria assim para sempre? Este era o Deus que havia criado o mundo? Que criou os peixes, as aves, as plantas, os homens e tudo mais? Era esse o homem? Pendurado assim?

Carlos olhou nos olhos da imagem de Jesus pendurado na cruz.

— Você não vai descer daí? — perguntou ele.

Não houve resposta.

— Até quando você vai ficar pendurado aí? Não vai descer aqui e ajudar o mundo?

Não houve resposta.

— Vai ficar sofrendo aí na cruz até quando?

Nada.

Carlos fechou os olhos, respirou fundo e foi-se fechando a porta atrás de si.

— A resposta tem que estar lá. — disse baixinho, se referendo à França.



Paris – França
3 de Junho de 1198
Igreja de Notre Dame

Maurice subiu num caixote e falou à multidão de curiosos e camponeses que estavam trabalhando na construção.

— Não movam suas mãos, nem tão pouco gastem seu suor diante desta blasfêmia! – dizia ele apontando para a Igreja.

Alguns pescadores do pequeno porto, ouvindo estas palavras caminharam e se misturaram aos camponeses.

O sol estava nascendo. Um leve brisa sulina contribuía para o nevoeiro ir-se dissipando.

— Nem um músculo, nenhum dedo movimentem diante de um templo feito por mãos humanas! – gritou Maurice — Deus, não habita em templos feitos por mãos humanas, mas tão somente no coração!

A multidão continuava em silêncio ouvindo o grande sábio Maurice.

— Ontem eu morreria por esta construção! – continuou ele apontando para a Igreja — Pois existe no subsolo dela a maior biblioteca do mundo! Ontem eu morreria por ela, mas nesta noite, quando as trevas cobriam a Vila, Deus se levantou de seu Trono de Glória e de poder e teve misericórdia de mim! Ele abriu os meus olhos e diante Dele eu dobrei meus joelhos e me delicieei com suas palavras! “Não terás outros deuses diante de mim! Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra! Não te encurvarás a elas nem a elas servirás!” Está aqui! – ele ergueu um livro — Jesus morreu por nós, ele não quer sacrifícios! Ele não quer construções gigantescas! Ele quer obediência! “Obediência quero, não sacrifícios!”

Maurice continuou a falar, começou a contar aos camponeses tudo o que havia prendido em suas pesquisas pela biblioteca. Desde as cartas em papiros até tudo que havia estudado sobre os evangelhos cedidos por Pierre de Hausenberg. Não demorou muito até que chegassem uns homens da Ordem e mandassem ele parar.

— Querem que eu me cale? Que eu não diga para os camponeses a verdade sobre a Ordem? Sobre a adoração aos Santos e as tradições Templárias? Que nada são do que adoração e invocações demoníacas? A vocês eu tenho uma palavra de Jesus: “Se eu me calar, as próprias pedras clamarão!” Este povo precisa de libertação! Precisa se ver livre da escravidão que eles tem submetido por falta de conhecimento! Eu sou como uma luz de uma lamparina, como disse Jesus: “Ninguém, acendendo uma candeia, a cobre com algum vaso ou põe debaixo da cama. Antes, coloca-a no velador, para que os que entrem vejam a luz. Pois não há coisa oculta que não haja de manifestar-se, nem escondida que não haja de saber-se e vir à luz!” Somente a

Morte irá fazer-me calar os lábios, mais medo eu tenho de Deus por não falar sua palavra do que de vocês homens fracos e adoradores do Diabo!

Os homens da Ordem continuaram a lhe pressionar para parar de falar, mas ele continuou até que eles se foram. Maurice continuou a falar para os camponeses mas sabia que os homens, cedo ou tarde voltariam à mando do Cardeal.

— Arrependei-vos! – continuou Maurice — Pois está próximo o reino dos céus. Quem crer e for batizado será salvo, mas quem não crer, já está condenado.

Maurice não parou de falar. Contou aos camponeses tudo o que havia aprendido, continuou pregando sem parar, nem mesmo alimento comeu ou água bebeu.

Continuou falando até que o Sol se retirasse para dar a Lua seu reino.

Maurice seguiu com a multidão até as margens do rio Senna e ali batizou mais de trezentos camponeses e pescadores.



ascavel – Paraná - Brasil
13 de Julho de 1994
Jornal Local

Querida Raquel, Tudo bem?

Fiquei muito feliz em receber sua carta. Lamento lhe dizer que não poderei voltar ao Brasil este ano. Fui transferido de Turin na Itália, para Paris. Estou agora como bispo da famosa Catedral de Notre Dame. O Papa escreveu-me uma carta me designando para tal cargo.

Como é de meu costume, assim que mudo de lugar, tento conhecer os costumes e a vida das pessoas do lugar. Paris é mesmo fantástica. Tudo aqui é diferente do que eu conheci. Desde as ruas, as famosas grifes e lojas de roupas. Tudo é fascinante, mas nada me deixou mais maravilhado do que o lugar onde eu próprio vou morar. A Catedral de Notre Dame. Ela já é por si só uma museu vivo!

Me inteirei de todas as histórias e as lendas que circundam este lugar. Desde a sua fundação, por Maurice de Sully até mesmo as histórias fantásticas como a do Corcunda de Notre Dame e a própria Joana D'arc que foi queimada viva pela inquisição aqui na frente da Catedral. Em resumo, é como se você estivesse constantemente dentro de um museu.

Meu gabinete e quarto é virado para o Senna, de onde posso ver os turistas passando nos barcos e de boca aberta contemplando a Catedral. Bem, estou iniciando o Bispado aqui e por isso não poderei voltar para o Brasil. Mesmo porque ainda não consegui desferrujar meu Francês. Tenho que praticar bastante.

Fico feliz em saber que você está se dando muito bem em sua profissão. É muito bom fazer aquilo que sempre se sonhou, não é?

Quanto ao que me disse em sua última carta, eu acho que você está um pouco equivocada, você não pode esquecer que a Santa Igreja Católica conhece isso tudo o que disse e tudo o que escreveu não é novidade para mim, mas pense comigo, quando você precisa de alguma coisa, qualquer coisa, não é mais fácil pedir para sua Mãe do que pedir para seu Pai? Por que? Simplesmente porque nossa mãe é mais carinhosa que nosso pai e sempre irá nos atender. Assim também é com Maria. Você conhece o Padre Marcelo, deve conhecer, pois ele está sempre na mídia, então leia e estude mais sobre ele, ele está desenvolvendo um bonito trabalho aí no Brasil. Está levando a Renovação Carismática Católica para lugares onde antes haviam apenas trevas e tristeza. Acompanhe o trabalho dele e você verá que muitas coisas que você me diz, não é nada mais, nada menos do que aquilo que ele faz.

Assim, você voltará para os braços da Nossa Mãe e Senhora.

Bem, acho que as novidades por hora são estas, se quiser me escrever, agora tem o novo endereço. Vou ficar aguardando uma carta sua. Anexo eu estou lhe enviando uma foto minha com o Papa. É bem recente. E você verá que não engordei tanto assim como minha mãe falou. (brincadeira).

Fica com Deus.

Seu Amigo,

Bp. Carlos



Paris – França
3 de Agosto de 1994
Catedral de Notre Dame

Caro Bispo Carlos,

Você é mesmo sensacional! Nós já lhe apelidamos de “O Espírito das Catedrais” pois você está sempre se mudando. E o pior, sempre de uma Catedral para outra.

Espero que Deus esteja lhe abençoando muito, viu? Deus te abençoe nesta sua nova empreitada.

Aqui no Brasil estamos trabalhando, como sempre, bastante. Estamos agora com um programa de televisão. Pois é, estou aparecendo em rede nacional. Tá certo que não é uma grande rede de televisão, mas já temos alcançado muitas vidas.

Os trabalhos continuam à todo vapor.

Semana passada estive em Tupãssi. Fui até Toledo. Estava vindo de Ponta Grossa e decidi passar um dia no nosso Seminário. Carlos, você precisa ver, eu não o reconheci. Mudou muito! Ficou maior, aqueles quartos onde dormíamos, hoje são salas e escritórios, foi construído um novo alojamento. Frei Álvaro, um simpático franciscano, está agora tomando conta do seminário. Eu fiquei muito feliz em saber que ele não tinha vaga lá para mais ninguém.

Os jovens estão sentindo este despertar para a vida sacerdotal e isso me tem enchido o coração de alegria.

Bem, minha carta vai terminando por aqui, sei que está muito curta, mas tenho viajado bastante e tenho muito pouco tempo para escrever. Também porque as novidades não são muito grandes não.

Reze por nós, estamos enfrentando muitas lutas ultimamente.

Fique com Deus e não esqueça que me deve uma visita.

Seu irmão,

Pe. Marcelo R.

Carlos terminou de ler a carta e ficou olhando pela janela o rio Senna que corria calmo e tranqüilo.

Sobre sua escrivaninha cinco livros em francês contavam as trajetórias e um pouco da alma da Catedral de Notre Dame.

Ele já estava no segundo volume. Pensou em voltar a ler, mas a visão de um rosto em pensamento lhe mudou os planos. Raquel.

Eu teria sido um bom marido para ela. Teríamos dois filhos, ela sempre sorrindo e feliz, me esperando para o jantar...

Quando eu chegasse, ela me contaria sobre o dia no Jornal. Eu iria ouvir fascinado.

Alguém bateu em sua porta e ele acordou do transe.

— Entre. — disse em Francês.

— Bispo Carlos? — um jovem padre lhe perguntou também em francês.

— Sim.

— Tenho aqui. — estendeu-lhe um envelope — Um convite do Cardeal Pierre para lhe entregar.

— Um convite? — Carlos abriu o envelope.

Caro Bispo Carlos,

Sabemos da sua recém chegada e queremos lhe convidar para um brinde.

Gostaríamos de lhe apresentar os irmãos da Ordem e conhecer o Bispo que tomará conta da nossa querida Catedral de Notre Dame.

Aguardamos sua presença no Castelo Frances Boulever no próximo dia 11 às 20:00h

Gostaríamos que confirmasse sua presença através do padre Francisco.

Cardeal Pierre de Constansa

— Quem é Padre Francisco? — perguntou Carlos.

— Sou eu, Bispo. — respondeu o jovem que lhe trouxe a carta.

Carlos o fitou por um segundo.

— Diga ao Cardeal Pierre que irei.

O Padre Francisco sorriu e confirmou com a cabeça. Saiu e fechou a porta deixando Carlos com suas interrogações.

— Castelo Frances Boulever? — sussurrou ele.



Paris – França
11 de Agosto de 1994
Castelo Frances Bouliver

Carlos veio preparado para uma festa onde iria conhecer os padres da região e seus respectivos Bispos. Vestiu uma roupa social e seguiu com um taxi até o Castelo.

O Taxi o levou por um caminho arborizado e como já estava de noite, um pouco sinistro. Aos poucos ele foi notando uma grande elevação surgindo como um grande monstro, seus olhos estavam abertos e eram como chamas.

— O Castelo Frances Bouliver, senhor. São 6 marcos.

Carlos pagou o taxista e desceu.

Viu-se diante de um castelo medieval. Janelas e vitrais antigos eram iluminados por tochas e velas, figuras dançavam ao balanço das luzes. Caminhou até o portão. Pressionou o botão do interfone.

— *Pois não?* – disse o aparelho em Francês.

— Vim para falar com o Cardeal Pierre. – respondeu Carlos.

— *Quem é você?*

— Carlos, Bispo Carlos Santiago.

— *Só um momento, senhor...*

Glanck!

O Portão começou a se abrir. Carlos fez um sinal para o taxista confirmando que estava tudo bem, e este se foi.

Carlos seguiu pelo caminho de pedras e aos poucos foi revelando o jardim do Castelo. Ele imaginou que aquele castelo tivesse mais de mil anos. Era realmente maravilhoso.

Foi chegando mais perto e pode ver vários carros estacionados. Alguns homens conversavam na frente do castelo. Um deles ao lhe ver de longe, falou num francês carregado.

— *Nous sommes la Raison!*

Carlos não entendeu. Ele estava perguntando ou dizendo?

O homem repetiu:

— *Nous sommes la Raison!*

Carlos ficou perdido. O homem começou a lhe olhar com questionamento.

Um outro homem veio até eles.

— Carlos! Que bom que veio!

Carlos sorriu ao reconhecer Padre Francisco.

— É a primeira vez dele, Irmão Clério. – disse Padre Francisco ao homem.

Clério sorriu descontraído.

Carlos ainda estava perdido.

— Vamos, vamos, vamos entrar. Os outros estão esperando você.

Carlos entrou no castelo. Um enorme candelabro de vela iluminava todo o salão. Vários padres e bispos estavam presentes. Carlos achou que eram poucos os que viriam, mas pode constatar que a França inteira estava presente.

— Nous sommes la Raison! – disse Padre Francisco — É um cumprimento comum entre nós.

— Nós somos a razão? O que quer dizer isso?

— Nous sommes la Raison, ou Nós somos a razão é uma forma de identificar que participamos da mesma sociedade.

— Sociedade?

— Somos sacerdotes! – Padre Francisco sorriu.

Carlos foi sendo apresentado à todos os padres e bispos, todos repetiam a mesma coisa: “Nous sommes la Raison!” Até Carlos começou a cumprimentá-los assim.

Carlos achou a comemoração muito requintada para apenas um brinde. Em fim o Cardeal Pierre tomou a palavra.

Fez-se silêncio no salão.

— Nous sommes la Raison! – começou ele em Francês — E estamos aqui para receber nosso mais novo membro. Bispo Carlos Santiago!

Todos os padres e bispos aplaudiram. Carlos estava um pouco confuso, mas subiu no palco com o Cardeal Pierre.

O Cardeal lhe estendeu um canudo.

Carlos pegou o canudo e sobre aplausos retirou de dentro uma carta.

— Queremos que você leia a carta para todos ouvirem. – disse o Cardeal.

Carlos olhou para todos, e ainda perdido, começou a ler.

Estas são as Palavras do Papa João Paulo II ao seu amigo fraterno, Bispo Carlos Santiago em 11 de Agosto de 1994.

Sei que agora estás diante da Ordem e está lendo a carta que lhe escrevi no dia da sua partida da Itália. Não pude lhe entregar a carta pessoalmente pois trata-se do ritual lhe fazer lê-la diante dos membros.

Você foi enviado para França a fim de que seja instruído sobre a Ordem. Estará sobre os cuidados e sobre a tutela do Cardeal Jean Justen. Ele irá lhe mostrar todos os documentos e tudo o que você precisa saber sobre a Ordem.

Neste exato momento estamos escrevendo o seu nome no livro da Ordem do qual será lembrado em toda a sua existência e além dela.

A ti se dobrem todos os membros como um sinal de afeto e carinho pela acolhida à Ordem.

— Nous sommes la Raison!

Carlos olhou para todos e todos se dobraram de joelhos.

— Nous sommes la Raison! – todos responderam em coro.



Paris – França
11 de Agosto de 1994
Castelo Frances Bouliver

Carlos finalmente ficou à sós com o Cardeal Pierre num dos escritórios do Castelo Bouliver.

— Sei que você está com a cabeça cheia de perguntas. — começou o Cardeal — Todas as perguntas serão respondidas e sei que depois irão surgir novas e novamente serão respondidas. Antes de me dizer alguma coisa, deixe-me lhe contar o que aconteceu. Bem, sabemos que você veio do Brasil, sabemos tudo sobre você desde o dia em que você entrou no seminário. Sabemos até que você quer voltar para o Brasil. Mas as ordens do Papa não são estas, pelo menos, por enquanto. Você foi enviado pelo Papa para que seja instruído na Ordem. Você está diante da maior Ordem já existente. Somos a Ordem dos Templários.

Carlos continuava em silêncio ouvindo.

— Você foi aceito – continuou o Cardeal — Pois o Papa tem planos para você no Brasil. Atualmente a Ordem possui bilhões de membros pelo mundo. Somos líderes religiosos, governantes e até presidentes em muitos países do Oriente e do Ocidente. O que a nossa Ordem faz? Nada de especial, somos apenas conhecedores, buscamos o conhecimento profundo e verdadeiro sobre o mundo. Estudamos tudo o que aconteceu, o que está acontecendo e o que irá acontecer com o mundo. Para isso possuímos bibliotecas e estudantes no mundo todo. A primeira delas foi na própria Catedral de Notre Dame. Amanhã o Padre Francisco irá lhe mostrar os subterrâneos da Catedral onde há mais de 900 anos abrigou a maior biblioteca do mundo. Hoje eu diria que 90% dos livros estão na Biblioteca do Vaticano, mas todos os homens que ingressam na Ordem, pelo menos sendo sacerdotes, devem começar pelo início e saber como a Ordem surgiu e o que iremos ganhar com ela.

— Por que o Papa nunca me disse isso?

— Ainda não era a hora. Vou te contar um pouco sobre a Ordem. Ela surgiu em meados do ano de 1120 da era Cristã. Éramos apenas trabalhadores braçais. Mas nos reunimos em uma pequena cooperativa e fizemos um pacto de aliança e de ajuda mútua. Neste pacto nós definimos que se um membro da Ordem precisasse de ajuda, todos os outros membros iriam ajudar. Independente de onde estavam ou do que estavam fazendo. Assim quando um de nós precisava de ajuda, tanto financeira quanto física, nós iríamos ajudar. Aos poucos a Ordem começou a ficar grande e isso preocupou os Reis da época, eles exigiram a cassação e destruição da Ordem. Muitos de nós morreram pela Ordem. Lutamos muito, muitas vidas foram dizimadas, os exércitos reais eram muito fortes e nós éramos fracos. Nos reduzimos a alguns poucos. Estes poucos ficaram com medo. Assim a Ordem tomou uma nova

iniciativa. Que iria se reunir secretamente e que iria ser fechada. Apenas uns poucos poderiam entrar e somente com a conscientização dos demais. Desta forma conseguimos sobreviver através dos tempos. E novamente a Ordem começou a crescer. Novos membros entraram e nos transformamos hoje num império e determinamos o caminho do mundo. Tudo isso debaixo do nariz da população, sem que ninguém soubesse, pois a Ordem, como eu lhe disse, é secreta. Com a entrada de membros com muito poder aquisitivo, conseguimos nos estruturar melhor e expandi-la pelo mundo. Surgindo várias ramificações, desde Maçonaria, Rosa Cruz, Goonnes, Açougueiros, Templários, Erudos, Faraônicos, Imperadores e muitos outros. Todos cada qual ao seu modo, mas dentro da Ordem. E hoje você é o mais novo membro.

— Estou um pouco confuso, o que eu ganho, e, se eu não aceitar?

— Você só tem a ganhar com a Ordem, somos como lhe disse uma sociedade e nos ajudamos mutuamente, ajudamos também a população através de obras de caridade, mas a maior ajuda é interna. Por exemplo: Se você quiser ir para a China, você entra em contato com membros da Ordem na China e eles irão lhe dar todo o apoio que você precisa lá. Mas não é somente de apoio que vivemos, estudamos, estudamos muito e sobre tudo. Agora que você é membro, você terá à sua mão os livros que jamais foram vistos pelo homem comum. Jamais foram folheados pelo simples homem. Livros que falam de tudo, inclusive de Deus.

— Mas e a Bíblia?

— Sim, a Bíblia foi o único livro que escapou-nos da mão. Hoje quase todo mundo possui a Bíblia em casa, mas poucos lêem. Isso é uma vantagem, por mais que eles tenham a faca e queijo na mão, não sabem usá-la.

— E o que eu terei que fazer agora?

— Nada.

— Como assim?

— Você continua sendo quem você é, mas agora possui as portas abertas para a verdade.

— E o que terei que fazer?

— Você será instruído. Você irá saber de tudo aos poucos, como uma criança que está engatinhando. Você irá aprender a andar, falar, pensar e tudo o mais.

— E o que eu fiz para merecer isso?

O Cardeal Pierre sorriu.

— Nada, nós simplesmente escolhemos você.



Paris – França
12 de Agosto de 1994
Catedral de Notre Dame

Carlos acordou com uma dor de cabeça incrível. Levantou-se e tomou um banho. Era uma manhã fria e úmida em Paris.

Assim que se trocou, após o banho, ficou olhando através da janela de seu gabinete, os poucos pedestres que corajosos, já caminhavam pelo frio nas ruas.

Um jovem seminarista veio lhe trazer o café. Sentou-se confortavelmente na mesa que ficava na mesma janela em que olhava os pedestres.

Lembrou-se das Palavras do Cardeal Pierre. Agora ele fazia parte da Ordem. Desde que esteve no Vaticano havia ouvido falar da Ordem. Mas pouco era comentado. Quando ele perguntava um Cardeal ou até mesmo um Padre sobre a Ordem, pouca coisa conseguia em resposta. Mas agora ele era o mais novo membro. Agora ele teria acesso ao maior conhecimento do mundo. As verdadeiras histórias sobre como foi a Revolução Francesa, e todas as outras Guerras do Mundo. Tudo o que os Templários fizeram no decorrer de sua existência, a partir daquele dia, seria lhe desvendados os olhos.

Assim que terminou de sorver o café, caminhou até a escrivaninha e pegou novamente a carta de indicação do Papa.

Até mesmo o Papa fazia parte da Ordem. Tudo em secreto. Mas até ele era um Mestre na Ordem.

Mas um triunfo dos Templários.

Carlos ficou pensando em quantos governantes eram da Ordem, quantos presidentes e quantas pessoas que mantinha a cúpula do poder mundial era da Ordem.

Ele agora teria livre acesso em qualquer lugar do mundo em qualquer lugar ele poderia entrar e sair sem ter de dar satisfação à ninguém.

Agora ele era invencível.

Olhou novamente a carta do Papa.

Ele havia sido o escolhido, sim, realmente ele era invencível.

O Telefone do gabinete tocou. Carlos fechou o livro que estava lendo e atendeu.

— Alô?

— *Cardeal Carlos?* – uma voz francesa carregada falou.

— Pois não, ele mesmo. – respondeu Carlos também em Francês.

— *Nous sommes la Raison!*

Carlos sorriu por reconhecer a voz do Padre Francisco.

— *Nous sommes la Raison!* – disse ele em resposta.

— *Estou te ligando, pois temos uma pequena reunião hoje, às 16:00h no Café Possêidon. Precisamos de sua presença.*

— Às 16:00h? Tudo bem.

— *Vou avisar os outros.*

Carlos desligou. Estar na Ordem era como se estar em um clube.

Às 16:00h ele chegou no Café Possêidon. Uma bonita cafeteria. Um estilo clássico Francês. Como mesas ao ar livre e uma pequena porta que dava acesso ao interior da Cafeteria. Assim que ele se aproximou da entrada, já reconheceu um Cardeal e dois padres que estavam sentado tendo sobre o fundo uma belíssima visão da Torre Eiffel.

— *Nous sommes la Raison!* – disse Carlos.

— *Nous sommes la Raison!* – respondeu os outros em coro.

Um Padre indicou uma cadeira e Carlos sentou-se.

O Cardeal começou a falar:

— *Irmão Carlos, nós convidamos você aqui hoje, pois temos alguns assuntos para discutir e como você é o nosso mais novo membro, queremos lhe colocar ao par do que está acontecendo.*

Carlos deu-lhe toda atenção.

— *O Primeiro assunto que estamos discutindo é sobre a substituição do Papa.*

Carlos ficou atônito. Vamos substituir o Papa?

— *Como?* – perguntou ele.

— *Carlos, você esteve no Vaticano, sabe o nosso Papa está debilitado. Ele já não pode carregar nos ombros toda a responsabilidade mundial. Ele mesmo tem nos enviado cartas pedindo ajuda.*

— *Teremos um novo Papa?* – Carlos estava preocupado.

— *Não.* – respondeu um outro Padre.

— *Nós apenas vamos lhe dar menos responsabilidade.* – disse Padre Francisco — *Ele tem já muito o que fazer, mas estamos pensando no futuro do catolicismo, e principalmente da Ordem. Nossa idéia é a de que ele se limite apenas a fazer algumas viagens e rezar algumas missas. Nos estamos pensando em trazer para França toda as outras responsabilidades, tudo o que está sendo resolvido no Vaticano, nós queremos resolver aqui. O próprio Papa já nos deu “Carta Verde” para fazermos isso.*

— *Mas e toda a reputação do Vaticano? Pelo que sei o mundo todo sabe que lá é que está o pilar de sustentação do catolicismo.* – disse Carlos.

— *Carlos, o catolicismo tem se enfraquecido muito. Temos relatórios do Vaticano nos informando que o catolicismo já está sendo considerado como a “Segunda Religião”. Os fiéis estão mais preocupados com o seu próprio ego do que com as coisas de Deus. Assim, queremos agendar algumas viagens do Papa pelo mundo. Sabemos que só isso não é suficiente, mas com certeza irá fortalecer a fé do povo pelo mundo. E se temos fiéis, temos dizimistas.*



Paris – França
23 de Agosto de 2001
Catedral de Notre Dame

Havia silêncio na Catedral. A missa da noite já havia acabado à tempos e as conversas e os encontros após a missa também já havia findando.

Carlos estava sozinho no seu gabinete trocando sua veste sacerdotal pelas roupas comuns. Estava pensando naquilo que à anos havia conversado no Café Possidôn. As viagens do papa pelo mundo e o fraco fortalecimento do Catolicismo.

O Catolicismo estava mesmo em decadência? Por que? O Povo havia se esquecido do seu próprio Deus? E da santa virgem? O povo havia esquecido dela?

O Santo Evangelho da salvação estava sendo pregado, mas por que então o povo não se importava mais? Será que não estava na hora do Movimento Mariano instalar suas raízes aqui na França também? Mas o movimento já está aqui. Então por que? Por que estamos diante desta crise tão grande de católicos? E a idéia do Padre Francisco e dos outros, esta idéia do Papa viajar pelo mundo? Não foi um grande impulso para o resgate da fé? Mesmo os temas: “Ano da Família”, “Ano do Amor”, “Ano da Renovação da fé”, não surtiram muito efeitos. Carlos precisava de respostas, quem às teria? Só uma pessoa. Carlos precisava ouvir da própria fonte.

Nada melhor do que mandar-lhe uma carta. Saber o que o próprio Papa pensa a respeito.

Carlos estava começando a sentir sono, mas mesmo assim, pegou uma caneta e escreveu uma carta:

*Caro Papa, Senhor detentor do Trono de São Pedro,
Nous Sommes la Raison!*

Que as misericórdias e as bênçãos de nosso Senhor Jesus Cristo e nossa Mãe Maria estejam nos seus caminhos e nas atitudes. Que as revelações do nosso Senhor a ti sejam palavras de vida e de salvação para nossas almas.

Escrevo-lhe esta carta da Catedral de Notre Dame, donde me enviastes para conhecer os segredos da Ordem de do ministério sacerdotal.

Estou, como sempre ao seu dispor e atento às suas ordens.

O Ministério Sacerdotal em Paris tem surtido efeitos e temos visto os frutos deste árduo trabalho por onde quer que passamos. Nos alegramos todos os dias em ver as maravilhas manifestadas neste lugar.

Digo nós, pois a Ordem tem trabalhado assiduamente para que isso seja um serviço completo. E eu sozinho não seria capaz de fazer nada.

Mas o motivo de estar lhe escrevendo esta carta, não é este. Vou lhe confessar meu coração e minhas angústias, pois sei que tens se preocupado comigo desde quando nos conhecemos.

Estou preocupado com o que vem acontecendo com o catolicismo. Estou sabendo até que estas disposto a delegar um pouco da sua autoridade para que possas se preocupar mais com o Reino de Deus. Sei que eu não devo questionar, e também sei que nada sou diante das suas decisões, mas gostaria de saber, através de suas próprias palavras o que tens pensado a esse respeito.

Tenho recebido algumas ordens de algumas obrigações dos irmãos da Ordem e não sei se devo proceder como pedem. Me informe um pouco. Meu mestre e tutor aqui em Paris, Jean Justen, está ausente pois sua mãe está em dias de morte e não ele não pôde responder todas as minhas perguntas.

Mande-me suas santas notícias, e novamente lhe escrevo dizendo que estou a sua disposição para quaisquer ajuda.

*Seu amigo e Irmão,
Bispo Carlos*

Após envelopar a carta e colocar na caixa de saída de correspondência, Carlos desceu até a nave da Catedral.

Todas as luzes estavam apagadas, através da penumbra e da pouca luz que a Lua mostrava, caminhou através dos bancos e chegou ao altar de onde à horas havia rezado a missa da noite.

Durante todos estes anos que havia ficado na Catedral, já conhecia cada centímetro da grande construção. De onde estava, atrás do altar, ele podia ver o lugar onde estava plantada a pedra fundamental da igreja. De onde o Papa Alexandre III havia iniciado a construção desta magnífica casa ao Senhor.

Todos os anos não foram capazes de esconder a grande estrela de prata de onde à alguns metros de profundidade estava a pedra fundamental. Carlos sentiu um súbito desejo de pegar uma picareta e cavar um buraco até encontrar a pedra fundamental. O que será que estaria escrito nela?

Desceu de onde estava, e caminhou até a estrela de prata que ficava no chão do centro da nave.

Por um momento um pensamento veio de encontro com sua razão. Raquel.

Será que ele nunca iria esquecer ela? Por que ele ainda insiste em pensar nela?

Carlos caminhou até a estrela de prata.

Um nuvem cobriu a Lua e a penumbra se tornou mais densa.

Carlos se voltou para o altar.

A nuvem passou e a luz do Luar entrou pelo vitral iluminando, como um raio de luz, e foi se encontrar com a estrela que estava sob os pés.

Ele ficou intrigado pois, a luz entrou pelo vitral que tinha a imagem da cruz, seguindo como um raio até a estrela e refletindo algo na parede de pedra.

Carlos achou graça. Era muita coincidência. Como pode isso? Uma nuvem passou e a penumbra cobriu novamente a nave da Catedral.

Carlos ficou aguardando a nuvem passar novamente. Olhou para o relógio, o mesmo marcava 0:02h.

A nuvem passou e novamente a luz entrou pelo vitral em formato de cruz, alcançou a estrela de prata e como um rio procurando pelo mar, refletiu algo na parede.

Carlos caminhou até a parede, tentou entender o que era.
Estava meio turvo, mas parecia alguma escrita antiga:

3E-N2

Carlos deu risada. O que era aquilo?

Será que era alguma senha? Como pode um negócio desses?

Apressadamente ele seguiu até o seu gabinete e pegou um papel. Como aquela sombra na parede era apenas um efeito da luz, ele queria anotar aquele estranho código para entender o que queria dizer.

Voltou à nave e procurou o suposto código na parede, mas não pode ver nada. Olhou para a o raio de luz, mas ele agora estava em outro lugar. Olhou para o relógio 0:06h. O efeito já havia ido embora.

O reflexo da Lua já não projeta mais nenhum número.

Carlos ficou desapontado.



Paris – França
26 de Agosto de 2001
Catedral de Notre Dame

O relógio marcava 23:55h, Carlos já estava no mesmo lugar para esperar novamente que o código aparecesse. Já estava munido de um lápis e um papel. Todas as luzes da Catedral já estavam apagadas, a não ser pelas luzes externas que davam a Paris uma cor mais bonita pela Catedral.

A Lua reinava divinamente e tudo estava propício para o fenômeno acontecer.

Carlos ficou o dia todo pensando neste código. Ficou de escrever umas cartas, mas nem isso fez. A atenção era toda para tentar entender o que estava escrito lá. E se fosse um código secreto ou uma senha para algum tesouro? Alimentou a imaginação durante o dia todo e agora ele estava lá para ver o que iria acontecer novamente.

À 0:00h o reflexo surgiu novamente.

Ele se apressou até a parede e anotou no papel o código que aparecia:

3E-N2

Esperou durante cinco minutos e o código desapareceu.

Segui então para seu quarto e dormiu. Na manhã seguinte iria tentar desvendar o código.



Paris – França
27 de Agosto de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos levantou como sempre às 5:00h. Seguiu junto com os outros padres até a igreja e lá rezou o terço matinal.

Após o terço todos seguiram para o refeitório e tomaram café.

Carlos se aproximou do Cardeal Pierre.

— Bom dia, Cardeal? – perguntou ele em Francês.

— Bom dia, Bispo Carlos. Está sentindo falta do seu mestre?

— Um pouco, mas enquanto sua mãe não melhorar ele não volta.

— É uma pena, pois ele poderia estar lhe ensinando um monte de coisas, e além do mais, a mãe dele não vai passar desta.

— Nossa, Cardeal, como pode afirmar uma coisa dessas?

O Cardeal olhou nos olhos de Carlos.

— Meu caro Carlos, eu tenho mais de cinquenta anos, se acha que eu não sei um pouco da vida?

Carlos sorriu.

— Cardeal, você conhece bem a história desta Catedral, não conhece?

— Acho que não tem ninguém que conheça mais. – afirmou ele orgulhoso.

— Ótimo! – Carlos ficou cheio de excitação.

O Cardeal notou um brilho nos olhos de Carlos.

— O que você quer saber?

— Bem, não sei ao certo, mas acho que se você me contar um pouco da história, eu consigo lhe dizer o que estou procurando.

A princípio Carlos não queria revelar o código para ninguém, ele queria guardar o segredo só para ele e assim decifrar todo o segredo sozinho, se é que existia algum segredo.

— O que está tramando, jovem Bispo? – o Cardeal sorriu.

— Nada, Cardeal, nada. Só curiosidade...

— Bem, deixe-me ver o que eu posso lhe contar: Esta Catedral surgiu no ano de 1163, o saudoso Papa Alexandre III colocou aqui a pedra fundamental. Ele deu a construção ao Arquiteto e também orador da Ordem, Maurice de Sully. O engraçado nesta história é que Maurice morreu depois, pois se tornou uma pessoa contra a Ordem e contra o Catolicismo.

— Mas como? Não foi ele que criou a Catedral?

— É engraçado quando você pensa assim, mas ele negou Cristo. Alguns livros dizem que ele ficou louco, outros dizem até que ele era Muçulmano. Ninguém sabe ao certo qual das versões é a certa, há muito pouca literatura sobre este tempo disponível. A grande maioria foi destruída no incêndio que ocorreu no ano de 1211. Antigamente a Biblioteca do

Vaticano ficava aqui. Nos subsolos da Catedral. Lógico, depois do incêndio, o Papa achou melhor levar os livros para Roma e depois para o Vaticano.

— Subsolos?

— É, hoje não passam de canais que levam a água do Senna de lugar nenhum para o nada. Depois do incêndio, as manutenções do subsolo foram paralisadas, e muitos lugares foram cobertos para não comprometer a estrutura da Catedral, mas a água sempre vence e criou algumas veias. Acho que à uns dez anos, quando eu ainda não morava aqui em Paris, uns técnicos vieram aqui e fizeram umas restaurações. Acharam melhor deixar algumas destas veias para que a água não destruísse tudo. Se você quiser entrar lá para conhecer, é até interessante, mas tem que tomar cuidado, não há iluminação e pelo que sei tem muitos ratos de esgoto. Eu não te aconselharia a fazer isso, mas eu mesmo já entrei lá para conhecer, acho que uma vez na vida é válido.

— Você disse que a biblioteca ficava aqui, sabe quem cuidava da biblioteca?

— Pelo que sei, mas não tenho certeza, o próprio Maurice de Sully cuidava da biblioteca, isso é claro, antes de ficar doido. Bem, mais também existem as lendas de Notre Dame, como a do corcunda...

— Essa eu já sei, li uns livros que contavam a história da Catedral.

— Então, que livros você leu?

— Os cinco fascículos de Marie Hustens.

— Então! Nestes livros estão quase tudo o que eu sei, você vai encontrar mais informações lá do que aqui comigo.

— Mas não é tão vivo como agora em que esta me contando.

— Sabe o portal de São Marcelo? Na parte sul da Catedral?

— Sei.

— No século passado, a Ordem dos Templários se encontravam ali, no dia de São Marcos. Acontecia, secretamente a reunião ali.

— No portal?

— Sim, e os Alquimistas também compareciam.

— Mas não eram tudo a mesma coisa?

— Naquela época existia uma separação entre a Ordem e os Alquimistas, mas isso o teu mestre vai lhe contar.

— É, vou ter que esperar ele voltar, primeiro.

— Paciência, jovem Bispo, paciência. Você saberá de tantas coisas que não vai se arrepender de esperar.

— Mas, me conta mais sobre a Catedral, o que mais sabe? Sabe de alguma lenda ou algum tesouro enterrado aqui?

O Cardeal deu uma risada.

— Com certeza, não. Mas te digo, que se eu soubesse, eu seria o primeiro a procurar. Notre Dame esconde muitos segredos, ela é fascinante, mas também existem muitas lendas que fazem-na ficar quase assustadora.

— Isso é verdade.

— Sabe aqueles gárgulas que ficam na parte de fora?

— Sim.

— Dizem que foi colocados ali, pelo próprio Conde Drácula.

— Mas então deveriam ser Vampiros e não Gárgulas?

— Dizem que os Vampiros quando querem se manter vivos, viram Gárgulas e em cada milênio eles acordam do sono.

— Eles não teriam que estar em caixões? Não é assim que sempre soubemos que os Vampiros ficam?

— Meu caro Bispo, acha que um Vampiro iria contar todos os seus segredos em um único livro?

— Então você acredita nisso, Cardeal?

— Não posso lhe dizer o que acredito e o que não acredito, mas você deverá descobrir em que acredita.

— Eu acredito na Santa Igreja Católica, isso não tenho dúvidas.

O Cardeal sorriu.

— Vou te dizer uma coisa, jovem Bispo. Existem muito mais coisas entre o céu e a terra do que nossa vã filosofia pode imaginar. Vou lhe dar um conselho que o meu mestre me deu quanto eu tinha a sua idade: Não acredite nas crenças e nas tradições, apenas porque seus pais acreditaram, não acredite em tudo o que falam apenas por que todos repetem a mesma coisa, e nunca, nunca acredite em tudo o que os seus olhos vêem, pois a alma possui olhos mais poderosos que o corpo.

— Não entendi.

— Nem tudo o que estou falando para você agora, entrará na sua cabeça, mas pode ficar tranqüilo pois, tudo o que eu te digo, entrará no seu coração.

— Cardeal?

— Diga.

— Você é feliz na Ordem?

— Sou, sou feliz porque aqui eu consegui abrir meus olhos e ver o mundo de outra forma.

— E eu vou conseguir fazer isso também?

— Isso vai depender apenas de uma coisa.

— E qual é?

— Vai depender dos olhos da sua alma.

Um padre chegou e perguntou algo ao Cardeal. Carlos estava pensativo. O Cardeal despediu-se de Carlos e se foi com o padre.

Carlos continuou sentado. Levou a mão ao bolso e tirou o papel com o código.

— Ver com os olhos da alma? – disse baixinho olhando o papel.



Paris – França
2 de Setembro de 2001
Castelo Frances Bouliver

— O que quer dizer isso? – perguntou Carlos.

— Não tenho a mínima idéia, mas acho que é só algum efeito da luz. Nada de mais. – respondeu Jean Justen.

— Mas o número “3”, o “E”, o “A” e o “2” parecem tão legíveis. Será que isso não é uma senha, ou código?

— Dificilmente.

Carlos ficou um pouco desapontado.

— Carlos, isso deve ser apenas alguma mancha no vitral e que com o efeito da luz projeta estas figuras. E além do mais, se isso fosse um código, o que quer dizer estes riscos todos?

— Não sei, mas achei estranho. E isso só acontece à meia-noite.

— O que torna o negócio mais fascinante, mas não menos inútil.

— É, talvez tenha razão. Mas que é estranho, você concorda que é?

— É, pode ser.

Carlos pegou novamente o papel e guardou no bolso. Jean Justen continuou a lhe explicar sobre algumas das ramificações da Ordem. Desde a origem.

Continuou mergulhado nas explicações do Jean. Soube do papel decisivo da Ordem nas Explorações, depois nas Grandes Navegações, no Mercantilismo, nos desbravamentos e em tudo mais. Depois, no papel decisivo em que a Ordem teve nas Guerras e também nos acordos de paz. E por fim um pincelada rápida sobre o papel atual da Ordem. O domínio mundial e a unificação das moedas para uma única Ordem Mundial.

Carlos ficava fascinado. Não sabia da proporção e da grandiosidade da Ordem. Achava que se tratava apenas de uma sociedade secreta de Padres, Bispos e Cardeais, mas descobriu que sua imaginação era muito pequena.

Com certeza a Ordem é a maior potência oculta do mundo.

E ele era parte disso e estava sendo instruído para que no futuro, talvez fosse até um dos grandes líderes, talvez até o próximo Papa.

Tudo era novo e fascinante. O seu passado no Interior do Paraná, lá no Brasil, era mesmo só passado. Ele não seria um simples padre. Ele não seria um simples Bispo e não seria um simples Arcebispo. Ele era um integrante da Ordem, num futuro próximo ele seria um dos pilares de sustentação da Ordem.

Quando seu mestre, Jean, finalizou os ensinamentos, Carlos pode então se dedicar um pouco a sua vida sacerdotal. Preparou a missa que iria rezar para os Padres e Seminaristas e pegou a correspondência. Uma felicidade lhe encheu o coração ao ver um malote com cartas do Brasil.

Pegou a primeira e leu:

Caro Espírito das Catedrais,

Não sabe que felicidade me dá escrever-te esta carta. Espero que ela lhe encontre cheio de saúde e que Nosso Senhor Jesus Cristo na comunhão dos Santos, esteja lhe iluminando cada vez mais.

Já se foi o tempo em que eu podia colocar minha cabeça no travesseiro e dormir tranqüilo. Já se foi também o tempo em que eu conseguia escrever-te com freqüência.

No Brasil estamos todos bem, principalmente o movimento Mariano. Eu estou à frente deste trabalho no Brasil e estamos alcançando proporções nunca antes esperada.

Ficamos felizes em saber que o Papa virá aqui em breve. Queremos lhe agradecer pois na carta recebida pelo Arcebispo de São Paulo, vinda direta do Papa, seu nome foi citado. Que Deus lhe abençoe e o povo brasileiro será eternamente grato por sua ajuda.

Sei que daí da França você tem nos ajudado aqui no Brasil.

Nós compramos, com a ajuda dos fiéis, uma emissora de Televisão e estamos divulgando todo o trabalho em canal aberto para a população brasileira.

Recebi recentemente uma carta do Padre Gilmar, do nosso seminário. Ele me convidou para sua ordenação à Bispo. Estou de passagem marcada para o Acre. Ele será o Bispo de lá. Isso é bom. Eu estive pensando no meu Bispado, mas não levo jeito para isso. Minhas viagens pelo Brasil ainda continuam sendo muitas. Sabe que agora eu tenho sido consultor de um monte de gente famosa? Acho que estas minha aparições pela televisão tem sido a causa disso, mas tem sido bom, tenho estado muito na mídia e os Artistas e apresentadores sempre me procuram para um conselho e ajuda.

Estamos trabalhando na gravação de um CD. Um Cd com as músicas que tocamos nos encontros, dentro em breve vamos divulgar mais.

Talvez no fim deste ano eu vá para Portugal. Vou te confessar, minha fama tem sido grande lá também. Deus tem me abençoado e eu tenho sido um instrumento para sua obra.

Mas enquanto os planos não se concretizam, continuo aqui em São Paulo apenas rezando e fazendo viagens.

Recebi sua carta no início do mês passado, e só pude lê-la na semana passada. Mas como sei que você recebe todos os malotes de uma vez, acho que não vai ser muito tempo não.

Estamos feliz em saber que no fim do ano você virá para o Brasil. Já estava na hora, não é? Ainda sabe falar português? – Brincadeira.

Bem, espero que sua visita seja de longo tempo.

Assim, vou terminando esta carta.

Aguardo seu retorno,

Pe. Marcelo R.

Assim que Carlos terminou de ler esta, abriu a próxima:

Querido Filho, Tudo Bem?

A Mãe e o Pai estamos bem, aguardando ansiosamente a sua vinda para o Brasil e mostrar as reformas que fizemos na casa com o dinheiro que você sempre tem nos mandado.

A Mãe sempre reza por você e tem colocado sua vida nas mãos de Nossa Senhora, todos os dias, elas tem com seu manto protetor, cuidado da minha saúde e da saúde de seu Pai.

Ele fez uns exames neste fim de semana. Não deu nada, Graças à Deus, mas tem que fazer mais alguns.

A aposentadoria dele saiu. Até que em fim. Agora estamos brigando na justiça para que a minha também saia.

O Roberto teve aqui em casa e mandou lembranças. Disse que no fim do ano vem denovo. Ele veio com a esposa e com o filhinho. É uma gracinha, a cara do Roberto.

Escreva para nós, estamos querendo saber a data da sua vinda para prepararmos um almoço aqui em casa.

Fica com Deus,

Ab, o Pai pediu para você comprar uma lembrança para ele. Sabe como ele é, né?

Bem, fica com Deus.

Beijos, da mamãe.

Maria Fernandes Damaceno Santiago.

Normalmente Carlos recebia cartas de casa e das paróquias do Brasil, quando terminou estas que julgava mais importantes, ficou passando as outras até ver qual iria ler primeiro.

Seu coração parou.

Abriu apressadamente o envelope:

Querido Bispo Carlos,

Cá estou eu lhe escrevendo novamente! Você não me escreve, então eu resolvo escrever. Sabe que sou assim mesmo.

Tudo bem? Eu estou bem, trabalhando bastante, mas Jesus tem me fortalecido muito com sua palavra e com suas maravilhas.

Espero que esteja tudo bem com você. Tenho algumas novidades para lhe contar, estou namorando o Fabricio. Lembra dele? Ele estudou conosco.

Pois é, estamos namorando, começamos a namorar recentemente. Mas tem sido muito bom. É bom ter alguém para cuidar da gente, né?

Aqui no Brasil estamos todos bem, sempre encontro sua mãe. Cidade pequena é assim, né. Continuo em Cascavel, mas todos os fins de semana eu estou em casa. É assim, sempre estou sabendo do que acontece por lá.

Inclusive fiquei sabendo que você virá no fim do Ano para casa. Até que enfim bem!

Quando vem? Quanto tempo vai ficar? Espero que no mínimo fique um mês por aqui. Temos que matar a saudade. Estou sabendo que os outros também estarão aqui. Assim vamos fazer uma pequena festa para aproveitarmos o fim de ano.

Conte-nos notícias dai. Como está a vida em Paris? Ei, traga uma lembrancinha para nós.

O Fabricio está trabalhando bastante no escritório do tio dele. Eu, ainda continuo no Jornal. É muito bom trabalhar lá. E quero um dia ser um diretor.

Está fazendo muito frio aqui. O tempo mudou de uma forma que estamos só saindo de casa debaixo de agasalhos. Mas está bom.

Bem, mande-me notícias, e não me esqueça, pois já é a segunda vez que eu escrevo para você antes de você me escrever.

Fica com Deus, que Jesus continue mostrando a verdade para você. Sabe, tive um sonho estes dias e, acredite, você apareceu no sonho. Vou te contar, eu te vi em um lugar bem pequeno e você estava segurando um livro e você virou para mim e disse: Eu achei! Eu achei!

O que acha disso? Estranho, né?

Bem, uma coisa foi legal, o seu rosto era o mesmo, desde que te vi pela última vez, você estava igual.

Bem, acho que já chega, não vou me estender mais. Mande-me uma carta dizendo quando vem.

Tudo bem?

Beijos,

Raquel

Raquel novamente! Pensou Carlos, ela nunca iria sair da sua cabeça? Quando é que ele iria parar de sentir saudades daquele rostinho e daqueles olhos verdes tão expressivos?

Agora ela estava namorando, e talvez em breve ela até se casasse, assim ele poderia esquecê-la de uma vez por todas.

— Só espero que não me chame para ser o padre do casamento....

Esperê! Ela não é mais católica...

Ah, um Pastor iria rezar o casamento.

Assim, continuou Carlos em seus pensamentos. Sozinho no seu gabinete ele ficou a olhar Paris pela janela.

Raquel...

Ele fechou os olhos por um momento e sentiu-se como que transportado para Tupãssi, no seu tempo de criança, quando voltava da escola com Raquel. Ela com prendedores de cabelo e com a bolsa nas costas. Sempre sorrindo das brincadeiras de Carlos, por mais idiotas que eram as brincadeiras, ele sempre encontrar um público fiel em Raquel.

E agora ela estava namorando. Fabrício!

Ele estava tocando suas mãos no rosto de Raquel, acariciando seu cabelo, beijando seus lábios! Fabrício!

Ele abraçado com Raquel, a andar pelas ruas de Tupãssi enquanto eu fico aqui, no outro lado do mundo...

Fabrício! Como ousa!

— Raquel....

— Raquel?

Carlos se volta para porta e vê seu Mestre.

— Quem é Raquel?



aris – França
2 de Setembro de 2001
Castelo Frances Bouliver

Carlos sentia-se como Rato acuado por um Gato.

— Como? – perguntou.

— Raquel? Quem é Raquel?

— Raquel? Raquel... Que Raquel? A Raquel da Bíblia... estava pensando na história de Raquel e vendo onde ela se enquadra nesta paisagem.

Carlos apontou para a janela. Jean sorriu, caminhou até ele e entregou dois livros.

— Sonhador Carlos... Tome.

Carlos pegou os livros.

— Que livros são estes?

— Chegaram-me hoje pela manhã. Vieram da biblioteca do Vaticano.

Um fala sobre Pierre de Hustang, o fundador da Ordem aqui na França e para sua curiosidade o segundo é de Dom Pedro I um rei que fundou a Ordem no Brasil.

— Dom Pedro I?

— Já ouviu falar nele?

— Ele foi o rei do Brasil, ele veio de Portugal...

— Isso mesmo, e se me lembro bem, ele foi para o Brasil com uma esquadra de navios e um destes navios estavam os ornamentos e alguns homens da Ordem.

— É mesmo?

— Está aí.

Jean foi se retirando e Carlos ficou olhando os livros. Colocou-os na mesa e acompanhou o Mestre até a porta.

— Você vai se divertir com estes livros. – falou Jean.

— É – sorriu Carlos — Eu sei que vou.

Carlos fechou a porta e seguiu para sua escrivaninha quando viu algo que foi como um raio.

Pegou o livro e segurou de uma forma que pudesse ver o código do livro na biblioteca: 787–W4454.

— E se...

Correu até o telefone, seu coração estava batendo apressadamente, discou um número, o som de ocupado pode ser ouvido. Discou novamente, tomando cuidado de não apertar nenhum botão errado. Novamente ocupado.

Discou denovo, e agora sim pode ouvir um sinal de linha.

Esperou um momento e ouviu uma voz mecânica falando em Inglês:

— *Bem vindo à Biblioteca do Vaticano, digite 1 para falar com a Secretaria, digite 2 para falar com os mesários da biblioteca, digite 3 para acervo, digite 4 para...*

Carlos apertou “3”

Aguardou um momento...

— *Biblioteca do Vaticano.* – Uma voz lhe atendeu em Inglês.

— Boa tarde, estou falando da França – começou Carlos em Inglês —
E gostaria de falar com Romano Alietto.

— *Ele não está, senhor...*

— Bispo Carlos.

— *Bispo Carlos?*

— Desculpe, com quem estou falando?

— *Bispo Carlos, aqui é o Giovanne.*

— Giovanne?

— *Giovanne! Lá da festa de São Viriato.*

— Oh! Claro, Giovanne! Como poderia esquecer!

— *Tudo bem, Bispo?*— Agora ambos começaram a falar em Italiano.

— Tudo, e com você? O que você está fazendo ai?

— *Eu me mudei para cá e o Arcebispo de Milão me colocou aqui.*

— Que bom! Está gostando?

— *Tudo bem. É bem tranquilo aqui, mas quando é que vem para cá?*

— Acho que vai demorar, estou com alguns trabalhos por aqui, e depois ainda tenho que ir para o Brasil.

— *Bem, vida corrida é assim mesmo, mas me diga aí, o que você precisa? Está procurando algum livro?*

— Bem, na verdade é, quer dizer, eu não sei ainda.

— ...

— Tenho um número aqui, mas acredito que seja de algum livro antigo, sabe, é que os livros, antigamente ficavam aqui em Paris, e depois foram enviados para o Vaticano, acho que era um dos livros que estava aqui na biblioteca, quando aqui era o centro...

— *Bem, talvez eu consiga achar, sabe me dizer qual é o nome ou o autor?*

— Não. Mas tenho um código.

— *Tem o número?*

— Tenho um número aqui, mas não sei se não mudou a forma de anotar os códigos, mas vou lhe passar assim mesmo. Anote ai: “3E-A2”

— *Realmente é um número muito estranho, não me lembro de ter algo assim no catálogo, mas deixa eu ver aqui. Só um segundo.*

Carlos ficou aguardando Giovanne procurar no computador da biblioteca algum livro por este código. Carlos apenas ouvia o som dos teclados sendo pressionados apressadamente.

Aguardou um minuto.

— *Lamento, Bispo Carlos, mas o computador não achou nada com este código, você não teria mais algum número?*

— Não. Tenho só este.

— *É, bem, infelizmente não consigo achar nada. Vou dar mais uma procurada...*

Carlos aguardou mais um minuto.

— *É, realmente não tem nada.*

— Puxa! Que pena! Bem, vou ter que deixar então.

— *Olha, eu posso fazer uma pesquisa mais profunda e te dar uma resposta, mas vou precisar de mais ou menos um dia.*

— Você pode fazer isso por mim?

— *Claro Bispo.*

— Muito obrigado, Giovanne! Posso te ligar amanhã?

— *Sim, estou o dia todo aqui, mas se não me encontrar, pode falar diretamente com o Romano que eu deixo ele sabendo de tudo.*

— Muito obrigado, Giovanne. Deus te abençoe.

— *Obrigado, Bispo. Deus te abençoe também.*

Carlos desligou.

Será que ele consegue encontrar o livro? Bem, talvez o código não seja um livro. Mas não custa tentar... afinal a julgar pelo reflexo e pela construção da Catedral, não pode ser outra coisa, naquela época não existia nenhum computador, isso não seria senha de computador, nem tão pouco de algum cofre, pois cofres não existiam. O que mais poderia ser se não um código de um livro? Ainda mais se a biblioteca era aqui.

Carlos ficou olhando pela janela e teve uma idéia.

Chamou o Padre José e o Padre Francisco.

— Quero uma lanterna para descer às bases da Catedral.

Os Padre se entre olharam.

— Conversei com o Cardeal Pierre – continuou Carlos — E ele me disse que é um lugar muito exótico. Eu gostaria de conhecer.

— Exótico? – perguntou Padre Francisco — Mas lá só tem ratos e água...

— Mas eu quero conhecer. – disse Carlos decidido.

Os padres providenciaram umas roupas de chuva e umas lanternas. Seguiram até a atrás da Catedral e por um grande sifão de ferro, desceram pela escada que dava acesso à parte subterrânea da Catedral.

Carlos desceu o mais depressa possível. Tudo era realmente escuro e úmido. Ligou a lanterna e nada viu além de lama e água. Apontou a lanterna para frente e pode discernir no meio da escuridão uma pequena passagem.

Padre Francisco também desceu. Apontou para a passagem.

— A entrada é por ali.

Carlos seguiu com Padre Francisco atrás. Assim que ele passou pela pequena passagem deparou-se diante de algo inimaginável.

Havia uma galeria de salas e corredores que mais pareciam um labirinto.

— Incrível! – sussurrou.

— Dizem que antigamente guardavam livros aqui. – falou Padre Francisco.

— É.

Continuaram seguindo. Ambos estavam com botas de borracha de cano longo. A medida que avançavam pelas galerias e corredores, o nível da água ia subindo.

Carlos estava fascinado. Tentou procurar pelas paredes alguma inscrição, algum outro código, alguma seta, mas era impossível encontrar. A lama e a umidade acumulada nas paredes apagariam qualquer indício de inscrição.

Carlos tropeçou e caiu.

Rapidamente o Padre Francisco veio em seu auxílio.

— Tudo bem, Bispo?

— Tudo, Obrigado. Vamos embora.

Ambos voltaram para o caminho que haviam entrado. Carlos estava fascinado e desapontado. Não era isso que ele esperava.

Subiu a escada e em um segundo estava de volta à Paris.

Agradeceu a ajuda do Padre Francisco e seguiu para seu quarto afim de tomar um banho. A pequena visita não lhe serviu para nada.



Paris – França
13 de Setembro de 2001
Catedral de Notre Dame

O telefone tocou insistentemente até que Carlos chegasse ao gabinete.

— Alô?

— *Bispo Carlos?* – uma voz em Italiano perguntou.

— Si, lui!

— *Bispo Carlos, aqui é o Romano, da biblioteca do Vaticano.*

— Oi Romano! Tudo bem?

— *Graças à Deus, tudo. Bispo? Estou te ligando para dar um retorno sobre o livro que estava procurando.*

— Então? – Carlos sentou-se.

— *Pois é, infelizmente não conseguimos achar nada com este número. Não tem mais alguma informação sobre ele? O autor? Ou o ano?*

— Não tenho, Romano, à única informação que tinha era aquela.

— *Mas com este código não encontramos nada. Passamos a noite procurando, e nada.*

— Tudo bem, então. O que mais eu posso fazer? Vou ter que procurar em outro lugar. Mas mesmo assim, Obrigado pela ajuda, Romano. Foi de muita valia.

Carlos desligou o telefone e começou a vestir sua batina. Eram 7:20h e às 8:00h iniciava a missa matinal da qual ele iria dirigir.



ão Paulo – São Paulo – Brasil
29 de Setembro de 2001
Casa de Marcelo

Caro Padre Marcelo,

Que Deus esteja lhe abençoando muito neste ministério que você está cuidando. Aqui em Paris estou levando. Sim, vou viajar para o Brasil no dia 23 de Outubro. Se prepare para me receber com uma imensa festa! – brincadeira.

Como você está? Trabalhando muito, eu espero. Nesta nossa obra estamos sempre trabalhando muito. Aqui em Paris eu tenho me dedicado em dobro para os trabalhos, e ainda por cima estou me embrenhando em um mistério bem estilo Sherlock Holmes.

Vou te contar como tudo aconteceu, eu estava na Catedral, era meia noite. E eu fiquei parado bem em cima de onde estava a pedra fundamental, uma nuvem cobria a Lua, eu não podia ver a nuvem pois estava dentro da Catedral e estava tudo escuro, mas quando a nuvem passou eu vi o brilho da Lua, e ela entrava pelo vitral bem em cima do vitral de uma cruz e o reflexo caía bem em cima da pedra fundamental e como existe uma placa e chumbo parecido com um latão reluzente, o reflexo da luz que vinha da Lua e batia na placa, projetava na parede um código, uns números: 3E-A2.

Como no subsolo da Catedral existia uma biblioteca eu tive um estalo e imaginei que este código era um código de algum livro, mas a biblioteca que existia aqui foi enviada para o Vaticano. Então eu telefonei para lá e quis saber se tinha algum livro com este código, mas não tive sucesso.

Assim, fiquei com este código nas mãos e com este mistério. Preciso desesperadamente do Sherlock Holmes aqui para resolver este caso.

Bem, nas horas de folga eu fico me divertindo com este enigma.

Mas não pense que deixei os trabalhos de lado. Estou trabalhando a todo vapor e estou estudando também. Tenho rezado missas diariamente e nos fins de semana. Durante o dia vou ao orfanato e ao asilo. Volto para a Catedral e estudo bastante. Mas em breve vou viajar para o Brasil e vou poder descansar um pouco.

Vou te confessar uma coisa, recebi, recentemente uma carta da Raquel. Lembra dela? do seminário? Pois é, sempre recebo cartas dela, ela me persegue como um fantasma. Sempre está me lembrando de sua existência. Quando eu vim embora para a Europa, achei que nunca mais falaria com ela, mas não consigo, sempre me lembro dela e sempre fico preocupado com meus sentimentos.

Bem, tenho rezado bastante e acredito que sou muito mais forte que a tentação.

Sobre suas notícias, sei muito bem do trabalho que tem feito no Brasil. Ouço seu nome em todo o lugar. Padre Marcelo.

Deus te abençoe, desde de o tempo do Seminário que eu sei que você iria ser muito famoso. Só não deixe isso interferir em sua vida sacerdotal.

Quanto ao mais, mamãe me escreveu e estou morrendo de saudades de casa. Logo verei todos e todos irão me ver. Espero que até chegar no Brasil, eu consiga resolver este enigma e te contar como foi.

Por hora, vou ficando por aqui.

Fica você com Deus e que a visita do Papa ao Brasil seja uma fonte de renovo espiritual.

Seu Irmão,

O Espírito das Catedrais, Carlos.



Paris – França
14 de Setembro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos estava rezando mais uma missa matinal. A rotina estava começando a lhe deixar cansado. Suas investidas no enigma do código não havia avançado em nada e isso lhe deixava um pouco frustrado.

Buscava na leitura dos livros, uma forma de fazer seus pensamentos voarem para tirar de cima das costas o peso da rotina.

Estava entregando as hóstias para os fiéis quando reparou o brilho do sol que entrava por um vitral, o raio se projetava perto do ponto zero da Catedral.

Carlos teve uma idéia, olhou para o relógio. Eram 10:20h.

Pensou: Se à meia noite o raio da Lua se projeta no centro da Catedral, bem onde fica a pedra fundamental, por que o Sol não se projetaria ao meio dia?

Ficou apreensivo e deu continuidade à missa como se não soubesse de nada.

Assim que terminou. Correu para seu gabinete e trocou de roupa. Pegou um papel e um lápis e seguiu para o centro da nave da Catedral. Olhou para o relógio: 11:43h.

Ficou em cima do ponto zero. Aguardando ansiosamente o horário.

Levou um susto quando os sinos da Catedral soaram 12:00h. Um costume rotineiro que naquele dia ele havia se esquecido.

Olhou para os seus pés, o raio do sol, agora projetado por um vitral com a imagem de uma bíblia que ficava em bem no teto da nave, brilhava fortemente sobre o marco zero.

Carlos procurou pelas paredes e encontrou o reflexo em cima do altar. Caminhou até lá e anotou o que viu:

Ficou um pouco desapontado. O que queria dizer estes montes de rabiscos? É certo que ele poderia decifrar, mas o que queria significar tudo aquilo?

Será que seria um novo código de livro? Afinal, por que ele batia tanto nesta tecla de que era um livro? Mas o que mais poderia ser?

Seguiu para gabinete e ligou para o Vaticano novamente.



Paris – França
14 de Setembro de 2001
Catedral de Notre Dame

- *Bispo Carlos, novamente não encontramos nada com este número.*
— Mas não é possível! É muita coincidência!
— *O que quer dizer com isso?*
— Nada. Nada, é que é muita coincidência eu encontrar estes números desta forma...
— *De que forma?*
— Ah, deixa para lá. O computador não acusou nada, mesmo?
— *Nada. Este número que você me deu: E3/1, assim como o outro é muito vago...*
— Tudo bem...
— *Mas você não sabe do que se trata este livro, ou livros?*
— Nada. Não tenho nem idéia.
— *Bem, fica realmente difícil.*
— Tudo bem, vou pensar um pouco e se precisar te ligo novamente.
Carlos desligou o telefone. Agora estava com dois códigos na mão:

3E-N2 E 311

Mas o que querem dizer estes códigos? Já tentou várias combinações: “3E-A2”, “E3/1”, “E3/11”, “E3111”, “3EN2”, “3EA2E3/1”, “3EA2E3/11”, “3EN2E3/11”, “3EN2E3/1” mas nada conseguiu encontrar.

Ligou para a Biblioteca da França, muito menos lá. Os códigos lá eram apenas de quatro números e sem nenhuma letra.

Carlos estava desapontado. Sentado à sua mesa, olhava diante dele dois pedaços de papéis com códigos estranhos e que não lhe levavam a lugar nenhum.

Não havia resposta, não havia solução para este enigma. Por que ele perdia tanto tempo com aquele passatempo que não estava lhe levando a lugar nenhum?

Uma pontada de raiva passou diante dos seus olhos e pegou os dois papéis e jogou no lixo.

— Que alguém mais esperto descubra!

Levantou-se e saiu da sala.

Desceu às escadas e foi até a nave da Igreja. O enigma ficaria no lixo para sempre.

Passou novamente pela pedra fundamental. Olhou para os dois vitrais e não viu nenhuma resposta. Por que alguém criaria um enigma assim? Que maluco faria isso?

Seguiu até a frente da Catedral.

Olhou para a praça, várias pessoas apressadas andando em todas as direções. Carlos ficou olhando-as. Umas conhecidas olhavam para ele e acenavam. Ele retribuía o aceno.

Ficou ali por alguns minutos até ver dois homens transportando uma grande chapa de vidro. Eles manuseavam a chapa com um imensa destreza, tomando todo o cuidado para não quebrá-la.

Através do vidro ele viu um jovem lhe acenando.

Ele acenou de volta.

— Meu Deus!

Carlos seguiu correndo pela Catedral à dentro. Cruzou com um ou outro padre que com olhos questionadores lhe perguntavam o que estava acontecendo.

Ele se limitou da dizer: “Nada!”

Entrou no seu gabinete. Pegou o cesto de lixo.

— Essa não! – ele olhou incrédulo o cesto limpo.

Seguiu até o corredor e encontrou Padre Francisco que veio correndo até seu gabinete para certificar de que tudo estava bem.

— Quem limpou meu lixo? – perguntou Carlos.

— O que? – indagou Padre Francisco.

— Quem? Alguém entrou aqui e limpou meu lixo! Quem foi?

— Ora, acho que foi o Seminarista Alfreto.

— Onde ele está?

— Acho que lá fora.

Carlos desceu as escadas e saiu em disparada para o encontro do Seminarista.

Encontrou-o prestes a jogar o lixo na lata grande para ser recolhida.

— Alfreto! – gritou Carlos.

O Seminarista olhou assustado e sem entender nada.

— Onde está o meu lixo? – perguntou Carlos.

— O que?

— O Meu lixo, que você recolheu na minha sala...

Carlos pegou o grande saco e procurou dentro.

Achou um pequeno saco. Abriu-o e encontrou coisas que havia jogado fora. Era o seu saco! Pegou-o e espalhou-o pelo chão. O Seminarista estava atônito.

— Achei vocês! – disse o Bispo.

— Bispo? – Alfreto estava perdido.

Carlos parou e analisou o papel de ridículo que estava fazendo. Sorriu para Alfreto e saiu.

— Por favor, recolha o lixo que espalhei. – disse Carlos pelas costas.

O Seminarista começou a recolher o lixo que o Bispo havia espalhado. Ainda sem entender nada, mas fiel.

Carlos voltou para o seu gabinete e fechou a porta.
Pegou os dois papéis e olhou-os diante de si:

3E-N2 E 3/1 1

Ele sorriu. Tudo se encaixava agora.

Alguém bateu em sua porta.

— Quem é?

— É o Padre Francisco, está tudo bem, Bispo?

— Tudo. Volte depois.

Carlos ouviu passos. Sorriu novamente e colocou diante dos seus olhos, os códigos, mas agora um atrás do outro e direcionou os dois para que pegassem o reflexo da luz solar.

Ele sorriu novamente:

— Carlos, tenho que tirar o chapéu para você, você é um gênio! – disse orgulhoso de si mesmo.



ascavel – Paraná – Brasil
2 de Outubro de 2001
Casa de Raquel

Querida Raquel,

Primeiramente quero lhe pedir novamente desculpas pela demora me lhe escrever. Sabe que tenho trabalhado bastante aqui em Paris e por isso quase não tenho tempo para nada.

Freqüentemente recebo notícias do Brasil, e em breve estarei embarcando para casa. Pretendo passar um mês por aí.

Suas cartas sempre me chegam. Mas nem sempre consigo lhe responder, peço lhe desculpas novamente.

Fiquei feliz em saber que você está namorando. Espero que ele seja o homem da sua vida, e que você se sinta realizada com ele.

Não trabalhe demais moça! – brincadeira.

Aqui tenho trabalhado bastante e tenho me levantado sempre antes do Sol. Quase não paro e quando isso ocorre fico tentando gastar meu tempo com algum lazer aqui dentro da Catedral mesmo. Minhas notícias não são muitas. Espero que quando for para o Brasil, possamos nos encontrar e conversar um pouco. Estou com saudades suas, e também do Fabrício. Espero vê-los com saúde e trabalhando muito. Sei que vai brigar comigo por minha carta ser pequena, mas não tenho muitas novidades não. Quando a gente fica longe de casa conhece gente nova e muitas coisas que conversamos as vezes não interessam outras. E é o meu caso, tenho só falado sobre teologia e sobre o progresso do catolicismo e como sei que não é mais católica, acho que este assunto não lhe interessa.

Sendo assim, espero em breve vê-la e até que chegue este dia. Fique com Deus e que Você um dia volte para os braços do Senhor através de Maria.

São meus sinceros votos.

Seu amigo,

Bp. Carlos.



Paris – França
14 de Setembro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos sorria feliz. Ele havia desvendado o mistério. Agora tudo era muito fácil, e ele não se perdoava por que tinha demorado tanto para ver uma coisa tão óbvia.

O segredo era simples, o enigma foi feito para que uma pessoa tivesse que estar no ponto zero da Catedral ao meio dia e à meia noite.

Até ai tudo bem, Ele havia feito isso, à meia noite ele anotou o que ele havia visto:

3E N 2

E ao meio dia ele anotou o outro código que o vitral transmitiu sobre o altar:

E 311

Agora só restava ele fazer o obvio, ele tinha que fazer o eclipse! Ele tinha que fazer o eclipse acontecer! Assim ele teria encontrado o código.

Carlos colocou o pedaço de papel que havia copiado de noite, na frente do que tinha copiado de dia e obteve o código!

8871N2

Ele dava risadas!

Pegou o telefone e ligou novamente para o Vaticano.

Aguardou até que Romano atendesse.

— Romano!

— *Oi, oi Bispo Carlos!*

— Romano, digite um código em seu computador e acredito, não, eu tenho certeza que ele irá encontrar um livro. Coloco minha batina em jogo, se não encontrar.

— *Nossa! Que certeza! Diga-me o código.*

— 8871N2!

— 8871N2? *Ok, aguarde um momento...*

Carlos tamborilava com os dedos à escrivaninha. Dava umas risadinhas, seu ego estava nas alturas!

— *Achei!*

— O que é?

— 1191!

— 1191?

— *É, é um livro de 1191! Velho para caramba! O título é: “Ordem dos Verdadeiros Adoradores”*

— Ordem dos Verdadeiros Adoradores?

— *Nossa! Este livro está lá na seção de raridades. Também, um livro com esta idade... espere aí...*

— O que foi?

— *Você vai precisar do original ou da cópia mais recente?*

— De quando é a cópia mais recente?

— *1495.*

Carlos riu.

— Mande-me o original.

— *Tem certeza? Este livro deve ser só farelo...*

— Não importa... Você pode me mandar?

— *Claro, acho que chega em suas mãos dentro de vinte dias.*

— Vou ficar aguardando.

— *Tudo bem.*

— Só faz um favor para mim...

— *Diga.*

— Mande-o aos meus cuidados. Este livro só interessa à mim.

— *Pode deixar.*

— Muito Obrigado, Romano.

— *Não há de que, Bispo.*

Carlos desligou e desceu para o almoço. Seja quem for que tenha criado o enigma, ele agora havia ido longe o bastante para descobrir o segredo.



Paris – França
29 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Querido Bispo Carlos,

Que Jesus esteja contigo nos seus atos e nas sua fé, mostrando a você toda a verdade do seu caminho.

Escrevo-lhe esta carta, um pouco triste. Eu e o Fabrício terminamos o namoro. Acho que não foi a vontade de Deus. Eu orei pelo Fabrício e continuei a orar por tudo, mas Deus confirmou no meu coração que minha atitude foi um pouco precipitada. Acho que um pouco foi também por eu estar já com 28 anos. Fico pensando que vou ficar para “Tia” e fico me desesperando, mas Deus me mostrou que não é isso que ele quer para minha vida. E que, não adianta eu querer forçar a barra, quando for a hora certa, ele irá me dar o homem da minha vida.

Aqui em Cascavel as coisas continuam da mesma forma. Tenho trabalhado bastante mas sinto-me um pouco cansada, não com o serviço pois é a minha vida, mas estou um pouco cansada com o resto das coisas.

Me envolvi mais nos trabalhos da igreja para que desta forma eu possa esquecer um pouco os problemas, mas não tem sido fácil.

Confesso que não tem sido fácil lutar sozinha, mas creio que Deus irá me dar conforto nesta hora.

Não quero encher esta carta de lamento, mas gostaria que você soubesse o que estou passando. Assim, estando você longe, talvez possa me dar algum conselho.

Mas vamos mudar de assunto. Como andam os trabalhos em Paris? Como tem vivido aí? Está trabalhando muito, não é?

Me escreva assim que puder, estou com saudades. Ah, estou lhe mandando uma nova foto. Se tiver alguma, mande-me “Bispo Carlos”. Sabe as vezes eu não consigo lhe imaginar vestido de Bispo. Aquele garoto que eu conheci e que estudou comigo o primário e o segundo grau, não tinha rosto de Bispo.

Me escreva assim que puder.

Estou lhe mandando lembrança dos meninos. E novamente lhe digo que estamos com saudades suas.

Fica com Deus.

Sua Amiga.

Raquel



Paris – França
10 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Quando Carlos recebeu o pacote do Vaticano. Apressou-se a entrar em seu gabinete e abri-lo.

Acabara de fazer uma aula com Jean sobre economia. Estava aprendendo muito na Ordem, não podia negar isso de forma alguma. Coisas que ele nunca imaginou, estavam sendo reveladas.

Ele ficava cada dia mais fascinado com a Ordem.

Mas agora estava com outro interesse, queria ler o livro. Abriu a embalagem e pegou o livro. Olhou o número: 8871N2. Era ele!

Olhou o título: “Ordem dos Verdadeiros Adoradores” escrito à mão.

Abriu-o. Realmente aquele livro era uma relíquia, todo escrito à mão. Suas páginas já estavam bem escuras. O tempo quase lhe destruiu. Com todo o cuidado Carlos manuseou o frágil livro.

Estava todo escrito em Francês.

Carlos começou a ler.

Foi lendo página por página. Mais parecia um livro da Ordem. Cheio de histórias e de rituais.

Carlos continuou a ler, não parou nem para beber água.

Aos poucos o livro foi ficando cansativo, seus olhos estavam pesados. Ele continuava mesmo assim, mas o livro não revelava nada de extraordinário. Será que ele teria seguido a pista certa? Será que 8871N2 era realmente o código de um livro.

Carlos fechou o livro e encostou-se melhor na cadeira. Ficou pensando em onde havia errado. Fechou os olhos e adormeceu.

Quando acordou. Olhou pela janela e viu que já era noite. O livro ainda estava sobre sua mesa. Aquele livro velho e que não trazia nada, ainda estava sobre a mesa. Carlos abriu-o novamente. Foi folheando página por página, olhou todos os detalhes, tinha que haver alguma ligação. Havia parado na metade livro. Mas não estava com vontade de continuar.

— Onde está o teu segredo? – falou para o livro. — Onde você esconde o segredo? Vamos, me conte!

O livro continuava parado em sua frente.

— Eu cheguei até você! Agora, me conte onde está o segredo!

O livro continuava no mesmo lugar.

Carlos abriu o livro novamente. Procurou novamente página por página, algo que lhe chamasse atenção, alguma sílaba que se destacava, alguma linha errada, algum lugar onde o escritor carregou mais a mão de tinta. Nada. Era como que impossível encontrar algo de diferente naquele livro.

— Agora eu precisava de Sherlock Holmes! – suspirou ele.

Abriu o livro novamente. Seus dedos sentiram algo na contracapa. Parou. Olhou mais minuciosamente para ela. Havia algo ali.

Pegou o livro e colocou-o sobre o reflexo da luz da escrivaninha. Algo estava escrito. Mas estava apagado. Parecia que havia sido escrito com água. Estava muito difícil de ler é transparente demais.

Carlos ficou novamente cheio de esperanças.

— Tem algo aqui...

Colocou o livro mais perto da luz e tentou analisar melhor. Pegou uma lupa que estava na gaveta e tentou procurar, perto da luz uma resposta. Mas era só sua imaginação novamente. Não havia nada ali. Pelo menos nada que pudesse ser visto.

Cansou o braço e colocou o livro na mesa novamente. Direcionou a luz para que ficasse bem perto do livro. Novamente analisou com a lupa. Nada.

Sentou-se frustrado na cadeira.

Alguém bateu à porta.

— *Bispo?* – uma voz perguntou.

— Pois não? – respondeu Carlos.

— *Só queria saber se o senhor estava aí.*

— Estou sim, Padre Francisco.

Carlos se levantou e caminhou até a porta. Abriu-a.

— O Jantar será servido em meia hora. – disse Padre Francisco.

— Tudo bem, só vou dar uma olhada em uns documentos, e vou descer.

Padre Francisco estava indo embora quando Carlos o chamou.

— Padre Francisco?

— Pois não, Bispo?

— Pode fazer o favor de levar minha correspondência para o meu quarto. Após o jantar vou direto para lá.

— Claro, Bispo. Sem problemas.

Carlos sorriu.

Voltou para sua mesa, sentou-se e olhou novamente o livro.

Quase teve um infarto!



aris – França
10 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

O Calor provocado pela luz, trouxe a tona o que estava escrito na página.

Carlos pode entender o que era.

Quando pequeno, Carlos brincava de uma brincadeira chamada “Cartas de Detetive” que consistia em escrever uma carta, mas ocultar outra.

Para isso, Carlos espremia dois limões e com a ajuda de um cotonete, escrevia uma carta. Após isso, virava a folha e escrevia no seu verso qualquer coisa, de modo a despistar qualquer pessoa.

Quando o destinatário recebia a carta, já sabia do segredo e pegava o ferro de passar roupas e passava na folha de papel.

O Calor do Ferro queimava a substância do ácido presente no limão e trazia a tona o a carta secreta de Carlos.

Mais ou menos isso acabara de acontecer. Enquanto ele falava com o Padre Francisco a lâmpada esquentava, assim quando ela chegou na temperatura ideal a substância ou o ácido que o alguém havia escrito na contracapa do livro veio a tona.

O coração de Carlos batia em alta velocidade. Ele realmente estava diante de um grande segredo!

Colocou a lâmpada mais perto do livro e alguns riscos foram aparecendo. Carlos manteve a lâmpada acesa até que pode revelar tudo o que estava escrito.

— Ora, ora, vejam só, um mapa! – exclamou sorrindo.



Paris – França
11 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos não desceu para o Jantar.

Ficou olhando o mapa. Estava tudo ali. O segredo estava ali. Ele tinha que desvendar todo o mistério.

Por um segundo ele achou que alguma mão divina estava lhe orientando. Ele não podia acreditar nas coincidências dos fatos, primeiro o número no meio da noite, depois o número ao meio-dia. Depois após ver através de um vidro, ter o estalo de colocar um número sobre o outro e *Touchè!* O código apareceu. Depois, ligar o código à um livro e por fim tendo o livro em suas mãos, e depois de procurar centímetro à centímetro o calor da lâmpada lhe traz a tona o mapa.

Seu coração ainda batia apressadamente. Com certeza depois daquele dia ele nunca mais iria olhar um livro outra vez da mesma forma.

Não conseguia parar de ser perguntar: O que está enterrado lá? O que será a Catedral de Notre Dame guarda em suas entranhas? Que mistério é este, e a quanto tempo está escondido? Será que ninguém nunca achou este tesouro ou seja lá o que isso for?

Ele estava louco para procurar pelo tesouro, mas teria que esperar até que todos estivessem dormindo. Assim não iria levantar suspeitos nem curiosos.

Ficou lá no escritório admirando aquele mapa. Olhou para o relógio. As horas não passavam. Ele achou que iria ficar louco pela espera.

Respirou fundo e tentou planejar o que iria fazer.

Alguma coisa tinha que ser feita. E se ele contasse para Jean? Não. Este segredo era só seu. Ele teria que encontrar tudo e depois, conforme fosse, diria para os outros sobre como conseguiu. Mas não agora. Agora o segredo era só dele.

Caminhou até a janela e olhou Paris. Um das cidades mais lindas do mundo! Com certeza.

— Paris, Paris! Que segredos você me esconde? Até onde vão as lendas e até onde iniciam as verdades? – falou.

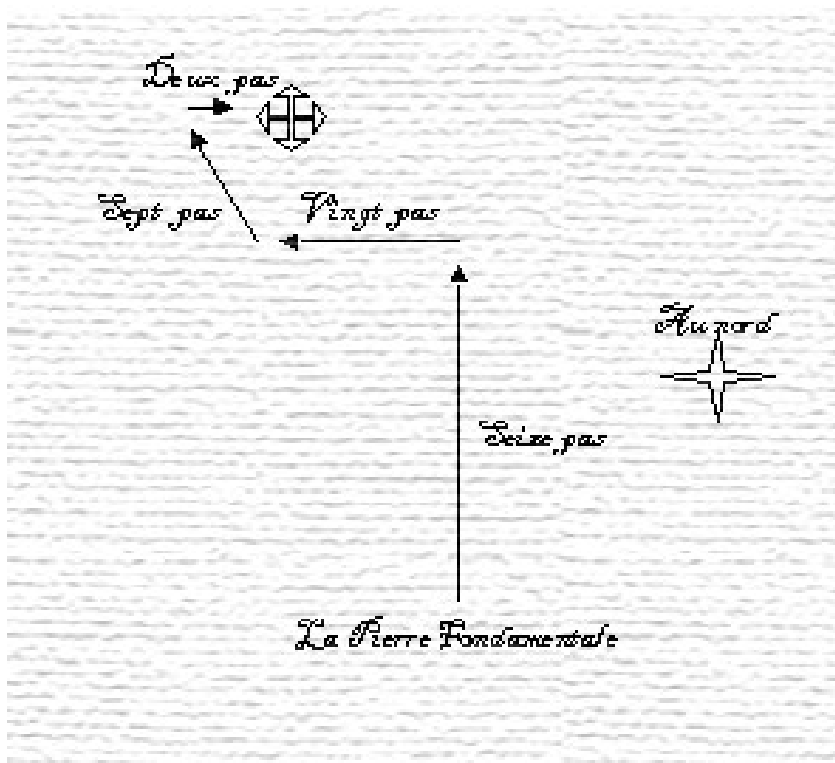


Paris – França
11 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos achou que o silêncio na Catedral não iria chegar nunca. Assim que o relógio marcou 0:00h ele desceu até o refeitório para certificar-se de que não havia ninguém lá.

Passou pelos quartos, e todas as portas estavam fechadas. Novamente era só ele a Catedral. Abriu a porta e entrou nas entranhas da Igreja.

Acendeu a lanterna, abriu o livro e olhou o mapa novamente:



Bem, como tinha estudado o mapa durante a noite, sabia que tudo começava na “La Pierre Fondamentale” ou seja na “Pedra Fundamental”. De lá seria o seu ponto de partida.

Caminhou até lá. A luz da Lua já havia passado do seu ponto, já não projetava mais nenhum número na parede.

Contou os “Seize pas” ou seja “Dezesseis passos”. Parou. Olhou para todos os lados para ver se via ou descobria algo de diferente. Nada.

Caminhou para a esquerda “Vingt pas” ou seja “Vinte Passos” Novamente parou. Olhou para todos os lados, mas nada lhe chamou atenção. Agora mais “Sept pas” em um ângulo de mais ou menos 30°. Parou. Agora “Deux pas” para a direita.

— Um...Dois... O que é isso?

Carlos estava de frente para a parede. Procurou pela parede algum “X” ou alguma outra marca que pudesse lhe revelar onde estava o tesouro, mas não achou nada. Apenas uma parede de Pedra.

— Uma parede? Só se o tesouro estiver atrás da parede. Mas como eu vou furá-la?

Carlos procurou algo para furar a parede, não achou nada pontiagudo que pudesse furar uma rocha.

Achou melhor voltar pela manhã com uma marreta para abrir um buraco.

Fechou o livro e foi para o quarto. Na manhã seguinte ele iria abrir aquele buraco.



aris – França
11 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

O Padre Francisco acordou com o barulho de uma batida. Achou que estava sonhando e virou-se na cama. Novamente outra batida e mais outra. Agora as batidas eram repetitivas e fortes.

Levantou. Vestiu suas roupas e foi a procura do barulho.

Carlos já havia aberto um grande buraco na parede. Padre Francisco se juntou aos outros curiosos.

— O que está fazendo? – perguntou.

— Estou... – respondeu Carlos ofegante enquanto batia a marreta — Tentando desvendar mais um... mais um segredo de Notre Dame...

— Segredo?

— Sim. – Carlos parou e fitou Padre Francisco. — Aqui... – apontou para o buraco — Existe um segredo que eu descobri. Agora quero saber o que é...

Carlos voltou a bater.

Padre Francisco levou as mãos ao ouvido.

— Vai furar muito? – gritou.

— Não sei...

O Padre Francisco saiu e em seguida os outros curiosos também se foram. Carlos olhou pelo canto do olhos eles indo. Continuou a bater a marreta.

Aos poucos ele descobriu que a rocha, um bloco de pedra era oco. Bateu a marreta e ouviu um som diferente. Continuou batendo com mais ferocidade até que furou a pedra. Um pequeno orifício apareceu.

Pegou a lanterna e iluminou. Havia uma caixa ali.

— O Tesouro! – gritou.

Os curiosos voltaram.

Carlos continuou batendo até que fez do orifício um buraco e depois, um buraco maior e por fim, jogou a marreta de lado e pegou a caixa.

Os outros padres ficaram em volta para ver.

Carlos olhou pela janela e notou que já era tarde. Ele havia ficado a manhã toda cavando com a marreta. Seus braços doíam.

Ele pegou a marreta e quebrou o cadeado.

— O tesouro! – repetiu.

Abriu a caixa. Dentro um pano. Puxou o pano e este revelou um livro.

Os padres que estavam em volta dele riram.

— Este é o tesouro? – alguém perguntou.

Carlos estava desapontado. Um livro? Tudo aquilo, por um livro?

Ele pegou o livro e o abriu leu o título que estava em francês: “A Verdade”

Ficou olhando o livro. O desapontamento estava estampado no seu rosto. Esperava qualquer coisa, menos um livro.

Colocou-o novamente na caixa e saiu.

Antes de chegar a porta voltou-se para os padres:

— Senhores, como a curiosidade dos Senhores os trouxeram até aqui. Por favor limpem tudo e chamem um pedreiro para consertar a rocha que eu quebrei.

Os padres se entreolharam tristemente.



aris – França
13 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

— O que está pensando que está fazendo?

— Mestre, foi uma descoberta!

— Não! O que você fez? Pensa que esta Catedral é a sua casa? Não pode sair por ai com uma marreta e furando as paredes. Esta Catedral é um símbolo de quase mil anos! Você não pode fazer isso.

Carlos se levantou e foi até sua escrivaninha.

— Olhe o que eu achei lá.

Mostrou o livro para Jean.

— “A Verdade”? Foi isso que encontrou lá?

— Foi.

— Carlos, não faça mais isso. Esta Catedral é cheia de mistérios. Os Gárgulas e todas as lendas, cada coisa que surge aqui vira um mistério e atíça a imaginação da população. Eles livro provavelmente deve der sido esquecido por algum frei franciscano ou sei lá o que pode ser, e alguém deve ter colocado reboco por cima. Não duvido que se começarmos a furar as paredes desta Catedral, nós encontramos muitas coisas. Mas não podemos fazer isso. Esta Catedral é por si só um museu vivo! Quando você foi designado para ser o Bispo de Notre Dame, você sabia muito bem que devia zelar pela ordem e pela conservação da Catedral. Agora se você começa a furar todas as paredes, o que será da Catedral daqui à um ano?

— Eu sei, mas não acha incrível a ligação dos detalhes. Tudo o que lhe contei, sobre os números na parede, como acha que achei este mapa?

— Não sei. Só sei que não deve ficar fazendo este tipo de coisa. Bem, já que furou a parede, pode ficar com este livro, mas não fique alimentando a imaginação dos outros padres. Leia-o e depois deixe-os ler ou coloque na sua biblioteca pessoal ou até mesmo envie-o para o Vaticano.

— Tudo bem. Vou fazer isso.

Carlos ouviu mais algumas recomendações de Jean, e, por fim ficou sozinho no escritório.

Pegou o livro e abriu-o novamente, leu o título e só agora notou quem era o autor:

A Verdade
Maurice de Sully

O livro havia sido escrito à punho, mas parecia que havia sido escrito às pressas. Carlos passou os olhos, página por página, muitos borrões e mudanças bruscas de letras eram vistos. Como que se o autor tivesse acometido de alguma doença que mudasse seus sentidos ou até suas emoções.

Levantou-se e fechou a porta. Sorriu novamente por ter descoberto o mistério. Agora ele iria começar a ler o tal livro.



aris – França
16 de Junho de 1198
Igreja de Notre Dame

Helene caminhou apressadamente pela nave da igreja.

Nos braços trazia uma pequena caixa. Pôde ouvir o som dos cascos dos cavalos se aproximando. Não tinha muito tempo. Seus olhos começaram a verter-se em lágrimas.

Apressadamente ela colocou a caixa onde Maurice havia pedido.

Fez um esforço terrível para colocar uma pedra na frente da abertura. Assim ninguém saberia que o livro estaria ali. Somente ela, Maurice e os filhos saberiam.

Maurice pediu para que ela explicasse para os filhos, que quando crescessem, voltassem até a igreja e procurassem o livro 8871N2, lá na contracapa estava a resposta e o motivo porque seu Pai havia sido preso.

Eles deveriam voltar ali e encontrar o diário de Maurice. Assim eles poderiam saber o que aconteceu com seu pai.

Helene ainda estava com os olhos cheios d'água quando ouviu o relinchar de um dos cavalos.

Secou as lágrimas e foi de encontro à seu algoz.

Vários cavaleiros se encontravam, vestidos para guerra, diante da entrada da igreja.

Um dos cavaleiros desceu do cavalo e caminhou até ela.

— Helene de Sully?

— Sim, sou eu, senhor.

Os filhos vieram correndo e abraçaram-na.

— Filhos, fiquem longe. Lembrem-se do que o Papai disse para vocês. Não esqueçam o número nunca.

O Soldado sorriu, ele olhou nos olhos de Helene. Ela era linda.

— É uma pena, mas tenho que seguir ordens. – disse ele.

Tirou a espada da bainha e enfiou-a em Helene.

Helene caiu de joelhos. O sangue saía de sua barriga e de sua boca.

Os filhos correram para ela.

O Soldado olhou para os outros com um olhar piedoso.

— O que vamos fazer com as crianças?

Um dos soldados sorriu.

— Já que começou, termine!

O Soldado então voltou-se para as crianças e com a mesma espada matou-as em seguida.



aris – França
13 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos aguardou o silêncio em seu gabinete. Fechou a porta e sentou-se. Começou a ler o livro:

“Meus dias de algozes estão chegando. Estou como Jesus no Getsemani. Estou agonizando até a hora da minha morte. Não posso mudar isso. As palavras da verdade são como luz e tem vencido as trevas, mas as trevas também já tem cerrado as armas para a destruição da luz. É difícil manter uma vela acesa nesta chuva de abominação.

Sei que mesmo que a luz se apague, Deus irá suscitar das pedras clamores. Mas enquanto tiver forças não devo desistir de falar da sua verdade. Sei que não vou viver muito, mas minhas palavras atravessarão os séculos e irão, como uma lanterna através dos anos, iluminar vocês meus filhos e também servirão para seus filhos.

À voz, Joseph e Maurice II este livro escrevi. Tenho estudado os passos e as verdades da Ordem dos Templários, a qual sou membro, e tenho estudado os passos e as verdades dos livros escritos pelos Apóstolos do nosso Senhor. Não há coerência entre eles! Não há nada que ligue os dois elos! Não há verdade na Ordem! Temos seguido lentamente para o Inferno. Tento abrir os olhos dos outros, tento explicar aos outros, mas seus corações são como rocha e minha palavra tem encontrado dificuldade para penetrar. Mas não irei desistir, nem que no meu martírio seja o fim dos meus caminhos, não irei desistir.

Tenho medo de chegar diante de Deus e ele me cobrar por não ter dito nada. Temo encarar os olhos do Senhor Jesus e não lhe apresentar nenhum fruto. Então falarei, mesmo que seja chamado de “a escória da Vila Paris”, mesmo que me chamem de “louco” ou de “indigno”, mesmo que me comparem à um cão, não deixarei de ser zeloso com o as palavras de Jesus. Do que me vale ser o grande Maurice de Sully se minha alma vai correndo desesperadamente para o inferno? De que me vale toda a fama que possuo se meu fim é com os demônios no lago de fogo e enxofre?

Não, não vou temer o homem mal. Não, nem mesmo no vale da sombra da morte temerei o homem mal. Pois seus passos são escritos com violência, mas os meus são escritos com o sangue do cordeiro que livrou o mundo do pecado.

Chegará um dia em que este templo que chamam de Notre Dame, irá sustentar imagens demoníacas e a Ordem irá esconder em suas paredes e portais, maldições e danações, mas hoje eu não faço mais parte disso. Clamei perdão ao meu Senhor pois cego estava quando aceitei erguer uma estrondosa abominação como esta. Não porei mais minhas mãos sobre este lugar e nem tão pouco pedra eu irei alocar aqui. Tão só dobrarei minha cerviz e a Deus irei clamar e anunciar.

A ti, filhos, deixo-vos a única herança que durará para sempre, a ti deixo as minhas palavras pois são com elas que vocês irão moldar o seus caracteres com o querer de Cristo. A Vocês eu deixo os livros dos apóstolos, onde encontrei a Verdadeira Vida e deixo-vos também o livro Israelita chamado de Torah. Do Qual se encontra-se a preparação para a compreensão do livros dos apóstolos. Neste momento em que escrevo esta página,

meus olhos se voltam para o céu e eu clamo a Deus por suas vidas. Que ele lhes dê o caminho para a salvação e que lhe mostre inocentemente a vida eterna. Não lhes deixo prata nem tão pouco ouro, mesmo que tivesse em abundância eu não deixaria, pois o ouro e a prata são como a erva do campo, surge, vive e morre. Como a ave de rapina, que pousa mas quando sente que está prestes a ser abatida pelo predador, voa e não volta mais. Quando formos nos encontrar com Jesus não iremos levar ouro nem prata conosco. O Ouro e a prata não nos ajudará a chegar até os braços de Deus. Nenhuma moeda pode comprar nossa salvação. Deixarei-lhes a verdade, e com ela serão vivos, não só neste mundo de corrupção como também na vida eterna junto com nosso Pai. A Verdade, com ela podeis entrar no reino e ceiar as Bodas do Cordeiro.

Estas linhas são lâmpadas para seus pés. A elas aceitai e por elas morrei se for necessário, mas jamais deixem que lhes roubem-na. Tudo neste mundo podem lhes tirar, mas a salvação ninguém pode. A salvação eterna será o maior tesouro que iremos transmitir a nossos filhos e aos filhos dos nossos filhos. A salvação eterna é o que lhes deixo. Dobrai sua cerviça diante de Jesus e compreendei suas palavras. Minha oração será para Jesus seja para voz amanhã o que ele é para mim hoje. Minha vida.

Com este livro, deixo-vos minha herança e meu Amor.

Maurice de Sully,

Ano do Senhor, 1198 – 10 do mês III.



aris – França
13 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos ficou olhando esta breve introdução do livro. Seria isso mesmo verdade?

Na atual conjuntura dos fatos, desde os códigos até chegar ao mapa. Sim, ele não podia negar que aquele livro era verdadeiro. Não podia ter outra explicação. Por mais que Jean falasse para ele esquecer, aquilo era mesmo uma descoberta incrível.

Ele deu uma rápida olhada nas páginas seguintes, Maurice havia escrito à próprio punho os livros da Torah e alguns livros dos Apóstolos de Jesus. De uma forma vulgar ele tinha nas mãos o Antigo e o Novo Testamento. Ele tinha a própria Bíblia em suas mãos.

Abriu sua gaveta e pegou a sua Bíblia. Abriu o livro de Gênesis e comparou com os manuscritos de Maurice.

Havia uma diferença. O texto bíblico estava exatamente igual, mas Maurice acrescentou algumas explicações. Talvez, pensou Carlos, ele estivesse escrevendo aos filhos e estava lhes instruindo.

Se este livro foi escrito para seus filhos, talvez Maurice julgava que eles não conheciam o evangelho e que, se colocasse todos os comentários necessários, eles teriam uma melhor compreensão.

Carlos achou incrível o zelo que Maurice teve em se preocupar com isso. Talvez Maurice previa um grande mal para sua vida. Então ele escreveu desta forma, pois sabia que não estaria presente quando seus filhos o lêssem. Maurice temia seus seguidores e sabia que eles estavam perto, mas mesmo assim deixou um triunfo para os filhos.

Carlos olhou melhor e notou uma explicação de Maurice sobre a Ordem.

“Filhos, não há outro caminho que nos leve a salvação, que não seja através de Jesus. A tempos eu pensei que a Ordem iria me dar todas as respostas, mas lendo o livros dos Apóstolos eu compreendi, Deus me revelou que a Ordem, nada mais é do que uma sociedade em que seu grandioso nome não é louvado.

Espero que, quando lerem estas linhas, não estejam na Ordem. Clamo ao Senhor para que em sua infinita grandeza não permitam que vocês sejam da Ordem.

Quando eu entrei, achei que estava me relacionando com pessoas cultas e também iria ter conhecimento. Estudei muito e aprendi a arte de construção. Meus mestres me mostraram as vantagens que teria na Ordem. Em todos os lugares do Mundo Novo eu poderia encontrar abrigo e alimento. Aonde houvesse a Ordem, eu teria o que precisasse. Um fraternidade cheia de vantagens. Isso me alimentou os olhos da ganância e minha alma se enchei de orgulho. Eu era um Templário.

Os rituais, tudo o que fazíamos em secreto, achava que nada mudava minha fé em Deus. Mas, a medida em que eu fui conhecendo as raízes da Ordem, comecei a compreender os significados mágicos dos rituais. Desde os segredos até os movimentos que fazíamos. Tudo era invocações e conjuras para que o Grande Arquiteto do mundo pudesse usar do seu poder. Estávamos sendo usados pelo Grande Arquiteto e fazendo sua vontade. Eu achava que o Grande Arquiteo fosse Deus. Como fui ignorante!

Antes da biblioteca ser instalada nas entranhas da Igreja, eu apenas acreditava e ouvia o que os outros me diziam. Dava crédito à lendas e à mentiras. Mas quando os livros chegaram, meu instinto fez procurar a verdade por mim mesmo. Comecei a ler livros dos Grandes Alquimistas da Ordem. Seus feitiços e seus conhecimentos foram absorvidos por mim. Iluministas e filósofos eram minha fonte de busca e pesquisas. Me deliciava com livros de Matemática e fórmulas de ciências naturais. Difícil foi traduzir alguns livros, mas não me dobrei diante deste desafio. Continuei a decifrar, palavra por palavra e o conhecimento foi chegando diante dos meus olhos da mesma forma, palavra por palavra.

Eu compreendia que a Ordem era a resposta para o mundo. Que era uma constituição de Deus e que o Papa era verdadeiramente o homem erguido por Deus para comandar a Ordem. Eu era feliz por estar ali e participando de tudo.

Mas Deus abriu uma brecha neste turvo nevoeiro de mentira e com sua mão me resgatou. Mostrou-me verdadeiramente seu rosto. Um dos livros dos apóstolos chegou em minhas mãos. Devorei-o com toda veracidade que devorava os livros de alquimia.

Quando terminei a leitura, notei que havia algo de diferente naquele livro. Ele era como um ser vivo! Ele não tinha origem nem fim. Era um livro que, diferente dos outros que eu havia lido, falava diretamente com meu coração. Foi como se eu visse o próprio Jesus!

Nenhum outro livro me falou tão profundamente quanto aquele. Depois consegui mais um livro de outro apóstolo e depois mais outro. Cada livro era como um tesouro, até mais do que isso, era como uma fonte de vida!

Quando terminei de ler os livros dos apóstolos, comecei a ler o livro Israelita. A Torah. E, foi neste livro que eu encontrei a ligação com aquilo que os apóstolos escreveram. Apesar de ter sido escrito por pessoas com crenças diferentes os livros eram como um elo de corrente. Eles se ligavam.

Tudo o que havia sido profetizado pelos Israelitas através do seu livro, se cumpria nos relatos dos apóstolos! Era fascinante!

A lei e os profetas de Israel se cumpriam em Jesus!

Enquanto isso, os livros da Ordem me ensinavam rituais e vãs invocações ao grande “G”!

Continuei indo nas reuniões da Ordem, mas dentro de mim algo estava se transformando. Olhava os livros de alquimia e de pensadores Iluministas e via neles grandes pensamentos e grandes histórias, mas quando eu os fechava, eram livros mortos. Mas o livro dos apóstolos não. Abrir um livro dos apóstolos ou até mesmo o livro Israelita era como abrir uma janela através do tempo e me transportar para uma fonte de verdade e paz.

Aos poucos fui aprendendo que Jesus não era apenas aquele homem na cruz, que a Ordem havia me explicado ser. Jesus não era apenas o carpinteiro que a Ordem proclamava sempre nas reuniões e nos rituais: “Em nome do carpinteiro!” “Pela lembrança do

carpinteiro!” Não! Jesus não era apenas um carpinteiro, ele era a resposta para todas as dúvidas do mundo!

Jesus, um homem que mostrou ser verdadeiramente o filho de Deus!

Filhos, como eu gostaria de estar pessoalmente olhando em seus olhos e explicando-lhes cada frase, cada pensamento, cada palavra deste livro que lhes apresento. Gostaria de olhar em seus olhos e ver neles o reconhecimento pela Obra de Jesus, mas não sei se poderei. Tão certo estou, que neste momento há um exército de homens mortos se preparando para se erguerem diante de mim. A Ordem fala mais alto do que a verdade. Jesus disse: “Os homens amaram mais as trevas, porque suas obras eram más.” E assim tem sido com a Ordem. Vejo que mesmo que eu lhes fale do Amor de Cristo e da mentira à qual eles estão vivendo, eles preferem não dobrar sua cabeça. Preferem continuar vivendo nesta vida de gula e avariza, e eu, no silêncio da noite, choro por eles. Clamo à Deus por suas vidas e dobro meus joelhos.

Filhos, Não há verdade na Ordem, não há resposta na Ordem. Somente há mentiras. No começo tudo é bom, há algumas vantagens, mas a medida em que vamos conhecendo a fundo a Ordem, compreendemos que estamos fazendo rituais e paganismos em troca de favores.

Deus não quer isso! “Obdiência quero, não sacrifícios!” Isso é o que ele diz da Ordem.

Filhos, saiam enquanto há tempo. Saiam enquanto ainda é dia, pois quando a noite chegar, quando não houver mais luz sobre o mundo, não será possível ver para onde está se correndo. E é nesta hora em que caímos na cova e não mais conseguimos sair.”

A cada página que Carlos virava, a cada linha que lia, sentia como que se algo estivesse errado. Por que ele falava assim da Ordem? Que mal tem nos rituais?

Pelo que sabia, através de estudos, os rituais sempre foram os mesmos, desde a origem da Ordem. Sempre foram os mesmos rituais e as mesmas regras.

Carlos olhou para o relógio. Já era tarde, já havia escurecido. Ele passou a tarde toda no seu gabinete lendo aquele livro. Não sentia fome nem sono.

Levantou-se um pouco e caminhou até a janela de onde podia ver Paris.

Espreguiçou-se e ficou pensando.

Algo não encaixa! Alguma coisa que este Maurice fala, não encaixa! O que é? O que pode ser?



Paris – França
7 de Novembro de 2001
Catedral de Notre Dame

Querido Bispo Carlos,

Fico feliz em saber que faltam poucos dias para sua viagem. Estamos aguardando ansiosamente sua volta. Esperamos que corra tudo bem em sua viagem e que você esteja bem.

Recebi sua carta e mostrei-a ao Fabrício. Não é porque não somos mais namorados que não nos conversamos mais.

Ele lhe mandou lembranças e disse que quer te ver. Ele disse que não te vê desde o colégio.

Aqui continuo trabalhando bastante. Agora que estamos chegando ao fim do ano, acho que meu trabalho vai dobrar, mas como já marquei minhas férias, não quero ficar muito preocupada com isso não.

No dia 1 de Dezembro já estou indo para Tupãssi. Nada melhor do que a casa da Mamãe para descansar, não acha? Então vou para casa descansar um pouco.

Estou lhe enviando um livro que li, ele é muito bom. Trata-se de um autor evangélico que, acho eu, está começando sua carreira. Apesar do título “O CRENTE” o livro fala muito pessoalmente com quem quer que o leia. Espero que lhe fale bastante também.

Bem, vou ficando por aqui. Espero te ver em breve. Fique na paz de Cristo e que Jesus possa estar sempre iluminando seus caminhos. Eu continuo orando por você.

*Sua amiga,
Raquel.*

P.s.: Leia João 14:6. Deus tem muito a ti falar.



aris – França
14 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos não tirava os olhos dos escritos de Maurice:

“Filhos, não devemos nos dobrar diante de imagem alguma. Veja que Deus não aceita isso: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as adorarás, pois eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.” A Ordem nunca me ensinou isso! Quando eu alcancei o 8º grau de honra, tive que me dobrar diante da imagem do Grande “G”. Era parte do ritual!

Por que estamos caminhando para uma mentira? Pensei. Por que eu estou fazendo isso?

Quando eu li estas palavras de Deus, descobri que não tinha mais motivos para ser membro da Ordem. Mandei então uma carta ao Papa e disse-lhe que não mais me envolveria nos trabalhos da Ordem. Que se quisessem, que mandassem outra pessoa para continuar a obra. Mas eu não iria continuar com a contrução desta ofensa a Deus.

Dias depois veio até aqui o Cardeal Hugo de Visingod e com ele tive uma conversa.

Ele me perguntou porque eu estava fazendo isso, ou o que tinha me levado a escrever aquela carta ao Papa.

Contei-lhe tudo o que havia lido e tudo o que estava acontecendo comigo. Tentei lhe abrir os olhos para que visse ele próprio as verdades do livro dos apóstolos. Mas foi tudo em vão.

Ele se irou contra mim e disse que eu devia pensar melhor.

Fui para meu quarto e orei para que Deus me desse uma resposta.

No outro dia escrevi uma carta a ele e disse-lhe que não voltava atrás em minha decisão. Disse-lhe que em minha vida, importava apenas agradar à Deus e não à homens.

Ele me escreveu em resposta, dizendo minha exclusão seria aceita, desde que eu fosse embora da França.

Não fiz o que ele pediu, e pelo contrário, sai pelas ruas e vielas da vila e proclamei o nome do Senhor à todos que quisessem me ouvir.

Sei que minhas pregações chegaram até os ouvidos de muitos. Logo uma legião de pessoas vinha me ouvir proclamar o nome do Senhor.

Fizemos batismos à margem do Senna e continuei ministrando o livro dos Apóstolos para todos.

Muitos ouviram e vieram para os caminhos do Senhor. Minhas palavras alcançaram multidões. Sem que eu soubesse, elas também chegaram até os ouvidos do Papa.

Logo o Cardeal Hugo estava aqui outra vez. Mas desta vez ele veio com ódio nos olhos.

Deu-me um intimato para que eu ssaísse da França, ou iria sofrer as consequências. Bem, estou aqui até hoje. Não sei até quanto estarei, seu intimato ainda não tomou proporções maiores. Não sei até quando ele irá manter-se na toca, mas sinto que já existem artimanhas sendo preparadas para me derrubar.

Enquanto o Senhor Jesus me der forças eu estarei aqui. Como uma lâmpada pelas ruas da vila. Não descansarei um dia sequer sem ver os frutos do trabalho que o Senhor me deu.

Portanto Filhos, digo-vos novamente que deveis dobrar sua serviz apenas para Jesus e não diante de imagem alguma. Nem mesmo a imagem de Jesus.

Jesus não está morto! Não é um objeto de ferro que precisa de ajuda para se locomover de um lugar à outro. “imagens que possuem boca, mas não falam, olhos mas não vêem” Longe disso está o Senhor Jesus! Longe!

Clamem por Jesus e ele irá lhes mostrar a verdade que ele me mostrou. Clamem por ele e ele será a resposta!”

Durante toda a semana Carlos continuou a ler aquelas anotações. Não julgou necessário ler a Torah nem tão pouco o livro dos apóstolos, pois tinha a sua Bíblia e já a conhecia de cor e salteado. Mas devorou às anotações de Maurice.

Enquanto se preocupava com os estudos da Ordem e da vida sacerdotal, seus pensamentos vinham e voltavam para as anotações.

Pode compreender que Maurice estava sobre pressão. Algo ou alguma força estava lutando para que ele não pregasse o evangelho em Paris. Ele continuava a lutar. Proclamando em todos os cantos da cidade, mas, as conspirações estavam aumentando. Ele não às via, mas podia sentir que algo negro e feroz estava se levantando.

Carlos terminou de ler o livro. A carta final onde Maurice terminava seu manuscrito era tão cheia de sentimentos, que Carlos conseguiu até se imaginar vendo Maurice sob a luz fraca de uma vela, com uma pena à mão e um coração cheio de angústia.



Paris – França
13 de Junho de 1198
Igreja de Notre Dame

Maurice acendeu uma vela. Em pouco tempo o quarto foi iluminado pela pequena luz.

Ele limpou uma mesa, pegou sua pena e um pouco de tinta.

Sentou-se à mesa e em lágrimas angústiantes começou a redigir a última carta de sua vida.

“Meus olhos ainda insistem em verter lágrimas. Enquanto levo a pena a este papel, meu coração sente fortemente o impacto das tribulações.

Filhos, meus momentos estão contados como a areia que escoe de uma ampulheta. Minha alma está angustiada. Pergunto-me à Deus por que os homens são contra sua verdade, por que os homens não dobram sua serviz e adoram o seu nome. Por que os homens buscam somente a violência e as maldições?

É certo que muitas almas estão, neste momento clamando o nome do Senhor. Sei disso e sei também que eles lembram-se de mim em suas orações, mas mesmo assim me sinto angustiado.

Sei que meus algozes estão à caminho. Não estou temendo o que irá acontecer, mas fico triste em saber que não poderei mais falar do amor de Deus ao povo.

Resta-me olhar para Cristo e dizer como o apóstolo Paulo: “Lutei um bom combate, acabei a carreira e guardei a fé.”

Vocês acabaram de vir me beijar e seguir para suas camas, não viram mas eu ainda mantinha meus olhos cheios de lágrimas. Sei que não irie vê-los novamente. Só espero que lembrem-se do rosto do seu velho pai e lembrem-se que vocês são muito importantes para mim.

Obedeçam a sua mãe. Helene sempre foi uma mulher dedicada e amorosa. Ela é como uma coroa de um Rei. Um verdadeiro rei só pode reinar quando for coroado. E sua mãe foi como uma coroa para mim. Enquanto eu ia e pregava para o povo, ela ficava aqui em casa, cuidando de vocês e dobrando seus joelhos por mim, venci muitas lutas porque ela lutou comigo através de suas orações.

Helene é a mais linda rosa que Deus me deu. Nenhuma mulher neste mundo, nenhuma mulher no universo é tão nobre e linda quanto ela. Obedeci-a em tudo pois ela é uma verdadeira dádiva de Deus em suas vidas.

Hoje disse-lhe que guardasse este livro em uma pedra falsa na parede da Igreja. Depois que esta tribulação passar, sei que irão achar e sei que vocês saberão utilizar este livro como uma espada.

Não chorem por mim, estarei nos braços do Senhor. Não temo a morte. Jesus já venceu-a, e eu venci em Jesus.

Ele mesmo passou por aflições maiores e manteve-se firme. Ele teve que pagar o preço para que pudéssemos ter vida hoje. Nunca esqueçam que o sacrifício de Jesus, lá na cruz, trouxe-nos vida.

Aprendam de Jesus pois ele é a verdade, e, vão, vão pelos quatro cantos da terra proclamar seu nome aos homens e para que todos venham conhecer o evangelho.

Os maiores sábios do mundo, aos quais multidões se espelharam e seguiram, não foram capazes de conhecer a verdade. Em suas vãs filosofias, que a muitos enganaram, não conseguiram encontrar a verdadeira resposta para suas indagações, e para as aflições de suas almas. Mas aos simples, aos pobres e aos humildes, a verdade foi revelada com grande glória. Jesus é a verdade!

Por mais que os homens, e, por mais que a Ordem ignore isso, por mais longo e distante sejam seus caminhos e buscas, só poderão encontrar a verdade em Cristo. Chegará um tempo em que eles irão saber disso. Espero apenas que não seja tarde demais.

Não há derrotas com Jesus, ele é nossa vitória e enquanto mantivermos nossos pés aqui nesta terra, sejam quais forem as dificuldades, devemos instruir o povo para que venham conhecer a face de Deus, que é o próprio Jesus.

Adorai ao Senhor Jesus e só a ele servi, Ele será sua vitória e glória.

Buscai conhecer a cada momento sua face e verás que todas as respostas para nossa vida está nele.

Filhos, novamente lhes escrevo, não lhes deixo ouro nem tão pouco prata, mas o que eu tenho de mais valioso nesta vida deixo-vos. Deixo-vos a verdade.

Clamem por Jesus e ele irá concluir a obra em suas vidas. A obra que ele me deu a honra de começar, mas que somente ele pode concluir em nossas vidas.

Espero, um dia lhes encontrar na glória do nosso Senhor.

Com amor, seu pai.

Maurice de Sully, ano do Senhor 1198 – 13 do mês VI.



Paris – França
15 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos estava pásmo.

Nunca imaginou que este livro fosse tão fascinante. Pegou um outro que contava a história da Catedral e procurou o nome de Maurice de Sully.

Havia uma referência no nome dele como: “O Idealizador da Catedral”. Iniciou a construção em 1163. Foi um trabalho árduo.

Maurice trabalhou assiduamente, até que foi constatado como Louco. O livro dizia que uma loucura súbita dizimou Maurice.

Sua família não aceitou sua morte e sua esposa após matar os próprios filhos suicidou-se com uma espada atravessada no estômago.

O livro trazia uma pintura com um suposto rosto de Maurice.

Carlos ficou olhando os olhos de Maurice através da pintura.

— Maurice de Sully... – sussurrou.

Os olhos de Maurice eram olhos cheios de brilho. Como que se ele estivesse vivo ainda. Olhos que transmitiam à Carlos um aspecto de responsabilidade.

Maurice devia ser um homem muito culto. Abrir mão de tudo o que tinha para pregar o evangelho para o povo. Com certeza ele parecia louco aos olhos dos outros.

Mas Carlos sabia que ele não era louco. Ainda mais agora após ler o livro. Via em Maurice um homem que buscava tenazmente a verdade. E amava proclamar ao povo daquilo que buscava.

— A verdade... – Carlos sussurrou novamente. — A verdade...



Paris – França
24 de Outubro de 2001
Catedral de Notre Dame

Na outra semana, Carlos encontrou entre sua correspondência, uma carta de Raquel. Abriu-a ainda à caminho de seu gabinete. Dentro, um pequeno livro e uma carta mais pequena ainda.

Carlos ainda pensava constantemente naquilo que havia lido no livro de Maurice. Continuou seu trabalho normalmente, mas interiormente sua mente voava. Ele pensava sempre nas coisas que Maurice havia escrito. O livro que ele destinou aos filhos nunca chegou em suas mãos.

Ele era um privilegiado. O livro foi destinado à outras pessoas, mas ele é quem o pegou.

Carlos estava travando uma verdadeira batalha internamente. Pensou que até estava se transformando em outra pessoa.

E se as palavras de Maurice fossem mesmo verdade? Carlos estava confuso. Já não rezava mais seu terço matinal. Estava em constante conflito.

Por que tudo isso agora?

Olhava para as imagens dos Gárgulas e para os Santos da Catedral e se perguntava se realmente aquilo não estava errado. Por que nós fizemos estas imagens?

“Não faras para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as adorarás, pois eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração daqueles que me odeiam, mas faço misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.”

Carlos lembrava que desde pequeno havia aprendido a rezar para Nossa Senhora, mas por que tinha que ser assim? Afinal, quem era o salvador? Jesus? Maria? Qual era o papel dos Santos?

Carlos entrou no gabinete. Olhou para os livros que estavam sobre sua escrivaninha. Anos de estudos. Nove como padre e cinco como Bispo estavam ali inanimados e empoeirados nas prateleiras.

Tudo isso entrava em Xequemate com aquilo que Maurice escreveu. Mas, quem está com a razão afinal?

— Raquel...

Pegou uma folha e começou a escrever-lhe uma carta de desabafo.

Querida Raquel,

Peço-lhe desculpas por não estar lhe escrevendo uma carta contando as novidades daqui de Paris, nem tão pouco lhe escrevendo palavras de ânimo.

Tenho buscado em oração uma resposta de Deus para as imensas dúvidas que povoam minha cabeça. Estou num momento em que não sei mais em quê ou em quem acreditar.

Durante toda a minha vida sacerdotal nunca tive tantas preocupações me ocupando a mente. Sempre que tenho problemas, aos poucos eles por si só vão se encaixando, mas este não tem feito a mesma coisa. Toda a vez que dobro o meu joelho, que rezo o meu terço, que comungo ou celebro uma missa, estas dúvidas me atormentam. Não sei mais se a Igreja Apostólica Romana está certa, não sei mais nem se eu estou certo. Tudo isso porque li em um livro algo que mudou minha vida.

Tudo começou com uma brincadeira. Estava sozinho na Catedral quando através da luz da Lua eu pude ver um número na parede.

Entrei em contato com a Biblioteca do Vaticano e procurei por um livro com este número, mas nada consegui. Depois acabei descobrindo um segundo número e então daí por diante foi uma sucessão de acasos que me deixaram até assustados. A interceção dos dois números criou um terceiro código. Consegui encontrar um livro com o tal código. Mas não havia nada de diferente no livro. Porém ao atender um padre que estava no meu gabinete, o livro ficou sobre o efeito da luz da escrivania e acabou aquecendo e um efeito conhecido, que pode ser produzido até com o sumo do limão, fez um mapa surgir.

Andei pela Catedral com o mapa e encontrei numa parede um livro que foi escrito por um dos fundadores da Catedral.

Bem, após esta sucessão de acasos, eu pequei o livro e comecei a ler. O autor colocou em Xequemate tudo aquilo que eu acreditava e tudo o que eu estava vivendo.

Desde então, tenho tido estas dúvidas, não sei mais a quem recorrer. Pensei em falar isso com meu instrutor e amigo, mas estou com medo pois o que aprendi no livro vai de encontro contra aquilo que ele me ensinou.

Estou com medo. Não sei o que fazer, pela primeira vez em minha vida, não sei o que fazer. Preciso de sua ajuda, Raquel, não posso me abrir desta forma, com mais ninguém.

Por favor me ajuda. Reze por mim e me diga o que você sabe sobre os Cavaleiros Templários e sobre a Igreja Católica. Você deixou de ser católica, por que? O que houve? Me ajude, por favor.

Novamente peço lhe desculpas, mas nesta carta, preciso de sua ajuda.

Carlos.

Carlos rapidamente envelopou a carta e ele mesmo foi levar até a caixa de correio.



Paris – França
18 de Novembro de 2001
Catedral de Notre Dame

Querido Carlos,

Primeiramente gostaria de lhe dizer que não se preocupe. Jesus está contigo e eu estou orando para que ele tenha misericórdia de ti. Tenha um pouco de paciência e ele irá lhe ajudar.

Sobre sua carta, eu não fiquei surpresa, nem tão pouco assustada. Na verdade esperava que você me perguntasse isso. À anos eu aguardo uma carta sua me perguntando porque eu deixei de ser católica.

Bem, vou começar do princípio..

Como sabe, sempre fui católica. Mas um dia eu estava andando pelas ruas de Tupãssi. Era uma tarde quente, como sempre faz aqui.

Era uma tarde tranquila também. E ao passar por uma rua eu ouvi um canto que falavam palavras bonitas, nunca esquecerei esta letra: “Foi na cruz, foi na cruz que um dia eu vi, meus pecados castigados em Jesus...” Você deve ter ouvido alguma vez.

Bem, a musica tocava docemente e eu segui o som. Estava um pouco triste e me sentia sozinha.

Cheguei diante de uma igreja. Era uma igreja evangélica! Torci o nariz e fui embora, imagina se eu iria entrar num lugar cheio de crentes!

Continuei caminhando, mas antes de chegar na esquina, peguntei a mim mesma:

— Por que não?

Voltei e com toda coragem entrei na igreja. Todos ficaram me olhando, afinal eu era um rosto estranho ali.

Assim que sentei-me, eles terminaram uma estrofe da música e por fim pararam. O Pastor da igreja, sorriu para todos e pediu para que eles abrissem suas bíblias no Livro de Mateus, no capítulo 4.

Começou a pregar sobre aquilo que Jesus havia falado. Sabe, as palavras vieram de encontro com o meu coração de uma forma tão forte que senti-me mais triste e angustiada.

Por fim o Pastor perguntou se alguém queria uma mudança de vida. Eu já estava chorando pelos problemas que estava enfrentando e principalmente por estar me sentindo tão só.

Ergui meu braço e caminhei até o púlpito.

Foi como se eu visse Jesus estender suas mãos para mim. Chorei.

Chorei não mais de tristeza ou amargura, mas sim por felicidade. Pois o Jesus que eu conhecia e pensava que estava morto lá na cruz, na verdade estava vivo e estava ali, diante de mim!

Foi uma experiência única na minha vida! Nenhuma palavra que eu possa escrever será capaz de transmitir o que eu senti. Somente uma pessoa que tem este encontro com Jesus é capaz de compreender o tamanho da transformação. Foi a sensação mais maravilhosa que senti em minha vida.

Descobri naquele momento que eu precisava fazer uma mudança em minha vida.

Sabe, tudo era novo para mim, e me senti confusa também. Mas Deus foi me instruindo e aos poucos eu fui vendo a sua verdade. Comecei a ler a Bíblia novamente e pareceu-me totalmente diferente. Foi a mesma sensação de receber uma carta exclusiva e pessoal de Deus. As palavras, as profecias, as parábolas, tudo se encaixava em minha vida de uma forma tão grandiosa que eu dobrava meus joelhos e me deliciava em sua leitura.

Confesso que tudo isso aconteceu gradativamente, não foi como um relâmpago, mas aos poucos, aos poucos como se eu começasse a aprender a andar novamente.

Deus foi cuidando de mim de uma forma maravilhosa, eu nunca mais me senti sozinha outra vez. Nunca mais me preocupei com os problemas, Pois agora, sempre que tinha um, Jesus tomava-o de minhas mãos e resolvia-o para mim. A única coisa que eu fazia por ele e não era nada mais do que ele me pedia, era orar pelas pessoas e falar do seu amor à elas.

Continuei lendo a Bíblia constantemente, e aos poucos Deus foi me revelando as palavras de vida que ele queria que eu soubesse. Até hoje, quando leio, a todo o momento aprendo coisas novas e maravilhosas.

Nunca tive oportunidade de te falar isso, eu achava que você fosse se ofender se lhe escrevesse assim, então apenas dobrei meus joelhos e fiz como Jesus me disse para fazer. Ele me instruiu para que eu apenas continuasse a orar por você. Ele iria preparar a oportunidade e ele iria dizer, na hora certa, no momento certo, que eu devia lhe falar o que estou lhe falando nesta carta.

Gostaria que você estivesse aqui, assim eu falaria tudo isso olhando em seus olhos. Mas como isso é impossível, esta carta me ajuda.

Assim, por ter conhecido Jesus nesta forma tão poderosa de vida, eu deixei a Igreja Católica. Pessoalmente, eu não consegui nem tão pouco nunca fui ensinada a buscar Deus como aquela pequena igreja evangelica me ensinou. Nunca tive uma explicação assim na Igreja Católica. Voltei outras vezes nas missas, mas ao invés de paz e de palavras de vida, encontrava apenas tristeza e mais vazio.

Tão diferente da igreja evangelica. Lá eu realmente via Jesus transformar vidas, mas ali na Igreja Católica não via isso, mas via pessoas vazias entrarem e saírem sem que nada fossem lhes acrescentadas.

Não era este lugar que eu queria ficar, mas sim num lugar onde eu pudesse aprender mais de Deus e até ser instruída por ele. Mesmo que ele me desse uma bronca! Pois sei, hoje eu sei, que todas as repreensões que Jesus me deu, foi por amor e para que eu moldasse meu caráter conforme sua palavra.

Assim, querido Carlos, por mais que você tenha se embrenhado por um caminho escuro e perigoso, Jesus está lhe trazendo devolta, ele irá lhe conduzir para sua verdade.

“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.”

Jesus jamais negou um coração contrito. Peço que você, neste dia, se realmente quer conhecer a verdade que só Jesus possui, se você realmente quer ter vida abundante! que você quando estiver fazendo suas orações, ao invés de fazer suas repetitivas rezas que sempre faz, fale diretamente para Jesus, não com palavras repetitivas, mas com aquilo que está preocupando o seu coração. Confesse para ele. Ele irá te conduzir para a luz.

Vou estar orando por você. Mesmo que não me escreva mais, mesmo que se sinta ofendido com esta carta, estarei orando por você.

Carlos, podemos fazer tudo neste mundo, podemos inventar um monte de desculpas, podemos dizer que não temos tempo, que não acreditamos, que não nos importamos com isso, mas tudo o que fizermos e tudo o que falarmos não será suficiente para esconder nossos corações de Jesus. Carlos, ele sabe de tudo e ele conhece o seu coração. Você pode pensar que não, mas Jesus te conhece, ele te conhece desde antes do seu nascimento.

Cedo ou tarde nós iremos reconhecer que ele é o Senhor, cedo, ainda em vida, lhe aceitando ou tarde, quando não pudermos mais mudar a nossa opção. Clame por ele neste dia, e sei que ele irá lhe dar todas as respostas. Sei que ele está aguardando você. Ele está te esperando desde quando ele subiu naquela cruz e morreu por você. Ele, diariamente anseia por este encontro contigo. Clame à ele, Carlos, tenho certeza que ele não irá lhe abandonar e não irá te confundir. Ele irá lhe mostrar a verdade.

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao pai, senão por mim.” (Jo 14:6)

*Deus te abençoe,
Raquel*

Carlos releu a carta. Tudo parecia tão fácil, mas não era assim que ele se sentia. Por que será?

A angústia ainda não o havia deixado em paz. Levantou-se e novamente contemplou Paris pela janela.

— Por que tudo é tão estranho? Por que este nó não quer desatar em minha cabeça? Senhor! Por que?

Caminhou até a porta e trancou-a. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Dobrou seus joelhos no chão do seu gabinete, e entre lágrimas orou à Deus. Não como todos os dias fazia, desta vez ele falou com Jesus como se ele estivesse presente naquela sala.

— Senhor, Tenha misericórdia de mim! Sou tão pequeno, penso que conheço sua face, mas, quanto mais busco você, mas eu descubro que tu és grande, e que sou tão insignificante e pequeno! Senhor, o que está acontecendo comigo? Por que estas coisas estão acontecendo? Por acaso eu não tenho lhe servido todos os dias de minha vida? Por acaso eu não te conheço o suficiente? Senhor, tenho dúvidas. Meu coração está cheio de dúvidas, já não sei mais em quem acreditar, não sei se o que li escrito por Maurice é verdade, não sei se o que Raquel me escreveu é verdade, não sei se a Igreja Católica é verdade, não sei se a Ordem é verdade, Jesus, por favor, mostre-me sua Verdade!

Seu choro tornou-se mais intenso.

— Não quero mais ser um escravo da rotina! Não quero mais viver se não posso conhecer sua face! Não quero mais erguer minha cabeça, se não for para fazer a sua vontade. Mas, Senhor, estou tão confuso, tão confuso que não sei o que pensar. Preciso de ajuda, Senhor, preciso da sua mão sobre a minha vida. Ajude-me Senhor Jesus! Ajude-me a encontrar o caminho certo!

Não me deixe perecer, não me deixe caminhar pelo caminho errado. Mostre-me, Senhor, o seu rosto. Mostre-me, Senhor a sua face!

Carlos continuava a chorar, continuava a de joelhos, seu choro tornou-se como um gemido. Sentiu como que um arrepio percorrer sua espinha.

Ainda de joelhos, senti-se como que não estivesse mais sozinho no gabinete. Como que uma nuvem estivesse envolvendo todo o seu corpo.

Continuava a clamar à Deus.

— Senhor, mostre-me sua verdade... Senhor, mostre-me sua verdade...

Uma sensação de paz e de alegria começou a invadir sua alma.

Ele continuava em choro, a clamar.

Novamente um arrepio e uma sensação de alegria tomou conta do seu corpo. Ele continuava a orar, mais intensamente.

Já não conseguia mais parar de clamar. Seu clamor tornou-se tão instenoso que ele já não produzia mais palavras, mas apenas sons saiam de sua boca. Sons que ele mesmo não estava entendendo.

— Tu és maravilhoso, Senhor! Tú és digno! Tú és santo! Só o seu nome é santo!

Continuou a invocar o nome de Jesus. Clamava e chorava. Já não existiam mais preocupações em seu coração, apenas se deliciava com a oração. Uma oração que ele não queria parar nunca mais!

— A tí, Jesus é o meu louvor! Digno de honra e glória e poder!

Carlos continuou orando. Estava sentindo-se maravilhosamente bem. Era como que um sonho! Parecia que de dentro do seu coração transbordavam rios de alegrias!

Continuou assim a invocar o nome de Jesus ainda por um longo tempo. O mundo poderia acabar, a Catedral de Notre Dame poderia vir à baixo, nada importava mais, agora que ele estava diante de Jesus, a única coisa que ele podia fazer é louvar e adorá-lo, esta foi a melhor sensação que já havia sentido em toda a sua vida.

Jesus estava presente ali. Ele podia sentir a presença reconfortante. Podia sentir como que alguém lhe abraçando e dizendo: “Não se preocupe, você não está só! Eu sou Jesus, e estou com você agora! Estou com você até o fim da sua vida!”



ascavel – Paraná – Brasil
29 de Novembro de 2001
Casa de Raquel

Querida Raquel,

Estou às vésperas de viajar para o Brasil. Mas mesmo assim gostaria de lhe escrever para que esta carta chegue antes de mim. E, se Deus me chamar à sua glória antes da viagem ao Brasil, pelo menos esta carta estará chegando e eu poderei saber que alguém sabe toda a verdade sobre aquilo que Deus fez em minha vida. E, não há pessoa melhor no mundo para eu contar isso do que você.

Sua carta me foi muito útil. Aprendi com ela e confirmei assim, que tudo o que Maurice havia escrito em seu livro era a mais pura verdade. Não adianta eu ficar inventando regras ou tão pouco, impensáveis para acreditar naquilo que é a mais pura verdade. Não quero mais viver cegamente, como se não soubesse de nada.

Posso até ser um pouco intransigente, e sei que meus amigos padres e do sacerdócio não irão mais me escrever, e se eu os encontrar pelas ruas, não irão me dirigir palavra alguma. Sou considerado como a escória da igreja agora. Mas diante de tudo o que senti, isso não é mais importante.

Tive a minha própria experiência pessoal com Cristo. Dobrei meus joelhos e clamei pelo seu nome. Somente ele sabia a angústia que esmagava meu coração. Não aguentava mais ficar brigando e defendendo os solfismas inúteis da Ordem e da igreja.

Jesus me mostrou que a simplicidade do seu amor, é mais forte e mais poderoso do que tudo que nós homens possamos criar e acreditar.

Escrevi uma carta ao Papa lhe agradecendo por tudo que ele havia feito por mim. Pedi minha exclusão da Ordem. Ao invés da exclusão, o Papa me enviou um Cardeal para averiguar o que estava acontecendo comigo.

Falei com o Cardeal, agradei sua visita, mas decididamente eu não posso mais voltar à trás, Entreguei minha vida ao Senhor Jesus e a ele eu dei o domínio do meu Futuro. Nada pode me prender aqui em Paris agora.

O Cardeal, desapontado, pediu para que eu de próprio punho assinasse uma carta de exclusão. Fiz com maior alegria.

Não pense que eu fiz algo precipitado, não. Desde que sua carta chegou, continuei orando e clamando por Jesus, ele foi me mostrando tudo o que estava errado e toda a sua verdade. Optei pela verdade, mesmo que para isso eu tivesse que jogar para cima tudo o que acreditava, desde a minha infância.

Orei, busquei orientação e Jesus me mostrou o caminho que eu devia seguir. Não podia mais condizer com aquilo que estava pregando. Eu estava me enganando. Sua palavra era clara quanto aos mandamentos. Não adiantava nada eu dizer que estava servindo à Deus se não observava seus princípios. E, optei por ser um homem de princípios.

Agora, enquanto preparo minhas malas para definitivamente voltar para o Brasil, sinto uma paz abundante em meu coração. Como se eu acabasse de acordar de um sonho. Como se eu realmente tivesse uma vida nova! Como que nascido denovo!

Penso na vida nova que vou começar. Sei que talvez seja uma vida difícil e encontre um terreno árido para o trabalho, mas não posso mais voltar atrás. O próprio Jesus disse isso: “Quem pôr a mão no arado e olhar para trás, não é digno de mim.”

E eis que estou com a mão no arado. Todo o paganismo católico ficou para trás, todos os rituais da Ordem também. Não me interessa fazer mais parte de uma sociedade onde o nome de Jesus é blasfemado. Sou do time de Jesus agora e ele está comigo. Se alguém é contra ele, também é contra mim.

Como disse, agora estou virando uma nova página na minha vida. Ainda não sei o que irei fazer quando chegar ao Brasil, principalmente agora. Mas Deus sabe o que faz e sei que ele tem já algo preparado para mim.

Aqui na Catedral de Notre Dame, sempre recebo visita de padres. Assim que a notícia da minha exclusão apareceu nas igrejas da região, Notre Dame anda cheia de curiosos.

A todos eu tenho contado o que me aconteceu. Muitos, à olhar em seus olhos, pude ver que serei para eles apenas mais um e não serei mais digno de suas amizades, acham que eu vou purgar anos no “Purgatório”, outros porém, pude ver latente o mesmo sentimento de angústia que à dias me atormentava. Alguns até me pediram para orar por eles.

Na verdade tenho orado à todos. E vou continuar a orar mesmo que chegue ao Brasil. Tenho o endereço de todos e vou lhes escrever sempre que puder. Acho que eu terei bastante tempo para isso agora.

Assim, vou terminando este pequeno relato. Espero lhe ver em breve para poder conversar com você melhor e lhe contar tudo o que aconteceu, com toda a riqueza de detalhes.

Fico por aqui, na graça e na proteção do meu amigo, Jesus.

Deus te abençoe e continue orando por mim. Jesus há de se revelar poderosamente em nossas vidas, e ele irá nos revelar sua face cada vez mais.

Seu amigo,

Carlos



Paris – França
14 de Novembro de 2001
Catedral de Notre Dame

Carlos,

Não pude acreditar nas histórias que chegaram até meus ouvidos. A princípio achei que eram apenas boatos, mas agora ao receber sua carta, confirmo que não posso lhe dar crédito.

O que aconteceu? Que história toda é essa que você me contou em sua carta? De que estamos errados? Como assim?

Peço à Deus que me dê uma resposta, pois estou achando que você perdeu o juízo. Como pôde jogar para cima assim sua batina? Sua vida sacerdotal?

Você está negando aquilo que você é? Você está negando a si mesmo?

Que Nossa Senhora não esteja vendo aquilo que você está fazendo. Eu tomei o cuidado de queimar esta carta que você me enviou. Não posso deixar ninguém ver uma blasfêmia como esta.

Como você ousa a dizer que Nossa Senhora não é digna de adoração? Que os Santos não devem receber velas e tudo mais? Baseado em quê você diz isso?

Aqueles versículos que você escreveu, ora Carlos, Deus se referia aos ídolos pagãos e não à Igreja Católica. E o Papa? Como você diz que ele não está no trono de Pedro?

Carlos, sinceramente estou preocupado contigo meu amigo. Que loucura! Não tenho outra palavra para descrever isso. Tudo é uma loucura!

Você assinou mesmo a carta de exclusão do seu bispado?

Estou aguardando ansiosamente sua chegada no Brasil. Assim que chegar, por favor me ligue. Temos que marcar um encontro. Preciso ouvir da sua própria boca aquilo que eu não acreditei em sua carta.

Me ligue assim que chegar.

Estou rezando para que você abra os olhos e enxergue o lamaçal em que está entrando.

Sinceramente, Seu amigo,

Pe. Marcelo R.



oledo – Paraná – Brasil
4 de Dezembro de 2001
BR369

Carlos olhava pela janela o filme que estava acabando.

Lembrar o passado às vezes é doloroso, mas também é uma forma de analisar sua vida para escrever mais uma página no futuro.

“Nous sommes la Raison!”

Quantas vezes acreditou que era realmente a verdade?

“Nous sommes la Raison!”

Maurice conseguiu o que queria.

Não foram seus filhos que encontraram o livro, mas Carlos. Ele agora era eternamente grato àquele homem que idealizou a Catedral de Notre Dame. Maurice realmente conseguiu ser uma luz que atravessou vários séculos e que se mostrou viva. Mesmo depois de morto ele ainda conseguiu gerar frutos.

Carlos ficou imaginando ver Jesus olhar para Maurice, e sorrindo lhe dizer:

— Você fez um bom trabalho!

Um bom trabalho. Realmente Maurice fez um bom trabalho.

Carlos lembrou-se das reuniões da Ordem, da sua ordenação sacerdotal, dos dias em Turin e depois em Paris. Todos estariam guardados em sua memória. Como um livro cheio de páginas e imagens.

Raquel...

Nem mesmo o tempo foi capaz de fazer esquecê-la. Nem mesmo sua vida sacerdotal foi capaz de fazer ele apagar da memória, aquele rosto tão lindo.

E sua carta, sua carta, foi mais poderosa do que todos os livros que ele havia lido. Ela estava no lugar certo e disse a coisa certa e na hora certa.

Carlos não via a hora de poder falar-lhe novamente.

Ainda olhando a vegetação que passava rapidamente com o movimento do ônibus, Carlos se atreveu a fechar os olhos e a dar um largo sorriso.

Enfim, seu coração estava em paz.



oledo – Paraná – Brasil
4 de Dezembro de 2001
BR369

O ônibus continuou seguindo seu caminho rumo à Tupãssi. Carlos aos poucos foi notando na vegetação algumas casas e algumas árvores familiares.

Estava chegando perto.

Seu coração começou a bater apressadamente. Breve ele estaria colocando seus pés na sua terra natal. Breve ele poderia respirar funto e sentir o aroma familiar do seu passado.

Agora mantinha os olhos atentos, vendo as alterações que a paisagem, ao longo dos anos obrigou-se sofrer. Muitos lugares que antes eram apenas mato e árvores, agora já eram postos de gasolinas, escolas, igrejas, casas e lojas.

É apesar de ver lugares familiares, muitas coisas haviam mudado mesmo.

Carlos ficou entertido nestas visões e mal notou quando já estava chegando na rodoviária da cidade. Viu uma pequena aglomeração de pessoas, mas achou normal.

Quando desceu do ônibus é que compreendeu tudo.

Estava sendo aguardando.



upãssi – Paraná – Brasil
4 de Dezembro de 2001
Rodoviária

Carlos mal pode reconhecer os Rostos. Muitos deles eram iguais aos que ele havia deixado, é claro, mas a grande maioria havia mudado.

Ele pensou que os outros também estão pensando o mesmo à seu respeito.

Cumprimentou parentes, familiares, amigos até pessoas que ele nunca tinha visto. Tudo estava valendo. Estavam esperando ele chegar, afinal. A festa era para ele.

Carlos sentia-se feliz em saber que várias pessoas ainda se lembravam dele e vieram lhe receber. Talvez isso seja característico de cidade pequena, mas ele não esperava tanta gente.

De repente, no meio da multidão, ele vê um rosto conhecido.

— Raquel!

Raquel não havia mudado nada. Parecia que o tempo não surtia efeito sobre ela. Lá estava novamente aqueles olhos verdes e aquele rostinho lindo.

É certo que já não era mais aquela adolescente que ele conhecia. Agora era uma mulher formada com curvas bem definidas e um olhar que revelava muito conhecimento.

Ela sorriu.

Ele sorriu.

Abraçaram-se.

Por um segundo, Carlos pensou que nunca deveria tê-la deixado.

Mais pessoas vieram cumprimentar Carlos, mais sorrisos, abraços e alegrias.

Por fim Carlos seguiu para casa.

Entrou no carro de um amigo e seguiu para lá. Novamente ele olhava pela janela lugares familiares, novamente lugares novos, até que seus olhos visualizaram a entrada inconfundível da Chácara.

Seu coração novamente se acelerou.

O Carro parou.

Sua mãe saiu de dentro da casa. Carlos sentiu o coração se encher de felicidades. Correu e abraçou-a. Após ela, seu pai.

Carlos entrou com os dois para dentro e em seguida suas malas chegaram.

Enfim, em casa.



Tupãssi – Paraná – Brasil
11 de Dezembro de 2001
Casa de Carlos

A semana transcorreu sem mais problemas para Carlos. Após ter contado toda a história para seus pais.

Sua mãe à principio não gostou do que ouviu. Mas Carlos foi explicando detalhadamente tudo o que se passara e então ela aceitou esta mudança de vida.

Ficaram felizes em saber que Carlos voltava para ficar definitivamente em Tupãssi.

Tantos anos longe, tanta saudades. Carlos não queria se distanciar de seus pais novamente.

Após um longo café, Carlos e seu pai saíram pela chácara para conversar e ver as criações.

— Filho, confesso que fiquei um pouco surpreso com esta sua mudança...

— Não imagina como eu fiquei. – completou Carlos.

— O que você vai fazer agora? Pretende trabalhar em algum lugar, vai trabalhar aqui na Chácara? Estou mesmo precisando de ajuda.

— Pretendo ficar em casa, pai. Fiquei muito tempo longe daqui. Vou fazer um pouco do que eu aprendi. Ainda me lembro como cuidar das lavouras, do gado e ainda sei aplicar adubo.

Carlos notou o velho trator.

— Eu não acredito. – disse. — O velho Massey & Fergusson ainda está aí?

Seu pai sorriu.

— Ele ainda funciona?

— Peffeitamente.

Carlos subiu no trator e deu ignição no motor. O velho trator resmungou por ter acordado do sono e começou a trabalhar.

— Que beleza! – disse Carlos admirando o trator.

— Certas coisas, nunca mudam...

— É, - disse Carlos pensativo à seu pai — Certas coisas por mais que passam os dias, nunca mudam...

Carlos desligou o motor e desceu do trator.

Continuaram conversando e andando pela pequena chácara. Carlos estava realmente feliz. Uma paz inundava todo o seu coração.

— Não está triste por tudo isso, não é pai? – perguntou ele.

Seu pai parou a caminhada. Virou-se para Carlos e apoiou a mão no seu ombro.

— Filho, nunca ficaria triste contigo. Sendo você um Padre, um Bispo, um Papa, um Advogado ou quem quer que seja. Você é o meu filho, não me

envergonharia nem tão pouco ficaria triste com aquilo que eu criei e eduquei. Sei que você tomou a decisão certa. Você, antes de ser um Bispo, é o meu filho e se meu filho toma uma decisão, eu o apoiarei. Seja esta decisão, qual for. Não posso interferir de forma alguma. Toda a decisão, tem de ser pessoal, e sei que você fez o que era melhor para você.

Carlos ficou feliz em ouvir isso. Estava um pouco apreensivo com o que os seus pais estavam pensando sobre esta sua mudança.

— E a mãe? Ela esperava um Bispo, não esperava?

Carlos olhou para longe a procura de uma resposta.

— Não. — seu pai disse.

Carlos olhou-o nos olhos.

— Ela é como eu, ela esperava que seu filho voltasse para casa com um novo e digno caráter. Ela sabe que você tomou a decisão certa também. Ela apenas demora um pouco mais para compreender, mas sei que no fundo, para ela, você ainda é aquele adolescente que corria pela chácara à dez anos atrás.

— Será que ela está triste?

— Acredito que não. Ela sempre imaginou que um dia, de alguma forma ela teria seu filho adolescente de volta.

Ambos riram.

Continuaram andando e por fim voltaram. Estava na hora do almoço e Carlos aguardava a visita de Raquel.

Quando estavam chegando perto de casa seu pai lhe fez uma pergunta que Carlos nunca imaginou ouvir dele.

— Você ainda gosta dela, não gosta?

Ambos avistaram Raquel descer do carro e entrar na casa.

Carlos ficou pensando um pouco.

— Acho que nunca deixei de gostar. — respondeu ele sorrindo — Certas coisas, nunca mudam...



upãssi – Paraná – Brasil
11 de Dezembro de 2001
Casa de Carlos

O almoço foi maravilhoso. Carlos continuou a relatar os lugares por onde havia passado, as pessoas que havia conversado, as coisas que tinha aprendido e as culturas que havia observado.

— ...e o mais engraçado. – continuou ele — É que quando cheguei em Paris, fui para o meu quarto para tomar uma boa tucha quente. Então eu constatei que não havia banheiro no meu quarto. Perguntei à um padre que passava no corredor. “Onde eu posso tomar banho?” ele me olhou de cima à baixo e perguntou: “Aconteceu algum problema?” Eu não entendi de imediato. Falei para ele: “Por que?” e ele me respondeu: “Hoje ainda não é Sábado!”

Todos riram.

— Olha, - continuou ele — foi difícil conseguir um quarto com banheiro. Imagina que eles passam a semana toda sem tomar banho! É por isso que os perfumes franceses sempre são os melhores. Se um francês não usar perfume, você não aguenta ficar ao lado dele, nem por um minuto! Cada cultura com a sua mania!

Carlos continuou a contar tudo o que havia aprendido e que teve que descobrir. Todos ficavam atento ouvindo ele enquanto gesticulava e contava.

Por fim, após o almoço, seu pai seguiu para uma rede e tirou uma soneca. Carlos e Raquel recolheram a louça e começaram a lavar. Sua mãe sentou-se no sofá e de longe ficou à admirar o casal.

Carlos e Raquel lavavam a louça. Foi ela que começou a falar.

— Então, Carlos, quais são os seus planos para o próximo ano?

Carlos passou a manga da camisa na testa e deixou uma gota com espuma de sabão cair em seu rosto.

Raquel com suas mãos delicadas, limpou-a.

— Bem... – começou Carlos — A princípio penso que vou ajudar meu pai aqui na chácara. Preciso fazer algum exercício físico e cuidar um pouco das plantações vai me deixar de forma rapidinho. Depois, não sei. Vou fazer uns relatórios e quem sabe escrever um livro.

— Um livro?

— É só uma idéia.

— Que boa idéia! Escritor Carlos. Soa bem este nome.

Carlos olhou nos olhos verdes de Raquel e sorriu.

Ela também.

— Está mais para Escritora Raquel do que para Escritor Carlos. – disse ele voltando-se para a louça.

Raquel acabou de secar mais um prato e voltou-se para ele.

— E como vai chamar? – perguntou ela.

- O que?
- O livro!
- Que livro?
- O que você vai escrever!

Carlos sorriu novamente. Ela estava levando a sério mesmo esta história.

— Ei! É só uma idéia!

Raquel sorrindo continuou

— Tudo bem, mas mesmo assim. Como vai chamar?

Carlos pensou por um segundo.

— Não sei muito bem, mas acho que vai se chamar: “O Espírito das Catedrais”!

— Por que? – Raquel ficou intrigada.

— Era assim que me chamavam. – respondeu ele.

Continuaram a lavar a louça até o fim. Carlos então convidou Raquel para dar um passeio pela Chácara. O sol já estava começando a ficar mais fraco. Era uma boa hora para passeio.

Seguiram pelo caminho de pedras até que chegaram perto do lago que determinava a limitação da Chácara.

Carlos e Raquel sentaram-se num tronco de árvore que ficava às margens do lago.

— Carlos, quando foi a última vez que sentamos juntos assim? – pergunto ela.

Carlos estava olhando o lago.

— Acho, que foi na última vez... em que falamos sobre nós. – disse por fim.

Raquel sorriu.

— Acho que faz uns dezesseis anos...

— Dezessete. – corrigiu ele.

— Dezessete?

Carlos sorriu.

— Dezessete anos se passaram desde então. Eu fui embora e conheci o mundo, tornei-me um Bispo de renome na Itália e na França...

Carlos ficou sério e olhou nos olhos dela.

— No entanto... – continuou — nunca consegui esquecer você.

Raquel não tinha palavras. Tudo o que ela esperava ouvir em sua vida, acabara de ser dito. Ela esperou pacientemente e orou pacientemente por este momento. Dezessete anos aguardando a pessoa que ela amava. Dezessete anos lutando e orando por aquele que ela julgava ser o homem da sua vida. E, finalmente ele havia dito tudo o que ela sempre sonhou ouvir.

— Raquel, você...

Ela colocou docemente a mão nos lábios dele. Carlos olhou novamente naqueles olhos verdes dela.

— Eu aceito. – disse ela.

Eles se beijaram.



upãssi – Paraná – Brasil
10 de Janeiro de 2002
Casa de Carlos

Caro Carlos,

Recebi sua carta às vésperas da minha viagem. Fiquei sabendo que está no Brasil, mas o acaso quis que eu resolvesse alguns problemas em Portugal. Como pode ter notado no envelope estou lhe escrevendo daqui.

Assim que o ano iniciou, tive que vir ajudar na preparação para a visita do Papa à Lisboa. Encontrei aqui alguns Bispos da Itália. Lembra-se do Bispo Dom Giorgio? Ele disse que lhe conhecia muito bem. Pois é, fiquei com ele no Seminário de Fátima. Conversamos sobre vários assuntos, inclusive você.

Espero que esteja bem de saúde e que Deus esteja lhe abençoando. Ainda estou lhe devendo aquela conversa para discutirmos sobre esta súbita mudança de rumo que você optou. Ainda acho que foi precipitado o que fez, você tem muito trabalho à fazer e rezo para que tudo se encaixe perfeitamente nos seus devidos lugares e que você volte o mais rápido possível para nós.

Ainda não tive oportunidade de conversar com o Papa. Assim que falar com ele, vou perguntá-lo também sobre você, pois o Bispo Dom Giorgio disse que você e ele eram muito amigos.

Bem, vou estar devolta ao Brasil no mês de Março. Espero que possamos enfim conversar quando eu voltar. Assim que por meus pés no solo brasileiro, vou estar te telefonando.

Como você está? Como se sente? O que tem feito nestes últimos dias? Me escreva enquanto não pudermos conversar.

Estamos aqui agora travando uma corrente de orações por sua vida. Sei que Paris está sentindo muito a sua falta e sei que a Catedral de Notre Dame não é mais a mesma sem você, sei que ela está vazia sem o seu “Espírito”.

Estou lhe enviando uma cartilha com algumas orações. Continue rezando e Deus irá lhe abrir os olhos.

Iremos conversar novamente. Assim que eu voltar, eu prometo. Vou te procurar.

Fica com Deus, e lembre-se que apesar de tudo, ainda sou seu melhor amigo e estou aqui para lhe ajudar.

Não esqueça de me escrever.

Abraços,

Pe. Marcelo R.



isboa – Portugal
25 de Janeiro de 2002
Santuário de Nossa Senhora de Fátima

Caro Padre Marcelo,

Que as misericórdias de nosso Senhor Jesus Cristo esteja sobre sua vida. Que ele possa te iluminar e lhe guardar nos seus braços. Que ele te conduza pelo caminho estreito e encontre a salvação. Pois “longo é o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ela. Mas estreita é a porta e apertado é o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que encontram.”

Bem, quero lhe dizer que você é meu amigo, e não é por que eu “abandonei a batina” como dizem, que eu iria deixar de lhe escrever.

Gostaria de lhe dizer que minha vida sofreu uma transformação tremenda. Conheci verdadeiramente a face de Cristo. Tive uma experiência com Jesus que foi definitiva para que eu tomasse minha decisão.

Não gostaria de lhe deixar triste, mas quero que saiba que não irei voltar atrás em nada do que disse ou fiz, pois foi depois desta decisão que verdadeiramente encontrei a paz.

Uma paz que sei, não irá embora jamais. Uma paz que eu gostaria que você sentisse também. Sim, vou aguardar ansiosamente sua volta e vamos enfim poder conversar.

Tenho uma outra novidade, não sei como irá receber esta notícia, mas eu me sinto o homem mais feliz do mundo. Quer saber por que? Vou me casar!

Sei que você está pasmo, e sei que você deve estar se perguntando, com quem?

Use um pouco sua memória e irá descobrir.

Sim, é ela mesmo! Raquel!

Não posso mais esconder de mim mesmo o que sinto por ela, nem tão pouco o que ela sente por mim. Nascermos um para o outro. Deus me escolheu para ela e à ela para mim.

Marcelo, não se turve o seu coração. Não deixe que nenhuma mágoa ou tristeza entre nele por minha causa. Deus tem se revelado em minha vida e tem me mostrado o caminho da felicidade.

Raquel é a pessoa por quem sempre sonhei. Desde que eu entrei no seminário, desde os primeiros dias no sacerdócio eu fazia de tudo para esquecer seu rosto e viver minha vida, mas não pude. Raquel é a flor mais linda que eu já vi em toda a minha vida. Sinceramente acho que quando Deus criou a Raquel ele disse: “Eis minha obra prima!”

Caro Marcelo, obrigado pelo presente.

Estou lhe enviando um pequeno livro que li. Chama-se “O CRENTE”. É interessante e sei que ele irá falar muito ao seu coração.

Vou estar orando por você. Não esqueço de você, nem um dia sequer. Todas as noites quando eu dobro meus joelhos, eu oro por você. Sei que Deus tem um grande propósito em sua vida, sei que você, além de toda a fama que tem aqui no Brasil, vai ser um homem de muita fama também no mundo todo. E você será testemunho do verdadeiro amor de Cristo para o mundo.

Jesus vai abrir-lhe os olhos e você irá ver a sua verdade. Você terá a sua escolha e eu espero que seja a escolha certa. Deixe Jesus falar contigo, Marcelo. Não seja sábio aos seus próprios olhos. Não seja o dono da verdade. Mas busque aprender de Deus.

Uma coisa eu aprendi na minha vida, nunca mais eu irei acreditar numa coisa simplesmente porque meus pais acreditaram, nunca mais eu irei para um caminho só porque todos estão indo, mas irei para o caminho e vou continuar nele, desde que eu saiba que é o caminho da verdade. “Clamei ao Senhor e ele me livrou! Clamei seu nome no dia da minha angústia e ele me mostrou sua face.”

Assim, caro amigo, termino esta carta. Preciso ir de encontro à minha futura esposa, temos assuntos a tratar. Agora que eu estou preparando o meu casamento, não posso perder mais nenhum segundo. Dezesete anos deles já se foram, e não irei desperdiçar mais nenhum.

Fique com Deus, creia em Jesus somente, busque a face dele a cada instante e a cada momento. Ele irá lhe mostrar que sua verdade é absoluta. Que ela é cheia de vida, que sua verdade é capaz de atravessar séculos e permanecer viva, nem mesmo os homens com toda sua tecnologia e conhecimento podem chegar a um centímetro da verdade e da vida que existe em Jesus.

Não perca mais tempo buscando pelo mundo a verdade que só Jesus tem. Os homens que se diziam “sábios” a quem muitos seguiram, viveram toda as suas vidas e não encontraram a verdade. Não seja como eles.

Hoje você tem a oportunidade de conhecer a salvação e ter uma vida com abundância de graça. Se deixar para amanhã, amanhã pode ser tarde. Não espere nenhum segundo sequer. Clame por Deus, peça para Jesus lhe mostrar sua verdade. Ele irá lhe pegar pelas mãos e nunca mais irá te abandonar. Ele andarà com você todos os dias de sua vida, não mais como um morto pendurado numa cruz, com um rosto de dor e de sofrimento, mas como ele é realmente, um homem VIVO e cheio de VIDA. Verdadeiramente você verá a glória de Deus quando você der sua vida para Jesus. Afinal ele morreu na cruz para que você tivesse vida, não só aqui na terra, mas na sua glória também. E não uma vida com tristeza, mas uma vida onde rios de alegrias e abundante graça fluem para transformar todo o seu ser.

*Seu amigo,
Carlos*



Cascavel – Paraná – Brasil
28 de Março de 2003

Carlos e Raquel se casaram em 19 de Fevereiro de 2002. Mudaram-se para Cascavel. Carlos nunca recebeu retorno de Marcelo sobre sua carta. Ficou sabendo que Marcelo retornou ao Brasil, mas este não lhe procurou. Marcelo continuou com seus trabalhos sacerdotais por todo o País. Seu nome, já muito conhecido fez com que gravasse um CD de músicas sacras. Recebeu disco de Ouro, de Platina e logo após, de Platina Duplo.

Nunca mais procurou Carlos nem tão pouco lhe escreveu novamente. Carlos conseguiu um trabalho numa estação de Rádio Evangélica de Cascavel e tem trabalhado assiduamente na divulgação do Evangelho pelo Brasil. Raquel continuou trabalhando no Jornal. Em Setembro do mesmo ano ela ausentou-se do trabalho por estar no quinto mês de gestação. E, em Janeiro de 2003 tiveram o primeiro filho. Carlos e Raquel deram-lhe o nome de Maurice.



Este livro é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com a realidade, sejam em nomes, datas e locais, são meras coincidências.

Bibliografia:

- **Bíblia de Referência Thompson** – *Frank Charles Thompson* – Editora Vida
São Paulo – 1998;
- **Que tem Feito a Religião pela Humanidade?** – *International Bible Students Association* – Brooklyn, N.Y. USA – 1951;
- **Aos Sacerdotes, filhos prediletos de Nossa Senhora** – *Pe. Stefano Gobbi*
Centro Internacional do Movimento Sacerdotal Mariano – Milão
ITALIA – 1986;
- **Mistérios da Catedral de Notre Dame** – *James Smith Ferguson* – Editora
Livre - Rio de Janeiro – 1995;
- **Os Pecados Cardeais** – *Andrew M. Greeley* – Editora Nova Cultural – São
Paulo – 1987;
- **A Armada do Papa** – *Gordon Urquhart* – Editora Record – Rio de Janeiro -
2002;
- **A Ordem dos Frades Menores** – *Frei Dagoberto Romag* – Editora Vozes -
São Paulo – 1953;
- **A História das Religiões** – *Charles Francis Potter* – Tradução *J. de Sampaio
Ferraz* – Editora Universitária – São Paulo – 1944;
- **A Igreja das Catedrais e das Cruzadas** – *Daniel Rops* – *Academia Francesa* -
Editora Livraria Tavares Martins – Porto – 1961;
- **O Franciscanismo** – *Frei Agostinho Gamelli* – Tradução *Mesquita Pimentel* -
Editora Vozes – Petrópolis – Rio de Janeiro – 1944;
- **Os Templários** – *Gilberto Marcos Villeire .:* – Editora Rosa Cruz – São
Paulo – 1981.

Sites:

<http://www.google.com.br>

<http://www.cade.com.br>

http://geocities.yahoo.com.br/abuscadaverdade/frases_geniais.htm

<http://orbita.starmedia.com/~frasez/verdade.htm>

http://www.oadbrasil.org/brasil_4.php

<http://www.curia.com.br/htm/cronograma/comunidade.htm>

<http://www.cea.org.br/ordem3.htm>

<http://www.oad.hpg.ig.com.br/eventos.htm>

<http://www.geocities.com/Athens/Agora/8232/>

<http://www.culturabrasil.pro.br/macon.htm>

<http://www.templarios.net/>

<http://www.ciudadfutura.com/lostemplarios/>

<http://web.jet.es/sotabur/>

<http://www.webtemplarios.cjb.net/>

http://www.geocities.com/nelson_frangoso/notredame.html

http://www.rainhadapaz.g12.br/projetos/musica/historia_musica/notre_dame.htm

<http://www.encyclopedia.com.br/Med2000/Med2000a/Seg18/1g619.htm>

<http://biblioweb.dgsca.unam.mx/tablada/ensayos/laspiedr.html>

<http://www.p5producoes.hpg.ig.com.br/pgcorcun.htm>

<http://www.teaser.fr/~bdebrei/paris01.html>

<http://www.fortunecity.com/skyscraper/email/506/Conteudo/notredame.htm>

<http://webs.demasiado.com/windrose/notre.htm>

Esta obra foi composta para distribuição gratuita
através dos seguintes sites:

www.letrasantas.hpg.com.br

ou

www.seriadespertar.hpg.com.br/catedrais.html

Fale com o autor. Escreva para:

letrasantas@hotmail.com

ou

rogerio.cericatto@bol.com.br

ou ainda use o ICQ:

114441166